IX 9Marcas

IGREJA EM LUGARES DIFÍCEIS

Como a igreja local traz vida ao pobre e necessitado

MEZ McCONNELL &
MIKE McKINLEY

MEZ MCCONNELL &
MIKE MCKINLEY

IGREJA EM LUGARES DIFÍCEIS

Como a igreja local traz vida ao pobre e necessitado



FIEL Editora

“Dois pastores de lados opostos do Atlântico se juntam para compartilhar suas histórias de pastoreio em lugares difíceis. Mike McKinley e Mez McConnell se interessam pelo que a Bíblia diz, se interessam pelas pessoas e se interessam pela igreja local. Suas histórias comunicam amor, alegria, humor e sabedoria. Minha oração é para que este livro convincente e desafiador encoraje outros a batalharem pelo espalhar do evangelho onde hoje não existe testemunho.”

Mark Dever, Pastor Titular, *Capitol Hill Baptist Church*, Washington, DC; Presidente do ministério 9Marcas.

“Mez McConnell e Mike McKinley escreveram um livro do qual precisamos. *Igreja em Lugares Difíceis* veio no momento certo e instruirá uma geração séria sobre como se levar o evangelho e ver a igreja sendo plantada em contextos e situações difíceis. Aqueles que amam a Deus e exaltam sua graça devem ser os mais apaixonados por ver a igreja se juntando nos lugares mais difíceis. Mez e Mike nos estimulam nessa empreitada.”

J. Ligon Duncan III, Chanceler e CEO, *Reformed Theological Seminary*, Jackson, Mississippi “McConnell e McKinley prestam um grande serviço a nós escrevendo este livro acessível, apaixonante e importante. Raramente encontro algo para ler que mistura ambição pelo evangelho e realismo determinado. Isso provavelmente acontece porque o material foi escrito por pessoas que o vivem na prática, e não apenas na teoria. Que Deus faça surgir inúmeras pessoas como eles a partir desta obra para a tarefa vital de se alcançar aqueles que raramente são alcançados.”

Steve Timmis, Diretor Executivo, *Acts 29 Church Planting Network*

“Finalmente – um livro acerca deste aspecto vital de missões que é rico em seu conteúdo bíblico, é centrado no evangelho e é focado na igreja! Além disso, é escrito para pessoas cristãs comuns por dois homens que vivem de perto o que escreveram. *Igreja em Lugares Difíceis* é um presente para a igreja.”

Jared C. Wilson, Diretor de Estratégia de Conteúdo, *Midwestern Baptist Theological Seminary*

“Se o seu coração é movido por compaixão pelo fraco e por aquele que sofre no mundo, então você vai querer ler este material. Mas devo alertar de que este não é o livro que você acha que é. Pelo contrário, é o livro que você precisa ler. Mike McKinley e Mez McConnell defendem que, enquanto é cruel ignorar as necessidades do pobre e daquele que está sofrendo, a maior necessidade dessas pessoas é a mesma que a nossa – abandonar o pecado, receber Jesus e crescer na graça e no conhecimento de Cristo numa comunhão sadia de crentes compromissados uns com os outros, debaixo de uma liderança fiel de pastores que se importam com elas e que equiparão a igreja para um ministério contínuo. Tirando isso, estaremos apenas satisfazendo necessidades temporais e não oferecendo esperança para uma vida transformada agora.”

Juan R. Sanchez Jr., Pastor Titular,
High Pointe Baptist Church, Austin, Texas

Igreja em Lugares Difíceis, como a igreja local traz vida ao pobre e necessitado
Traduzido do original em inglês *Church in Hard Places: How the Local Church Brings Life to the Poor and Needy*
por Mez McConnell and Mike McKinley Copyright © 2016 por Mez McConnell e Mike McKinley ■
Publicado originalmente em inglês por Crossway Books, um ministério de publicações de Good News Publishers

1300 Crescent Street Wheaton,
Illinois 60187, USA.

Copyright © 2016 Editora Fiel Primeira edição em português 2016

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios sem a permissão escrita dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

■

Diretor: James Richard Denham III Editor: Tiago J. Santos Filho Tradução: Enrico Pasquini Revisão: Translíteres
Diagramação: Rubner Durais Capa: Rubner Durais
Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-372-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M129i McConnell, Mez

Igreja em lugares difíceis : como a igreja local traz vida ao pobre e necessitado / Mez McConnell e Mike McKinley ; [tradução: Enrico Pasquini]. – São José dos Campos, SP : Fiel, 2016.

2Mb ; ePUB

Tradução de: Church in hard places Inclui referências bibliográficas ISBN 978-85-8132-372-5

1. Trabalho da igreja com os pobres. 2. Igrejas de cidade. 3. McKinley, Mike. 4. Título.

CDD: 261.8/325



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

SUMÁRIO

Prefácio da série

Prefácio

Introdução

PARTE 1: O EVANGELHO EM LUGARES DIFÍCEIS

1 – O que é pobreza?

2 – De que evangelho eles precisam?

3 – Será que a doutrina é realmente importante?

PARTE 2: A IGREJA EM LUGARES DIFÍCEIS

4 – O problema paraeclesiástico

5 – A solução da igreja local

6 – O trabalho de evangelismo

7 – O papel da pregação

8 – A importância da membresia e da disciplina

PARTE 3: O TRABALHO EM LUGARES DIFÍCEIS

9 – Prepare-se

10 – Prepare a obra

11 – Prepare-se para mudar sua forma de pensar

12 – Prepare-se para o ministério de misericórdia?

Conclusão – Calcule o preço... e a recompensa

PREFÁCIO DA SÉRIE

A série de livros **Nove Marcas** se fundamenta em duas ideias básicas. Primeira, a igreja local é muito mais importante à vida cristã do que muitos cristãos hoje imaginam. No ministério Nove Marcas, cremos que um cristão saudável é um membro de igreja saudável.

Segunda, igrejas locais crescem em vida e vitalidade quando organizam sua vida ao redor da Palavra de Deus. Deus fala. As igrejas devem ouvir e seguir. É simples assim. Quando uma igreja ouve e segue, começa a parecer com aquele que ela está seguindo. Reflete o amor e a santidade de Deus e demonstra a sua glória. Essa igreja parecerá com ele à medida que o ouve.

Com base nisso, o leitor pode observar que todos os livros da série Nove Marcas, resultantes do livro *Nove Marcas de uma Igreja Saudável* (Editora Fiel), escrito por Mark Dever, começam com a Bíblia:

- pregação expositiva;
- teologia bíblica;
- um entendimento bíblico do evangelho;
- um entendimento bíblico da conversão;
- um entendimento bíblico da evangelização;
- um entendimento bíblico de membresia eclesiástica;
- um entendimento bíblico de disciplina eclesiástica;
- um entendimento bíblico de discipulado e crescimento;
- um entendimento bíblico de liderança eclesiástica.

Poderíamos falar mais sobre o que as igrejas deveriam fazer para serem saudáveis, como, por exemplo, orar. Mas essas nove práticas são, conforme pensamos, as mais ignoradas em nossos dias (o que não acontece com a oração). Portanto, nossa mensagem básica às igrejas é esta: não atentem às práticas que produzem mais resultados, nem aos estilos mais recentes. Olhem para Deus. Comecem por ouvir a Palavra de Deus novamente.

Um fruto desse projeto abrangente é a série de livros Nove Marcas. Esses livros têm o objetivo de examinar as nove marcas mais detalhadamente, por ângulos distintos. Alguns dos livros têm como alvo os pastores. O alvo de outros são os membros de igreja. Esperamos que todos os livros da série combinem análise bíblica cuidadosa, reflexão teológica, consideração cultural, aplicação corporativa e um pouco de exortação individual. Os melhores livros cristãos são sempre teológicos e práticos.

Nossa oração é que Deus use este livro, e os outros da série, para nos ajudar a preparar sua noiva, a igreja, com beleza e esplendor para o dia da vinda de Cristo.

PREFÁCIO

Uma das marcas mais significativas das últimas duas décadas tem sido o compromisso renovado dos cristãos evangélicos de lutar contra a pobreza. Uma avalanche de livros, palestras e ministérios mobiliza e prepara cristãos para obedecer ao mandamento bíblico: “pratiques a justiça, e ames a misericórdia” (Miqueias 6.8). Essa marca é certamente empolgante, uma vez que cuidar do pobre é uma das tarefas centrais de Jesus Cristo e seus seguidores (Lucas 7.18–23; 1 João 3.16–18).

Infelizmente hoje temos também uma segunda tendência: um compromisso decadente com a igreja local. Embora essa marca seja difundida, ela parece ser mais pronunciada particularmente entre os cristãos mais apaixonados pela justiça social. De fato, é relativamente comum ouvir pessoas que trabalham em tempo integral com a extinção da pobreza expressarem não apenas frustração como também desprezo pela igreja local. Essa marca consiste numa grande tragédia com implicações expressivas – uma das quais o fato de que os esforços renovados para ajudar o pobre estão condenados ao fracasso. Visto que uso aqui palavras fortes, permita-me explicá-las.

A pobreza é um problema profundamente complicado de se resolver. Conforme dissemos no livro *When Helping Hurts (Quando o Auxílio ao Próximo Fere)*, a pobreza encontra-se enraizada em relacionamentos quebrados com Deus, consigo mesmos, com os outros e com o resto da criação. Esses relacionamentos encontram-se quebrados devido a uma combinação complexa do pecado da própria pessoa, pessoas exploradoras, injustiça sistemática e forças demoníacas. Há muito mais do que somos

capazes de enxergar, de forma que as soluções precisam ir além da entrega de sopas, roupas, alimentos, por mais importantes que tais atividades possam ser. Na realidade, o problema da pobreza é tão complexo que um milagre se faz necessário para resolvê-lo.

As boas-novas do evangelho envolvem o uso que o Rei Jesus faz de seu poder e autoridade para vencer o pecado pessoal, as pessoas exploradoras, a injustiça sistemática e as forças demoníacas que compõem a raiz do problema (Colossenses 1.15–20). Somente o Rei Jesus é capaz de fazer tudo isso, e, por esta razão, o pobre – grupo que inclui todos nós – precisa de um encontro profundo com ele. O termo "encontro", não significa um encontro único. Pelo contrário, estou falando de uma conexão profunda e orgânica com a própria pessoa de Jesus Cristo, que salva indivíduos de seus pecados e os conduz a um mundo novo no qual não haverá mais pessoas exploradoras, injustiças sistemáticas ou forças demoníacas… nem pobreza (João 17.20–23; Efésios 1.2–23; Apocalipse 21.1–4). O pobre precisa estar unido com o Rei Jesus, e ele se encontra presente – misteriosa mas verdadeiramente – na igreja (Efésios 1.23).

É simplesmente impossível aliviar a pobreza – *no sentido mais amplo* – *sem a igreja local.*

Consequentemente, se desejamos aliviar a pobreza, precisamos de igrejas nos "locais difíceis" onde o pobre reside. Infelizmente, muitas delas estão longe dos pobres, e as próximas normalmente são despreparadas para um ministério eficaz. E é aqui que entra este livro.

A partir de suas experiências pessoais – tanto como pobres quanto como pastores de igrejas em "locais difíceis" –, Mike McKinley e Mez McConnell fornecem conselhos objetivos para o uso de práticas comuns da igreja – pregação da Palavra, oração, prestação de contas e discipulado – para atrair o pobre ao encontro com o Rei Jesus. Essas atividades "rotineiras" funcionam porque Deus ordenou que funcionassem! Trata-se de técnicas primárias que Deus determinou para atrair as pessoas para o relacionamento transformador com o Rei Jesus e para nutri-las nesse relacionamento. Por isso, os autores são apaixonados em seu desejo de manter essas atividades no foco central, ao invés de relegá-los à posição secundária.

Pode ser que você não concorde com tudo que está escrito neste livro. De fato, eu gostaria que algumas coisas fossem ditas de forma diferente. Mas não deixe que isso o detenha. Mike e Mez falam de algo profundamente

importante – mas cada vez mais ignorado – que é completamente crucial para o avanço do reino de Deus e o alívio da pobreza: como podemos plantar igrejas bem-sucedidas em locais difíceis? Como alguém que dedicou sua própria vida a essa questão da pobreza, sou incapaz de pensar num tópico mais oportuno e importante.

Brian Fikkert
Coautor de *When Helping Hurts: How to Alleviate Poverty Without Hurting the Poor… and Yourself*
Fundador e Presidente do Chalmers Center no Covenant College

INTRODUÇÃO

Duas coisas aconteceram quando eu (Mez) tinha quinze anos de idade: um de meus amigos foi esfaqueado até a morte na rua, e eu fiquei fui à igreja pela primeira vez. Uma igreja local cuidou do funeral do meu amigo.

A construção da igreja era enorme, algo imponente, e construída com tijolos tão vermelhos quanto o sangue do meu amigo a caminho do hospital antes de morrer. Jamais me esquecerei daquela igreja. Ela tinha portas arqueadas de madeira e grades reforçadas de aço em seus vitrais. A torre se sobressaía. E ela se encontrava bem no centro de nosso complexo de casas (os norte-americanos chamam isso de “projetos habitacionais”), cercada por um mar de casas enfileiradas opacas e cinzentas.

A igreja só abria quando alguém morria. Agora alguém tinha morrido. Lembro-me de estar do lado de fora daquela construção numa chuva torrencial à medida que as pessoas carregavam o caixão do meu amigo para dentro da igreja e o entregavam a um Deus no qual nenhum de nós acreditava. Depois daquele momento, eu associava igreja a pessoas mortas.

Por vezes víamos o pastor daquela igreja caminhando até o mercado. Nós normalmente jogávamos pedras e bitucas de cigarro nele. É claro que ele sempre sorria. Isso é o que os pastores fazem, certo? Dar a outra face e coisa e tal? A religião e aquela igreja em particular eram irrelevantes para nós. Nossas conversas sobre essas coisas se resumiam a zombaria. A única coisa boa que aquela igreja dava era um abrigo na laje caso quiséssemos fumar na chuva.

À medida que fui ficando mais velho, esse complexo habitacional piorou. Ao final da década de 1980 e no começo de 1990, as drogas começaram a

transformar todos nós. Amizades de longa data foram destruídas enquanto a ganância nos controlava. As casas ficavam cada vez mais desocupadas conforme as pessoas decentes procuravam fugir de alguma forma. Arbustos e flores foram substituídos por motos ou peças de carros. Os corredores dos conjuntos habitacionais ficaram cheios de lixo, matos e dejetos de animais como evidência de uma degeneração ainda mais profunda.

Mas eu sempre me lembro daquela construção da igreja – vermelha e imponente com a grama milimetricamente cortada, aparentemente imune à desintegração das nossas vidas. Estava sempre vazia e tão morta para nós quanto os sepulcros que a circundavam, mas também era um lugar misterioso para mim e para os meus amigos. Anos mais tarde, quando estava afundado no crack, traficando drogas e sempre me metendo em problemas, eu olhava do oitavo andar do meu prédio, da janela de meu apartamento para aquela construção. Em meio à névoa causada pelas drogas, me perguntava sobre Deus: “Será que ele existe mesmo? Será que se preocupa com pessoas como eu?”. Eu me perguntava por que aquela construção estava ali vazia. Quem sabe o motivo era simplesmente zombar da nossa vida patética? Eu ficava me perguntando por que construiriam um lugar como aquele apenas para os mortos. Se você me dissesse que a igreja local salvaria a minha vida anos mais tarde, eu riria da sua cara. Eu tinha a certeza de que o único momento em que me encontraria na igreja seria dentro de um caixão. Felizmente eu estava errado.

Quem somos nós?

Este é um livro escrito por dois homens os quais acreditam genuinamente que as Escrituras ensinam que o evangelho consiste em boas-novas para o pobre e o necessitado, e que a igreja é para todos em todos os lugares, independentemente do *status* na vida. Sim, muitas igrejas estão mortas, como aquela que fez o funeral do meu amigo. Isso é trágico. Quão importante é, então, para as igrejas que estão vivas para o evangelho, ir atrás do pobre, do marginalizado, do oprimido! Escrevemos este livro na esperança de que a igreja ocidental seja mais eficaz em levar luz aos lugares sombrios e negligenciados que normalmente estão debaixo do nosso nariz.

Estas são minhas raízes. Fui abandonado aos dois anos de idade e educado em uma casa de adoção. Aos dezesseis eu estava integralmente nas ruas. Mas

Deus esmagou meu coração, por meio do testemunho persistente de vários cristãos que me visitaram na prisão, e me salvou. Desde 1999, tenho atuado como pastor/plantador de igrejas envolvido de tempo integral no ministério. Nesses anos, atuei como ministro auxiliar de uma igreja batista de classe média; como pastor de jovens para uma igreja evangélica de bairros pobres; fundei um centro de caridade para crianças e plantei uma igreja para crianças de rua em uma das cidades mais pobres do nordeste do Brasil; e supervisionei a revitalização de uma igreja num dos conjuntos habitacionais mais pobres da Escócia, *Niddrie Community Church*. Sou de baixa estatura, obstinado, apaixonado e desesperado para ver esse tipo de trabalho evidente e ampliado em todas os conjuntos habitacionais da Escócia e do Reino Unido. Sou mais do que feliz por ter me casado com Miriam e tenho duas filhas.

> ***O que é um conjunto habitacional?***
> *Um conjunto habitacional na Escócia é a mistura de um parque para trailers nos Estados Unidos, um projeto urbano e uma reserva indígena norte-americana. Esses conjuntos foram originalmente construídos como moradias para a baixa renda da "nova" classe trabalhadora (após a Revolução Industrial), substituindo muitos prédios de vizinhanças pobres. Hoje eles são uma mistura de habitação social e propriedade privada.*

Mike McKinley é o pastor titular na *Sterling Park Baptist Church*, uma igreja em revitalização no estado da Virgínia. Diferente de mim, Mike é alto e nem tão obstinado (exceto para questões relacionadas ao futebol americano e ao punk rock). Ele escreveu vários livros é membro da Diretoria da *Radstock Ministries*, uma rede internacional de igrejas plantadoras de igrejas. Mike e sua esposa, Karen, têm cinco filhos de beleza incomum (pelo menos é isso o que ele me diz).

Um aspecto sensacional de ser coautor desta obra é o fato de que viemos de diferentes panos de fundo históricos e experiências ministeriais. A igreja do Mike fica no subúrbio rico de Washington, DC, mas *Sterling Park Baptist* encontrou um ministério frutífero entre uma vizinhança de sem-teto, trabalhadores pobres e imigrantes ilegais. Atualmente eu pastoreio uma igreja em um dos conjuntos habitacionais mais difíceis do meu país e supervisiono vários outros trabalhos através do *20Schemes*, o ministério de plantação da nossa igreja. O projeto *20Schemes* existe para revitalizar e plantar igrejas que

pregam o evangelho nas comunidades mais pobres da Escócia. Se tudo caminhar de acordo com o planejado, nosso grupo irá plantar igrejas em vinte outros conjuntos habitacionais na próxima década.

Nossos contextos são diferentes. Mike trabalha num contexto multicultural, ao passo que eu trabalho num contexto comparativamente monocultural (embora isso esteja mudando). Adicione isso a diferenças culturais entre norte-americanos e europeus – o resultado é uma mistura interessante.

Entretanto, ambos estamos compromissados com o evangelho do Senhor Jesus Cristo como as boas-novas ao mundo perdido. Nós dois estamos compromissados com a igreja local como plataforma e voz a partir da qual as boas-novas são proclamadas, onde os convertidos são discipulados e praticamos todos os elementos da disciplina e da membresia bíblica. Nós não apenas acreditamos na importância dessas práticas como afirmamos a necessidade delas para o nosso trabalho.

O que vem a ser um "lugar difícil"?

Decidimos chamar este livro de *Igreja em Lugares Difíceis*, mas reconhecemos que o termo "difíceis" é usado conscientemente. No Brasil, trabalhei com crianças a partir dos cinco anos de idade que vendiam chiclete para sobreviver. Quando isso não dava certo – e por vezes acontecia – elas eram empurradas para a prostituição por adultos sem escrúpulos. Trata-se de uma vida terrível, que atinge milhões deles ainda hoje. De alguma forma, sim, estamos falando de um lugar "difícil" para se ministrar.

Mas essa é uma avaliação unidimensional. Eu percebo que quando conto histórias como essas a outros pastores eles normalmente dão um tapinha nas minhas costas e dizem algo como: "Muito bom trabalho, querido. Eu seria incapaz de fazer o que você faz. Parece difícil demais". Não me entenda mal. Eu agradeço o sentimento, e é bom receber um tapinha nas costas de vez em quando. Mas eis o meu dilema: de alguma maneira, não é tão difícil assim. Eu diria que até mesmo viver e trabalhar entre os pobres pode ser muito fácil. Por vezes acho que deveria me declarar oficialmente como uma fraude pastoral e dizer aos meus amigos que pastoreiam igrejas em áreas ricas: "Muito bom trabalho, querido! O seu ministério é o mais difícil!".

Quando ouço de pastores batalhando na Europa e nos Estados Unidos em áreas confortáveis, fico arrepiado. Como posso pregar o evangelho numa área onde todo mundo tem um bom salário, um ótimo lugar para viver e possivelmente um carro (ou dois) na garagem? Como romper o orgulho intelectual de uma cosmovisão cuja crença é de que a religião encontra-se abaixo dela e a ciência tem todas as respostas? Como você testemunha numa área onde o preço médio de uma casa está na faixa dos 400.000 dólares? Como você conversa com alguém que não sente que precisa de Cristo pois se encontra completamente distraído com o materialismo? Como fazer o ministério funcionar numa área cheia de bons cidadãos que não traem suas espoas, não espancam seus filhos e não passam a tarde bêbados no sofá assistindo a *reality shows*? Isso sim é difícil. De certa maneira, é ainda mais difícil. Eu diria que é até brutal!

Nos conjuntos habitacionais onde agora pastoreio, sou capaz de conversar sobre Jesus a qualquer momento da minha semana. Posso chamar o homem de pecador, e ele provavelmente concordará comigo. Raramente encontro ateus entre os pobres. As pessoas ali também dispõem de mais tempo para conversar. Eles têm um senso maior de comunidade, pois todos vivem muito próximos. Não se trata de uma cultura de periferia. Se você investe tempo demonstrando interesse neles, eles virão a um evento mesmo sabendo que você pregará contra eles. Obviamente essa não é a realidade de todos. Mas tenciono dizer que trabalho dentro de uma cultura comparativamente aberta ao evangelho. A hostilidade que existe aqui na Escócia é à *igreja como instituição*, pois ela é vista como um *clube de pessoas elegantes*. A parte mais difícil do ministério acontece no discipulado e na disciplina. Em certo sentido, é correto dizer que é mais fácil fazer pessoas entrarem. O problema real é manter a casa limpa uma vez que todos estão dentro.

Nosso ponto com tudo isso é sim dizer que chamamos este livro de *Igreja em Lugares Difíceis* pois ele comunica rapidamente a ideia de que falamos a respeito de plantação, revitalização e crescimento da igreja que alcança os menos favorecidos econômica e socialmente falando. Não temos o desejo de reivindicar exclusividade sobre quem tem o maior desafio em termos de ministério cristão. Quem quer que seja, e onde quer que estejamos servindo ao Rei Jesus, nos regozijemos no privilégio compartilhado que temos.

Por que este livro?

Este é um livro que busca compartilhar nossa convicção de que o trabalho da igreja nesses locais difíceis se faz necessário. Sem dúvida existem pessoas perdidas em locais abastados, e somos completamente favoráveis à presença de igrejas melhores nesses locais. Mas se você nasce, vive e morre num lugar rico nos Estados Unidos ou na Escócia, sua probabilidade de ter acesso a algum tipo de testemunho do evangelho é muito maior. Os conjuntos habitacionais da Escócia, bem como os projetos de habitação e parques para *trailers* nos Estados Unidos estão cheios de pessoas que têm o mesmo relacionamento com a igreja que eu tinha quando mais novo; elas enxergam a igreja como um local para um encontro ocasional, não como um lugar que oferece palavras de vida. A igreja nesse tipo de lugar é amplamente ausente. Quando não é, não raro está tão enferma que acaba se tornando um prejuízo para a causa de Cristo. E isso precisa mudar.

Sendo assim, se você é um cristão se perguntando se será capaz de ajudar a levar o evangelho a um local difícil, esperamos que este livro o empolgue para o que o Senhor tem o poder de fazer através de cristãos comuns em igreja fiéis dentro dessas comunidades. Se você é um líder de igreja e deseja mobilizar seu rebanho para levar o evangelho a um local difícil próximo a você, este livro lhe fornecerá uma lista de itens essenciais e itens a se evitar, para lhe ajudar durante o projeto. Se você é um plantador pensando em iniciar uma nova igreja numa comunidade pobre, este livro lhe fornecerá uma ideia a respeito de como começar e o que mais importa nessa fase. Seja quem você for, esperamos que este livro o inspire a sacrificar seu conforto para ministrar tanto ao pobre perto de você quanto ao fisicamente distante.

Parte 1

O EVANGELHO EM LUGARES DIFÍCEIS

CAPÍTULO 1

O QUE É POBREZA?

Este livro não é acerca da pobreza. Ele trata sobre começar, liderar ou participar de igrejas que alcançam pessoas à margem da sociedade respeitável, pessoas em “lugares difíceis”. Diz respeito a ser parte de uma igreja que alcança o pobre. Sendo assim, entendemos ser válido iniciar pensando sobre o que significa a *pobreza*.

A pobreza pode ser algo complicado de se definir. O ministério da nossa igreja me coloca (eu, Mike) em contato com diferentes tipos de pessoas necessitadas. Num subúrbio próximo, distribuímos alimentos para imigrantes latino-americanos que podem não ter direito legal a pleitear assistência governamental. Em outro subúrbio, trabalhamos com pessoas sem-teto que vivem em abrigos. Em outro, com imigrantes adolescentes “de risco” que frequentam escolas do ensino médio. De certa maneira, estamos aqui falando de pessoas que consideramos “pobres”. Mas, à medida que conhecemos cada uma das pessoas desses grupos, percebemos que a experiência de pobreza deles é complicada.

Certa vez falei com um homem que tinha acabado de chegar à nossa cidade, vindo de uma parte extremamente pobre da América Central. Ele estava faminto e me contou, por meio de um intérprete, que não havia comido nada nas últimas 24 horas. Conforme conversávamos, ficou claro para mim que o homem e eu tínhamos visões completamente diferentes a respeito da condição financeira dele. De acordo com a minha visão, não se alimentar durante 24 horas seria a pior coisa que poderia me acontecer. Jamais fui

forçado na minha vida a passar fome contra a minha vontade. Mas, para aquele homem, isso não era nada incomum. Na realidade, as coisas eram muito piores para ele em sua terra natal. A frustração principal dele não era por não ter encontrado emprego para pagar suas contas; ele estava chateado por não conseguir dinheiro para enviar de volta à América Central a fim de ajudar a família. Por mais difíceis que as coisas lhe fossem naquele momento, ele estava ciente de que tinha acesso a muito mais recursos materiais do que antes em sua vida. Ele não se considerava pobre.

Por outro lado, pense nos frequentadores dos abrigos para os sem-teto. Estamos falando de cidadãos norte-americanos. Em sua maioria, falam inglês, compreendem o funcionamento da cultura norte-americana e têm acesso aos programas assistenciais do governo. Vivem num padrão muito abaixo do que o esperado para suas vidas. Mas, se você parar para pensar por um momento, perceberá que precisamos avaliar um pouco mais sobre por que descrevemos essas pessoas como "pobres". Afinal de contas, eles têm acesso a refeições nutritivas, assistência médica e saneamento básico. Dormem em quartos abarrotados, mas o abrigo é quentinho no inverno e agradável no verão. Têm TV a cabo, luz elétrica e jogos que os mantêm longe do tédio. Se você for rapidamente transportado para as favelas de Nova Déli ou para a zona rural do Zimbábue, jamais achará que a condição dos sem-teto no estado da Virgínia é ruim. O conforto deles é invejável.

Ainda assim, sabemos que os sem-teto norte-americanos são pobres. Negar isso soa como desculpa esfarrapada para evitar oferecer-lhes cuidado e assistência. Afinal de contas, quem de nós em nossas casas e empregos estáveis estaria disposto a trocar de lugar com eles? O que quero dizer aqui é que a pobreza é algo mais complicado do que pode ser superficialmente verificado em dígitos ou cifras.

O que é pobreza?

Nós ocidentais normalmente associamos a pobreza com o acesso a recursos. Temos aquilo que chamamos de "linha da pobreza", um limiar de renda que determina quem o governo considera como menos favorecido. Os políticos e os jornalistas ponderam acerca das várias formas nas quais os pobres carecem de acesso a educação de qualidade, suprimento de alimentos saudáveis, moradias acessíveis e cuidado médico adequado. O discurso público

envolvendo as necessidades dos pobres sempre gira em torno das melhores formas de ajudá-los a obter as coisas de que mais necessitam.

No seu livro extraordinário *When Helping Hurts*, os autores Steve Corbett e Brian Fikkert analisam um estudo conduzido pelo Banco Mundial que pediu aos pobres que descrevessem o significado de ser pobre. Descobriram que a visão que os pobres têm de sua pobreza é muito mais profunda do que uma lista de coisas que estes não possuem. Eles falavam em termos de experiência como incapacidade, desesperança, perda de significado e vergonha[1]. A mera provisão de recursos não reviverá as dimensões mais profundas da pobreza que essas pessoas experimentam.

Pegue como exemplo aqueles que vivem nos conjuntos habitacionais de Edimburgo, num dos quais Mez trabalha. Através da assistência do governo, os que ali vivem conseguem acesso a cuidado médico, moradia, educação e recursos materiais que precisam para alimentar suas famílias. Mas padrões duradouros de vício em drogas, alcoolismo, criminalidade e famílias desestruturadas ajudam a mantê-los nos conjuntos habitacionais em ciclos de pobreza e de miséria. Eles não precisam de pão; eles necessitam de um estilo de vida completamente diferente.

Por esse motivo, nossa convicção é de que as igrejas que se contentam em simplesmente prover assistência material aos necessitados estão perdendo uma oportunidade de ministrar a eles num nível muito mais profundo. O alimento e o abrigo certamente são de grande importância. A questão principal da parábola do bom samaritano ainda persiste: a indiferença para com o necessitado não é algo cristão. Mas o simples recurso material ou a capacitação profissional não satisfarão todas as necessidades dos pobres.

A única coisa singular que a igreja local tem a oferecer às pessoas atoladas na pobreza é o evangelho de Jesus Cristo. O evangelho não é a solução para a pobreza, pelo menos não no sentido de resolver ou remover todos os vários problemas que o pobre enfrenta em sua vida aqui na terra. Mas o evangelho é a mensagem de Deus para pessoas que se encontram em padrões complexos de pecado pessoal e nos desafios sistêmicos que englobam o quadro da pobreza.

Enquanto aqueles desafios podem jamais mudar ao longo da vida (João 12.8), o evangelho chega ao pobre com notícias de um Deus amoroso que não poupou seu próprio Filho, mas o deu livremente para a salvação do pecador.

O evangelho chega ao pobre com a promessa do poder do Espírito Santo para nos transformar e nos santificar, destruindo padrões duradouros de uma conduta destrutiva. O evangelho chega ao pobre com uma convocação ao arrependimento de um estilo de vida fútil passado a ele por seus antepassados (1 Pedro 1.18). O evangelho chega ao pobre com a mensagem de que ele pode ser extremamente rico, mesmo que sua circunstância econômica permaneça igual (Apocalipse 2.9). O evangelho chega ao pobre com a mensagem de esperança para um mundo que será feito novo, onde a doença, a tristeza e o temor não existirão mais (Apocalipse 21.4). Estamos convencidos de que a maior necessidade do pobre é a mensagem do evangelho. Outras coisas podem ser muito importantes, mas ainda assim permanecem sendo secundárias.

Três pilares

Se você imaginar este livro como uma construção, nossa convicção a respeito da necessidade fundamental do evangelho seria a fundação. Mas, além dessa fundação, há três outras crenças que servem como pilares estruturais, que sustentam o restante da estrutura.

1. O evangelho espalhado

Em primeiro lugar, *o evangelho é uma mensagem que precisa ser espalhada*. O Novo Testamento revela vez após vez que quando a mensagem do evangelho vem ao mundo, ela se torna uma força centrífuga poderosa. Ao cumprir as palavras do nosso Senhor em Atos 1.8, a mensagem a respeito da morte e ressurreição dele se espalha de seu centro em Jerusalém para a Judeia e a Samaria e, por fim, ao mundo inteiro. O movimento externo do evangelho foi tão rápido e dramático que, aproximadamente trinta anos após a ressurreição de Cristo, as pessoas haviam crido em Jesus nos distantes locais da Síria, da Grécia, da Itália, do Egito, do norte da África e da Pérsia. Por esse motivo, Paulo pôde escrever à igreja em Colossenses acerca “da verdade do evangelho, que chegou até vós; como também, *em todo o mundo*, está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós” (Colossenses 1.5,6).

Esta é a história do livro de Atos, no qual Lucas nos conta como o poder do Espírito Santo levou o evangelho para os confins da terra. A mensagem cristã não pode ficar contida em Jerusalém, à nação de Israel ou à região do

Oriente Médio. Ela precisa ser espalhada para o mundo todo. O próprio fato de dois caras brancos, um da Escócia e outro dos Estados Unidos, escreverem este livro é prova disso. O fato de você ser um cristão e (provavelmente) não residir em Jerusalém é prova disso. O evangelho tem de chegar a todas as pessoas (Mateus 28.18–20).

2. O evangelho espalhado entre os pobres

Em segundo lugar, vemos nas Escrituras que, enquanto o evangelho deve ser espalhado às nações, *devemos esperar vê-lo sendo espalhado particularmente entre os pobres.* Eis uma questão tanto de realidade histórica quanto de princípio teológico. É fato que entre os convertidos estavam pessoas ricas e poderosas (Teófilo e Lídia vêm à minha mente; veja também Filipenses 4.22). Tiago fez referência à presença de pessoas ricas na congregação (Tiago 2.2). Mas no âmbito geral a igreja parece ter se espalhado, em sua maioria, a pessoas que não se encontravam na elite cultural. Quando a fome atingiu Jerusalém, a igreja ali presente precisou de doações para sobreviver. Quando as igrejas da Macedônia fizeram uma coleta para seus irmãos e irmãs em Jerusalém, eles foram capazes de dar de sua "profunda pobreza" (2 Coríntios 8.2). Conforme escreveu o apóstolo Paulo à igreja em Corinto: "Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento" (1 Coríntios 1.26).

Mas o espalhar do evangelho entre os pobres não foi um mero acidente da história ou o produto de forças sociais poderosas, como se ele pudesse ser explicado simplesmente apontando para a ideia de que os pobres estavam predispostos a abraçar uma mensagem de esperança. Em vez disso, a Bíblia nos diz que a mensagem do cristianismo encontrou um abrigo entre os necessitados por causa da escolha deliberada de Deus. Conforme disse Tiago: "Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?" (Tiago 2.5).

Deus ama demonstrar sua própria glória. Se ele tivesse elaborado sua salvação primeiramente para os poderosos, os ricos e os belos, seria como se estivesse simplesmente dando a eles o que mereciam. Mas ao mostrar favor ao que não tem nada a lhe oferecer de volta, Deus demonstra sua grandeza e

confunde o sistema do mundo. Paulo disse outra vez aos crentes em Corinto: “pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus” (1 Coríntios 1.27–29).

3. O evangelho espalhado por meio da igreja local

O terceiro pilar que reforça este livro é que *o espalhar das igrejas locais consiste no meio normal que Deus usa para espalhar o evangelho*. A igreja se encontra no âmago do plano salvífico de Deus. Seu amor não repousa numa multidão isolada de pessoas, mas ele chama e cria um povo que agora pode ser chamado de “povo de Deus” (1 Pedro 2.9,10). E, se a igreja se encontra no âmago do propósito divino, então a congregação local precisa estar no centro da prática de missões. Isso não nega o fato de que indivíduos são capazes de espalhar o evangelho sem nenhuma conexão com a congregação local. Queremos apenas salientar que um evangelismo como esse é um contratempo.

Deus projetou a igreja para ser o veículo que leva a mensagem salvadora ao mundo. A igreja local ensina a Palavra de Deus semana após semana, tanto para discipular crentes quanto para evangelizar incrédulos. Ela envia missionários para começar novos trabalhos e levar a proclamação a lugares que carecem do testemunho do evangelho.

Mas é essencial reconhecer que a igreja é mais do que apenas um ponto de pregação da mensagem de Cristo. Ela é a demonstração do próprio evangelho que proclama. A existência da igreja local aponta para o poder e para a realidade do evangelho. Ela fornece credibilidade e plausibilidade para a mensagem do evangelho. Nas palavras do missiólogo Lesslie Newbigin, a congregação é a hermenêutica do evangelho[2]. A igreja é o meio pelo qual o mundo vem a compreender a mensagem do evangelho.

A igreja local é uma comunidade de pessoas reconciliadas – com Deus e (surpreendentemente) umas com as outras. Na igreja, judeu e gentio, antigos inimigos, estavam juntos como demonstração da sabedoria e da glória de Deus ao mundo. Refletindo sobre isso, o apóstolo Paulo escreve em Efésios 3.8–10: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de

pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas, para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais".

Como o universo conhecerá a sabedoria de Deus? Através da existência da igreja local. À medida que os membros amam uns aos outros de maneiras que não fazem sentido para o mundo, atestam a veracidade do evangelho. À medida que ama aqueles de fora e os recebe com carinho, a igreja demonstra o poder do evangelho para transformar o coração. À medida que usam seus recursos financeiros, seu tempo e suas vidas buscando espalhar o evangelho, demonstram o que significa ter uma vida transformada, livre da futilidade sem esperança da vida sem Deus. A igreja proclama o evangelho e vive a verdade radical e transformadora do evangelho em sua comunidade. Isso demonstra o evangelho.

O caminho singular ordenado por Deus para a igreja local encoraja o espalhar do evangelho. Ou seja, Deus escolheu particularmente a igreja para cumprir a tarefa de glorificá-lo espalhando sua mensagem salvadora. Você enxerga isso na estrutura de liderança da igreja: o Cristo que ascendeu aos céus deu pessoas a cada congregação cujo papel é "o aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço" de forma que o corpo cresça (Efésios 4.12; veja também 4.11–16).

Dessa forma, uma igreja consiste num ajuntamento de crentes que foram equipados por líderes dados por Deus para levar o evangelho ao mundo ao seu redor. Os líderes da igreja (na taxonomia de Paulo, os apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres) são dados à congregação de forma que os santos sejam equipados para o trabalho do ministério. Eis uma grande parte do trabalho que Mez e eu fazemos como pastores, e essa é a descrição profissional de todos os presbíteros em nossas igrejas.

E, como se isso não fosse suficiente, a igreja também é habitada e capacitada pelo Espírito Santo para a edificação do corpo. O Espírito tem dado à igreja local a mistura correta e as variedades de dons que necessita para cumprir seu trabalho nesse mundo. Se os membros da igreja exercitarem seus dons de maneira fiel no poder do Espírito, a igreja cumprirá sua tarefa.

Pense a respeito da tarefa do evangelismo. Ela faz vários cristãos se sentirem nervosos e culpados. Eles sabem que devem falar aos outros a

respeito de Cristo, mas acham que não são bons nisso, de forma que evitam falar. Digamos que pegamos quatro cristãos e damos a eles a tarefa de contar a alguém as boas-novas:

- Alan é uma pessoa extrovertida. É alguém que faz novas amizades com facilidade. Mas não é bom em compartilhar a fé de maneira clara. Não é muito bom em responder a perguntas e em apresentar Cristo.
- Carla é extremamente hospitaleira. Recebe pessoas em sua casa regularmente e as faz se sentirem confortáveis e amadas. Entretanto não é muito boa em iniciar conversas.
- Raul é um guerreiro da oração. Ama orar durante horas a fio, pedindo ao Senhor que tenha misericórdia dos perdidos.
- Noemi é introvertida. Não faz amizades rapidamente por conta própria, mas se alguém se apresentar e quebrar o gelo, ela consegue partilhar o evangelho de uma forma clara e eficaz.

A grande probabilidade é que essas quatro pessoas evangelizarão alguém em algum momento. Mas, se os colocarmos numa igreja e lhes dermos uma vida corporativa juntos, o que teremos é subitamente uma mistura de dons e somatória de forças que pode torná-los um grupo muito forte[3].

Em todo o Novo Testamento se ensina que os dons foram dados e serão exercitados no contexto da igreja local. Muito evangelismo pode ser feito ao lado de outros membros da igreja, e o evangelismo que fazemos sozinhos não deve acontecer sem suporte, carinho, oração e encorajamento da igreja local. E então, quando as pessoas forem conduzidas a Cristo, elas devem ser incorporadas à vida da congregação local de cristãos, onde serão auxiliados na busca pela maturidade em Cristo, adentrando na vida daquele corpo.

Em suma

Trocando em miúdos: se é vontade de Deus que o pobre e o marginalizado sejam recipientes de seu amor e sua salvação, e se a forma normal do pobre ouvir a respeito do amor e da salvação é através da igreja local, então nos parece que a igreja cristã deve investir no desenvolvimento de congregações que alcançarão os locais onde essas pessoas residem. Isso pode significar o início de uma nova igreja onde atualmente não existe uma. Pode significar trabalhar uma igreja doente num local sem recursos para que ela reviva. Ou pode significar conduzir uma igreja saudável a abraçar sua responsabilidade

de levar o evangelho ao pobre. É sobre isso que este livro trata. Estamos preocupados, pois muitos líderes eclesiásticos estão à procura de locais onde provavelmente serão bem-sucedidos (definida como igreja estabelecida com independência financeira) em vez de locais que têm maior necessidade do evangelho.

Uma vez dito isso, não somos dogmáticos a respeito de onde você investirá seus esforços. Mez e eu ministramos em contextos muito diferentes. Ele é apaixonado por mobilizar e treinar pessoas para plantar igrejas nos conjuntos habitacionais da Escócia. Minha paixão encontra-se em alcançar os latino-americanos no norte do estado da Virgínia. Não estamos fingindo ser especialistas em tudo que você deve fazer no local onde trabalha, mas temos alguma experiência prática (o que significa dizer “cometemos muitos erros”) com igrejas que alcançam o pobre e o necessitado. Sendo assim, nossa esperança é que possamos compartilhar algumas dessas experiências e observações para que você seja desafiado a trabalhar nas igrejas que alcançam lugares difíceis e pessoas pobres ao seu redor.

1. *When Helping Hurts: How to Alleviate Poverty without Hurting the Poor ... and Yourself* (Chicago: Moody, 2009), 49-52.

2. *The Gospel in a Pluralist Society* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989), 222.

3. Tim Chester e Steve Timmis deixaram claro esse ponto em *Igreja Total* (Niterói, RJ: Tempo de Colheita, 2011), passim.

CAPÍTULO 2

DE QUE EVANGELHO ELES PRECISAM?

Entre o tempo em que plantei (Mez) igrejas no Brasil e meu trabalho agora em Edimburgo, recebi inúmeros grupos missionários temporários. E, ao mesmo tempo que recebia com alegria a ajuda deles, percebi ao longo dos anos que vários desses grupos que amavam a Jesus vindos do Reino Unido e dos Estados Unidos chegavam com seus pincéis e martelos, mas sem qualquer entendimento a respeito da mensagem do evangelho que achavam que viriam proclamar.

Muitos desses jovens falavam como se a boas-novas fossem sobre eles e sua autoestima. Eles podiam até captar elementos como o amor de Cristo ou o fato dele ter morrido na cruz, mas eu raramente encontrava um indivíduo capaz de me fornecer uma declaração equilibrada e compreensiva da mensagem do evangelho. Pode parecer que transformamos a melhor notícia da história mundial num sistema terapêutico de autoajuda, embalado num linguajar de igreja e em jargões da psicologia.

Pense nisto: se isso é verdade para pessoas envolvidas com breves viagens missionárias, que normalmente estão no grupo de cristãos motivados, o que isso fala a respeito da igreja mais ampla?

O problema se tornou algo tão sério que agora precisamos dar aulas na minha igreja, *Niddrie Community*, intituladas “O que é o evangelho?” e “Como dar seu testemunho” – isso para *grupos missionários* que nos visitavam! Não podemos simplesmente presumir que os chamados cristãos entendem de forma coerente e são capazes de comunicar o evangelho. Chega

a ser irônico e um pouco triste pensar que **pessoas gastam tempo e muito do seu dinheiro** para nos ajudar a compartilhar uma mensagem que eles não são capazes de explicar.

Então o que exatamente é o evangelho? Percebo que essa pode parecer uma pergunta desnecessária. Afinal de contas, se está pensando em ajudar o pobre, você provavelmente se considera um cristão maduro. Muitas pessoas chegam para ministrar em áreas mais pobres achando que têm a mensagem memorizada, mas na realidade não têm. E ter a mensagem correta faz toda a diferença quando ministramos aos pobres (e a todas as outras pessoas!). Um evangelho falso ou até mesmo incorreto é como placebo. Ele pode até fazer o paciente achar que vai melhorar, mas não tem o poder de curá-lo.

Deus, Homem, Cristo, Resposta

O evangelho é profundo e suficientemente belo para manter ocupado o estudioso mais brilhante das Escrituras, mas também é simples o suficiente para uma criança entender e acreditar. A mensagem é infinitamente profunda e ampla, mas conseguimos resumi-la em quatro itens[4].

1. Deus

Deus é o Criador infinito, eterno e santo de todas as coisas. Somente ele é digno de louvor, honra e glória. Seus olhos são puros demais para que contemple o mal (Habacuque 1.13), e ele não deixará o mal impune (Êxodo 34.7).

> Reina o Senhor; tremam os povos.
> Ele está entronizado acima dos querubins; abale-se a terra.
> O Senhor é grande em Sião
> e sobremodo elevado acima de todos os povos.
> Celebrem eles o teu nome grande e tremendo,
> porque é santo.
> És rei poderoso que ama a justiça;
> tu firmas a eqüidade,
> executas o juízo
> e a justiça em Jacó.
> Exaltai ao Senhor, nosso Deus,
> e prostrai-vos ante o escabelo de seus pés,
> porque ele é santo. (Salmos 99.1–5)

2. Homem

Deus criou homem e mulher à sua imagem. O principal propósito da humanidade era glorificar a Deus refletindo seu caráter e vivendo uma vida de adoração alegre e obediente. Mas todo ser humano caiu em Adão (Romanos 5.12) e confirma a escolha de seu ancestral de se rebelar deliberadamente contra o Criador (Romanos 3.9–18).

Muitas pessoas têm uma balança tendenciosa quando se trata do pecado. Enquanto acham que não estão machucando ninguém ou não se encontram na extremidade do espectro de maldade, pensam que tudo está bem. Mas estão erradas. A Bíblia é clara no sentido de que não começamos com uma ficha limpa e então somos julgados pelo que fizemos. Todo ser humano já começa a vida como culpado. Independentemente de quão bom achamos que somos ou não, todos já estamos condenados.

> Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. (Efésios 2.1–3)

3. Cristo

Deus o Pai enviou seu Filho para assumir a forma humana a fim de nos salvar. Jesus viveu uma vida de perfeita obediência a Deus e a deu livremente como sacrifício pelos pecados do seu povo. Na cruz Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (Gálatas 3.13; 1 Pedro 2.24; 3.18). Três dias após a crucificação, Cristo ressuscitou dos mortos em vitória sobre o pecado e a morte, prometendo retornar para julgar o mundo e fazer novas todas as coisas.

> Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. (1 Coríntios 15.3,4)

4. Resposta

O pecador não pode esperar merecer seu próprio perdão por suas boas obras. Deus ordena que todas as pessoas no mundo todo se arrependam de seus pecados e coloquem sua confiança em Cristo (Atos 17.30; 20.21). Seguir Cristo exige rejeitar as prioridades e paixões que antes conduziam nosso coração (Lucas 14.33).

> Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disselhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á. (Marcos 8.34,35)

Como o evangelho se aplica

Já cobrimos o esboço da mensagem. Mas isso não é um exercício acadêmico. Entender corretamente o evangelho não é meramente uma questão de precisão teológica. Tem a ver com as realidades práticas do ministrar a pessoas carentes. Na realidade, é impossível ministrar o evangelho e fornecer qualquer esperança para pessoas que sofrem com o pecado se não tivermos a mensagem correta.

Cada aspecto da mensagem do evangelho mencionado é exatamente aquilo que o morador dos conjuntos habitacionais da Escócia precisa ouvir. De fato, é a mensagem que todo ser humano precisa ouvir. Mas muitos cristãos bem-intencionados acham que ajudar o necessitado requer outras abordagens.

Entretanto a falha em compreender cada um desses quatro aspectos do evangelho é o problema fundamental do necessitado. Caminhemos novamente pelos quatro aspectos e paremos para observar como se conectam com a vida e as lutas do necessitado.

1. Deus

Gostaria de contar a você sobre Lachie. Ele estava perto dos seus quarenta anos e não tinha experiência com o cristianismo em sua casa. Cresceu num sistema de abrigos para menores e é produto de duas décadas de reforma institucional sem sucesso. Ele foi desmamado com uma dieta diária de programas de TV, documentários do History Channel, um pouco de espiritismo e um coquetel de teorias da conspiração a respeito do significado

da vida. Lachie gosta de falar sobre Deus, mas geralmente quando está bêbado ou em um lugar qualquer com a cara cheia de drogas.

Em seus momentos de lucidez, Lachie não tem certeza de que Deus existe. Afinal de contas, a ciência comprovou que Deus não existe, certo? Se você lhe perguntar como a ciência fez isso, ele não tem certeza. Mas confia que tem algo a ver com a evolução ou algum big bang.

Porém algo que Lachie sabe com certeza é que, se Deus existe mesmo, certamente não se importa com pessoas como ele. A vida dele é prova disso. Se Deus realmente existe, deve não gostar muito de nós, pois nos permite sofrer e permite que coisas ruins acontecem. Se Deus realmente existe, o máximo que Lachie pode esperar é viver o momento e esperar que Deus o perdoe depois.

Trabalhei tanto com crianças de rua no Brasil como com residentes em cidades-dormitório na Escócia. E, em minha experiência, esses dois grupos são impressionantemente similares em seu raciocínio sobre Deus. Ambos têm uma cosmovisão sobrenaturalmente inata. Eles não têm qualquer problema em crer que alguma forma sobrenatural de entidade (ou "deus") existe. Entenda o que acontece aqui: esses grupos não anelam por um relacionamento com Deus. O apóstolo Paulo é claro dizendo que "o pendor da carne é inimizade contra Deus" (Romanos 8.7). Mas você não encontrará muitos ateus intelectualmente convencidos em conjuntos habitacionais ou nas ruas do Brasil.

A questão não é que as pessoas não creem em Deus. O problema reside em *que tipo de deus eles creem*.

- Eles enxergam Deus como *irrelevante*. Deus está completamente desconectado da vida diária; ele é alguém que existe para limpar casamentos, batismos e funerais. Ele não é bom para mais nada.
- Eles enxergam Deus como *desinteressado*. Teoricamente, este Deus é capaz de ajudá-los, mas ele simplesmente não tem interesse em fazê-lo. Eles acham incrível que Deus possa ser "conhecido" num sentido real nesse mundo. Acreditam que Deus (e a igreja) só se interessa por pessoas elegantes.
- Eles enxergam Deus como *tolerante*. Na média, as pessoas nos bairros pobres acreditam que Deus não é santo. Ele não odeia o pecado. Ele está obrigado contratualmente a ser um bom sujeito. Sendo assim, esteja certo de que ele lhe deixará passar no último dia. E, se esse for o caso,

> então por que devemos obedecê-lo hoje? Pior ainda, não existe urgência nenhuma em agradar a Deus com sua vida.

Por causa dessas várias ideias erradas acerca de Deus, é importante que proclamemos o caráter dele entre os pobres. Precisamos apresentar um Deus que é santo, que terá cada pessoa por responsável, algo que é um ataque direto à abordagem *laissez faire* para a vida. Precisamos apresentar um Deus que pode ser conhecido e que em Cristo se revelou perfeitamente aos pecadores. Este é um verdadeiro contra-ataque aos estímulos da cultura. Este Deus é digno de nosso serviço. Ele substituirá o eu como o objeto primário de serviço e adoração Quando conhecemos esse Deus e somos conhecidos por ele, ganhamos uma quantidade gigantesca de propósito transformador e de autoconfiança em nossas vidas.

Outro exemplo é o Rob, um ex-viciado em heroína com cerca de quarenta anos, um criminoso, um ladrão. Rob fez o que quis, quando quis, sem considerar em momento algum as consequências. Ele roubou, mentiu e machucou pessoas a torto e a direito. Em sua forma de pensar, não existe Deus e a vida não faz sentido. A vida diz respeito à sobrevivência do mais forte.

Certo dia Rob ouviu sobre Deus e seus olhos foram abertos para enxergar o caráter de Deus: a infinita santidade, o amor perfeito e a ira implacável contra o pecado e os pecadores. Esse conhecimento transformou a vida de Rob. Ele agora se submete ao seu Criador e Juiz. Agora compreende que o interesse amoroso e cuidado pessoal de Deus por ele existe em harmonia com a santidade de Deus. Como resultado, Rob não está mais vagueando numa história sem roteiro. Hoje vive com propósito, esperança e direção. Não comete mais crimes. Não é mais ausente na vida de seus filhos. Ele agora vive de maneira responsável como alguém que sabe que seu Pai celestial o ama, cuida dele e espera que viva como seu filho que é.

Toda essa mudança na vida do Rob, o tipo de mudança que os programas sociais procuram alcançar (corretamente), se deve à mudança na teologia de Rob. Ele agora compreende quem é Deus, e isso fez toda a diferença.

O fracasso em apresentar o caráter de Deus de maneira fiel e bíblica tem ramificações importantes no ministério ao pobre, seja ele quem for.

2. Homem

Você já esteve na casa de alguém cujo filho pequeno corre de um lado para o outro? A criança grita, berra, atormenta o gato, quando de repente a mãe, exausta, vira para você e diz, de maneira apologética, que o pequeno Joãozinho "está cansado". Com certeza! Você sabe que o Joãozinho é uma praguinha mal-educada, mesmo que seja indelicado dizer isso em voz alta.

Nós usamos todo tipo de desculpa, a maioria delas para nos justificar. Bem, esses tipos de desculpas são pandêmicos na maioria das nossas cidades-dormitório. O que temos é uma verdadeira mentalidade de vitimização nos conjuntos habitacionais. É como uma prisão aberta na qual todos os acusados são inocentes. "A culpa não é minha" poderia ser o slogan para a maioria dos habitantes onde vivo e ministro.

Quando era jovem, recebi uma dieta restrita de conselhos de terapeutas e assistentes sociais. Eles encheram minha mente com a ideia de que eu era uma pessoa boa que estava em circunstâncias difíceis. Se eu tivesse tido as mesmas oportunidades que outras pessoas, disseram eles, então eu não seria tão irado e revoltado com o mundo.

Vez após vez eu apelava para esse pensamento em meu trabalho. As pessoas se tornam impotentes e paranoicas à medida que se relacionam com o mundo ao seu redor; elas são incapazes de alterar as circunstâncias e têm uma paranoia de que o mundo está contra eles. E existe uma dinâmica estranha quando as pessoas se vangloriam de suas circunstâncias ruins – como se fossem as únicas que sabem o que é sofrer. Todos as outras não passam nem de perto pela desgraça que as afeta.

Paulo, um sem-teto e que vagou por vinte anos, colocou isso da seguinte maneira: "Antes de compreender quem sou a partir do ponto de vista bíblico, eu achava que era um bom rapaz que fazia coisas erradas algumas vezes simplesmente por procurar fazer tudo certo. Eu enxergava as pessoas como obstáculos para o que eu queria, até mesmo aqueles que eu chamava de amigos".

Ricky, um sem-teto de vinte anos de idade, alcoólatra agressivo, concorda: "Eu me achava sem valor algum, rumando à morte, deprimido, sem significado, mentindo a mim mesmo dizendo que tudo ficaria bem. Mas tudo que eu fazia era beber e apostar mais. Eu só reparava nas pessoas que tinham vestes e calçados adequados. Eu não me preocupava verdadeiramente com quem eram ou o que faziam. A única coisa que me interessava era se poderiam servir aos meus propósitos".

As coisas começaram a mudar na vida desses homens, e na minha, apenas quando a Bíblia nos confrontou com a miséria da nossa condição pecaminosa perante um Deus justo e santo. Romanos 1.20 esclarece a questão: “Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis”.

A Bíblia nos desafia a dominar nosso pecado e assumir a responsabilidade pelo que fizemos. Sim, somos todos vítimas do pecado, de uma maneira ou de outra; há lugar para compaixão, misericórdia e simpatia. Devemos chorar com aqueles que choram e lamentar com os que lamentam. Mas a Bíblia jamais nos permite usar as ações dos outros como desculpa para as nossas.

A pessoa que deseja ajudar nas áreas carentes deve encorajar os necessitados a enxergarem a si mesmos não como vítimas mas como pecadores e rebeldes. Cometemos pecados pois somos pecadores que vivem em rebeldia para com o nosso Criador. Deus se ira com o pecado e com o pecador. Sua ira é contra nós e ele não a alivia nem um pouco.

Isso pode soar como um remédio amargo inicialmente, mas se trata do remédio que dá vida. Só porque minha madrasta usou meus rins como saco de pancada durante a maioria de minha infância isso não significa que sou menos culpável pela minha rebelião pecaminosa e ímpia contra Deus. Simplesmente colocar seu braço em meus ombros, dizer que Jesus me ama e que tudo ficará bem não me ajuda em nada. Isso significa me enviar para o inferno e ainda roubar de Deus a glória que lhe é devida.

Talvez isso soe como algo duro de se ouvir. Mas, por outro lado, os efeitos pastorais são impressionantes. Paulo, o sem-teto que mencionei, agora enxerga a si mesmo e ao mundo de forma diferente. Leia sua autodescrição atualizada: “O problema era eu. O problema estava no meu coração e nas minhas escolhas. É claro que coisas ruins aconteceram comigo, mas agora que me enxergo como Deus me enxerga estou livre para fazer escolhas diferentes, ser menos amargo e estar em paz comigo mesmo”.

Ricky pensa de forma semelhante: “Compreender a minha pecaminosidade me ajudou a me compreender melhor. Isso me ajudou a compreender por que fiz escolhas tolas. Eu agora enxergo as pessoas de outra maneira. Estamos todos no mesmo barco, até mesmo as pessoas elegantes. Agora, ao invés de me sentir amargo em relação àqueles que têm coisas que eu não tenho, sinto

dó, pois eles não têm Cristo. Tenho hoje um coração pelas pessoas que nunca tive antes".

A menos que ajudemos o pobre a se enxergar como faz a Bíblia, nós o deixaremos preso e indefeso como um hamster numa rodinha dentro da gaiola. Ele estará destinado a olhar para si mesmo como no centro do mundo que gira em torno deles e de seus problemas. Mas, quando o ajudamos a compreender a si mesmo como Deus o enxerga, abrimos uma porta para a transformação real, profunda e evangelística que ultrapassa a compreensão humana.

3. Cristo

Felizmente a mensagem do evangelho não termina com a bondade de Deus e a pecaminosidade do homem. Isso não seria boa-nova. Mas, na realidade, Deus fez algo a respeito da nossa terrível condição. Enviou seu Filho para viver por nós, morrer por nós e ressuscitar por nós. Agora, então, existe uma forma de termos um relacionamento amoroso e recíproco com ele. Um dia ele voltará e fará tudo novo, e desfrutaremos uma comunhão eterna juntos com todos os seus santos e as hostes celestiais.

O que faz meu coração cantar ainda mais alegre é saber o custo disso para ele. Saber que Cristo morreu por meus pecados traz a mim uma grande liberdade emocional. Deus certamente se importa com seu "pequeno" povo. Isso me oferece esperança real, uma esperança e uma saída para a armadilha da mentalidade de vitimização. Aqueles de nós que têm experiências negativas de vida familiar podem se apegar ao maior exemplo de amor sacrificial próprio na história do universo.

Conforme um amigo meu diz: "Jesus coloca tudo na perspectiva correta. Eu costumava sentir pena de mim mesmo. Costumava cultivar uma autocomiseração. Não conhecia verdadeiramente meu pai, e ele me deixou mesmo que eu não tenha feito nada de errado. Eu costumava ficar irado por causa disso. Mas agora Deus é meu Pai e me ama mesmo quando ainda ajo de forma errada. E isso me dá segurança. Deus não foge de mim quando as coisas ficam difíceis. Na realidade, ele enviou seu Filho para morrer uma morte cruel no meu lugar".

Tudo isso parece incompreensível. Muitas pessoas que deveriam nos amar fizeram exatamente o contrário. Mas aqui está aquele que deveria estar irado

conosco… morrendo numa cruz por nós! E não apenas isso, ele nos buscou quando corríamos dele. É como se tivéssemos um irmão mais velho nos protegendo agora, exceto pelo fato de que essa pessoa é o Rei do universo!

Quando jovem, estive em inúmeros orfanatos, famílias adotivas e situações de abuso. As coisas aconteceram comigo e eu fiz coisas que me fizeram me sentir culpado, envergonhado e confuso como garoto que era e depois quando jovem. Francamente, eu queria me vingar. Descobri que mesmo no início da minha vida cristã eu orava pedindo que várias das pessoas responsáveis pelo meu sofrimento queimassem no inferno.

Eu certamente não havia compreendido a graça até aquele momento. Não havia compreendido a expiação e que aquela recente paz que eu experimentava custou caro para o Filho de Deus. Mas com o tempo Deus abriu meus olhos para eu enxergar o significado do seu sacrifício supremo: todos os meus pecados foram resolvidos; esses pecados não representam mais a realidade definidora da minha vida. Eu não tinha mais a permissão de me revolver neles.

O ato supremo de perdão começou a filtrar a forma como eu orava por membros da família, antigos conhecidos e pais adotivos. À medida que o Espírito trabalhava na minha vida, as orações pela condenação deles foram substituídas por orações cheias de lágrimas clamando pela salvação deles. O grande sacrifício de Cristo esmagou minha alma com amor de forma que não conseguia mais cultivar aquela barreira de ódio. O amor de Cristo venceu o meu ódio e me libertou do ciclo que era a causa da minha autodestruição por tanto tempo.

Ser confrontado com a beleza mais incompreensível do sacrifício de Cristo nos força a rever nosso lugar no mundo, a abandonar a autocomiseração, a encontrar liberdade em seu amor e através de seu Espírito procurar o perdão e o amor até mesmo por aqueles que nos feriram tanto. Meu amigo Stephen compara isso a “ganhar na loteria espiritual”. Ele reflete: “Eu costumava sonhar que ganhava na loteria quando era criança para poder pagar por todo mal que havia causado. Mas em Cristo fui perdoado, e meus pecados foram pagos, e mesmo que eu não possa pagar o que fiz às pessoas, posso orar por suas almas e esperar que elas encontrem o que eu encontrei”.

Este é o Jesus de quem o pobre necessita: o Redentor que carrega nosso pecado, que faz expiação, que apaga a nossa culpa, que vive para sempre. Um

cristo que simplesmente reitera o que somos é um salvador que não nos salva de muita coisa.

4. Resposta

Precisamos dar duro em nossa explicação do arrependimento bíblico verdadeiro quando trabalhamos com os pobres (ou com qualquer pessoa). Sentir-se mal por ter feito algo errado e arrepender-se dos pecados são dois atos completamente diferentes que produzem dois frutos duradouros muito diferentes na vida da pessoa.

O pecado é algo sério para Deus e nos separa dele. O arrependimento significa *dar as costas* para aquele pecado. A dificuldade pastoral aparece justamente no fato de que o arrependimento pode parecer algo bem diferente quando lidamos com vidas destruídas e caóticas.

Um exemplo é o de Inocência, uma garota de treze anos de idade do norte do Brasil. Ela viveu nas ruas durante a maior parte do tempo de sua curta vida. Seus pais a abandonaram quando ela tinha cinco anos e desde os seis anos ela vendeu seu corpo para comprar comida e alimentar seu vício de cheirar cola. Quando a encontramos, sua vida era uma miséria. Um dos braços dela não tinha mais os movimentos, fruto de uma briga na rua, todos os seus dentes haviam caído e ela havia sido estuprada inúmeras vezes.

Certo dia, quando ela ouviu sobre a verdade transformadora de Deus, a respeito de sua posição pecaminosa perante ele, e as boas-novas acerca do que Cristo havia feito, ela quis se arrepender imediatamente. Oramos com ela e acreditamos que fez uma profissão genuína de fé.

Vários dias depois encontramos a Inocência semiconsciente na rua, com uma sacola de cola industrial aos seus pés (infelizmente essa cola é muito mais letal do que a heroína). Meu grupo brasileiro estava devastado e irado; o arrependimento dela parecia tão genuíno!

Colocamos a moça de pé. Ela tomou um banho em nosso centro, e conversamos com ela a respeito do compromisso que ela tinha feito com Cristo. “Pastor Mez”, disse ela, “eu amo Jesus. Tenho dado as costas para o meu pecado. Na noite passada eu rejeitei um cliente e agora tenho cheirado apenas seis sacolas de cola ao invés de dez”. Ela sorriu toda orgulhosa e eu me senti humilhado. Será que eu esperava que ela fosse o produto final no momento da conversão?

Os arrependimentos nos conjuntos habitacionais da Escócia não são muito diferentes, embora nem sempre tão extremos assim. O que dizer de um homem que chegou a Cristo, tem três filhos com duas mulheres diferentes e deseja abandonar seu passado pecaminoso e abusivo para ser um pai piedoso para seus filhos? O que o arrependimento significa para ele? De uma maneira ou de outra, não será algo simples. Para uma pessoa em situação complicada, o arrependimento envolve tomar decisões difíceis e lidar com as consequências de um estilo de vida egoísta e pecaminoso.

Sharon era uma mulher por volta de trinta anos com uma história terrível. Teve quatro filhos e todos foram tirados dela pelas autoridades locais. Cumpriu várias sentenças prisionais por pequenos furtos e entorpecentes. Era escandalosa e audaciosa, além de ser a líder de uma gangue de ladrões na comunidade onde vivia. Chegou a um centro de visitação onde eu era voluntário e me ouviu explicar o evangelho quando compartilhava o que Cristo fez em minha vida. Ela veio a mim cheia de lágrimas nos olhos e disse: “Eu quero Jesus na minha vida. Quero ser transformada como você foi”. Simpatizei com ela.

Olhei para ela e disse: “Isso vai lhe custar caro e você precisa saber disso. Eu tive de dar minhas costas para tudo que conhecia, incluindo meus amigos e até mesmo alguns familiares, para crescer verdadeiramente como cristão. O que você vê em mim hoje representa dez anos de um crescimento doloroso. Isso não acontece da noite para o dia. Jesus pede que avaliemos o preço antes de decidirmos segui-lo. Cristo não quer que nos enganemos achando que a vida com ele será mais fácil. Na realidade, provavelmente é mais difícil à medida que nossos amigos nos rejeitam e não compreendem nossas motivações para abraçar essa nova vida. Por que você não volta para casa, pensa sobre isso e volta amanhã? Se você acha que Deus está realmente lhe chamando ao arrependimento e a dar as costas para o seu pecado, me encontre aqui amanhã às 10h”. Nunca mais tive qualquer notícia dela.

Será que fiz a coisa certa? Creio que sim. Desde então fiz isso várias vezes. Ao trabalhar com pessoas vulneráveis, a tentação é empurrá-las para algum tipo de compromisso em seu estado emocional fragilizado. Isso é feito facilmente, e pessoas com históricos mais pobres podem ser tranquilamente manipuladas para seguir Cristo por uma série de razões. Mas o arrependimento genuíno é uma obra do Espírito de Deus, e prestamos um

tremendo desserviço se não apresentarmos a essas pessoas o verdadeiro preço de se segui-lo.

Uma das minhas perguntas favoritas para viciados em drogas que chegam ao meu escritório e me perguntam se podem "ser salvos" é: "Do que você está preparado para abrir mão para seguir Jesus Cristo?". Se a resposta for "tudo", então eles não estão preparados e não compreendem a mensagem do evangelho. A resposta comum é: Mez, eu farei qualquer coisa". Minha resposta é: "Qualquer coisa? Você tem certeza? Está certo. Me dê seu telefone para que eu retire seu chip e apague seus contatos do tráfico de drogas". Noventa e nove por cento das vezes eles se levantam e vão embora. Se são incapazes de pagar aquele preço, não irão pagar o preço de seguir Cristo.

Cinco motivos pelos quais entender corretamente o evangelho é tão importante

O evangelho trata de boas-novas. Elas de fato são as melhores notícias. E é essencial que entendamos corretamente a mensagem e a mantenhamos no lugar certo. Entender a mensagem errado seria o mesmo que tomar um remédio fora da sua validade: ele é incapaz de curar. Por outro lado, colocar outras coisas no lugar prioritário do evangelho seria o mesmo que possuir uma linda caixa de jóias que não tem nenhuma jóia dentro: você possui algo lindo e vazio. Precisamos ter a disposição de investir tempo para que a mensagem seja transmitida correta e fielmente. Eis aqui cinco motivos para isso.

1. A eternidade é o que mais importa

O evangelho abrange tudo a respeito da vida, tanto esta vida presente quanto a vida futura. Muitos dos jovens que desejam servir em períodos curtos em nossa base na *Niddrie Community Church* estão empolgados pelos pobres e apaixonados pela ideia de ser missionários e de "romper barreiras". Mas, infelizmente, eles inadvertidamente colocam a ênfase no lugar errado: reconciliação racial, justiça social, ou na renovação da cultura. A mensagem do evangelho não se resume apenas ao amor de Cristo ou o ao desejo de Deus de tirar você das dificuldades nas quais você se encontra.

Conforme dito, a maior necessidade nos conjuntos habitacionais não é a mudança social ou econômica. O maior problema deles é o fato das pessoas

estarem alienadas de um Deus santo porque o fedor dos pecados delas ofende a Deus. Assim, essas pessoas precisam de um Senhor e Salvador real que morreu e ressuscitou por elas para que pudesse remover todo o seu pecado e substituir seu coração endurecido e idólatra por um coração de carne. Qualquer outra mensagem é incapaz de começar a ajudar.

Sendo claro, não somos contra ajudar as pessoas com seus problemas físicos diários. Há situações em que seria positivamente ruim para uma igreja não ajudar alguém com necessidades físicas. Mas é necessário priorizar a mensagem do evangelho; ele vem primeiro. Pobreza, violência e injustiça são problemas reais num nível pessoal e social. Mas são sintomas da doença espiritual que carregamos conosco. Tratar os sintomas é algo bom e nobre, mas sem a cura do evangelho o paciente certamente morrerá. Quando abordamos o evangelismo em nossos conjuntos habitacionais necessitados, precisamos fazê-lo com uma mentalidade que parta de dentro para fora.

James Montgomery Boice descreve isso assim:

> O evangelho não é apenas uma nova possibilidade para se obter alegria e plenitude nessa vida, conforme sugerem alguns. Não é apenas uma solução para o que antigamente era problemático a frustrante. Na realidade, algo muito mais profundo que isso foi feito, algo relacionado a Deus, tão somente com base na qual outras bênçãos acontecem. Packer diz: "O evangelho traz sim soluções para estes problemas, e ele o faz primeiramente resolvendo… o mais profundo dos problemas humanos, o problema do relacionamento do homem com o seu Criador; e, a menos que deixemos claro que a solução para os outros problemas depende da resolução desse problema primário, estamos interpretando errado a mensagem e nos tornando testemunhas falsas de Deus"[5].

2. Não existe outro meio de salvação

Em Atos 4.12, lemos: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos". Se isso é verdade, as pessoas precisam crer no verdadeiro evangelho para ser salvas e conduzidas a um relacionamento correto diante de Deus. Não existe salvação em qualquer outra pessoa; não existe um plano B. Estão completamente errados aqueles que acham que melhorar o visual dos conjuntos habitacionais, esvaziar as lixeiras e plantar

alguns jardins vai transmitir, de certa maneira, a verdade do evangelho por meio de alguma forma de osmose espiritual.

A fé vem pelo ouvir (Romanos 10.17), de forma que proclamamos a completa obra substitutiva de Cristo pelos pecadores ao invés de oferecer um programa de autoajuda. Boas obras, como cuidar dos pobres, são sim um sinal poderoso para os incrédulos (1 Pedro 2.12), mas no livro de Atos a Palavra de Deus que é espalhada e causa o crescimento assombroso da igreja primitiva (p.ex.: Atos 6.7). O cristão do primeiro século certamente fazia boas obras cuidando do pobre, auxiliando as viúvas e ajudando os mais idosos. Mas essas coisas eram subprodutos de uma vida vivida para a glória do evangelho; elas não consistiam no evangelho em si mesmo. As pessoas em nossos conjuntos habitacionais serão salvas apenas se ouvirem a proclamação do evangelho de forma clara e compreensível. Não existe outro caminho.

3. De outra maneira somos capazes de desistir

Se não apresentarmos o evangelho corretamente, podemos esquecer qualquer tipo de trabalho sério de plantação de igreja nos conjuntos habitacionais. Precisamos saber o que vamos fazer bem como o estado das pessoas a quem serviremos. Não podemos nos permitir ser surpreendidos e desencorajados pela profundidade da depravação humana. O morador dos conjuntos habitacionais não a esconde como o pessoal do subúrbio faz. Além disso, não podemos nos desesperar com a existência ou não de uma solução para os problemas que as pessoas enfrentam. Precisamos do evangelho completo, que nos fala sobre a terrível verdade a respeito do nosso pecado e da gloriosa esperança que temos em Cristo. Se alterarmos, diluirmos ou pervertermos o evangelho, o apóstolo Paulo nos chama de malditos (Gálatas 1.8), e não podemos esperar o favor de Deus para o trabalho que realizamos.

4. A pessoa real está realmente indo para o inferno

Em Hebreus 9.27 lemos: “E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo”. Numa linha de raciocínio semelhante, quando questionado sobre uma torre que caiu e matou dezoito pessoas, Jesus chamou as pessoas ao arrependimento ou a morrer em seus pecados (Lucas 13.5). Essa pode parecer não ter sido uma resposta muito pastoral para uma pergunta a respeito de pessoas que morreram de forma

trágica, mas Jesus se interessava demais pela alma de seus ouvintes para ignorar a oportunidade. Biblicamente falando, existe algo pior do que a pobreza e a baixa autoestima: o inferno. Ele é real, eterno e consciente. Sendo assim, temos o dever de declará-lo de forma veemente e sem temor.

Todo ser humano se encontra debaixo do pecado e é filho da ira (Romanos 3.9; Efésios 2.3). O fato de vir de histórias diferentes não mitiga essa realidade. Numa era em que muito do pensamento cristão a respeito do pobre diz respeito a amá-lo e a aumentar sua autoestima, o inferno pode parecer uma realidade muito distante para várias pessoas. Inúmeras vezes elas chegam aos conjuntos habitacionais com a ideia de que todas precisam ser amadas ou, pior ainda, que precisam aprender a amar a si mesmas! Se esse é o seu diagnóstico do problema, então você jamais lhes contará a realidade do juízo e da punição eterna. Afinal de contas, isso não ajuda em nada a melhorar o nível de autoestima delas!

Mas a Bíblia é precisa, então você deve crer que, em seu estado natural, homens e mulheres estão destinados ao inferno. Ou Hebreus 9.27 está correto ou não; ou as pessoas estarão diante de Deus para serem julgadas ou não. Não existe malabarismo hermenêutico que possa chegar a um meio-termo aqui. À luz disso, o ato mais amoroso que podemos fazer é alertá-los de seu destino eterno.

Algumas pessoas que visitam os conjuntos habitacionais usam o termo "inferno na terra" para descrever o que elas encontram aqui. Mas, na realidade, isso demonstra que elas não têm ideia da realidade do inferno. Atente para o que a Bíblia diz:

> Ali haverá choro e ranger de dentes. (Mateus 8.12b)

> Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. (Mateus 25.41)

> Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte. (Apocalipse 21.8)

A vida de qualquer ser humano é eterna. O que realmente importa é onde ela será vivida. Temo que grande parte da letargia evangelística das igrejas se deve ao fato de que não tratamos a doutrina do inferno com seriedade a ponto de nos preocuparmos com os outros. Nosso maior ato de amor pelas pessoas nos conjuntos habitacionais não é ajudá-las com suas contas de luz ou com a busca de um emprego, ou a se limparem, ou darmos a elas um quarto para dormir ou ajudá-las com seu vício em drogas. O que de mais amoroso podemos fazer pelos seres humanos ao nosso redor é proclamar-lhes a realidade e a seriedade do inferno, independentemente do que possam pensar a nosso respeito depois disso. Eis um ato de amor sacrificial.

Apenas parte da verdade sobre Deus não será suficiente. A Bíblia descreve Deus de várias maneiras: ele se ira com o pecado, ama pecadores, odeia, lamenta e se alegra. Julga os pecados e os pecadores, mas também perdoa e justifica aquele que se arrepende genuinamente. Não pregamos um Deus puramente irado mas também não pregamos um "Papai Noel" celestial. Nós pregamos um evangelho completo, não porque as pessoas merecem, mas porque o ato cósmico gracioso, amoroso, altruísta e justificador merece ser anunciado. Nós pregamos aos outros pois nós amamos Cristo, que nos amou primeiro.

5. Para a glória de Deus

O evangelho é sobre a glória de Deus (observe que, em 2 Coríntios 4.4, Paulo o chama de “evangelho da glória de Cristo”). Deus escolheu salvar pecadores de forma a se mostrar como justo e justificador (Romanos 3.26). Escolheu redimir seu povo de forma a provocar o louvor eterno em nosso coração (Apocalipse 5.12). Escolheu realizar tudo isso de forma a engrandecer sua sabedoria enquanto anula e frustra a chamada sabedoria dos poderes do mundo em rebelião contra ele (1 Coríntios 1.21).

Será que achamos que sabemos mais das coisas do que Deus? Será que temos um evangelho melhor e mais glorioso do que aquele que Deus planejou desde a eternidade e executou no tempo? Um evangelho centrado no homem (Deus o amou tanto, então, por favor, o escolha) glorifica pecadores. Sem uma mensagem de juízo, Deus parece injusto e permissivo, não glorioso. Sem um chamado ao arrependimento e à santidade, Jesus é proclamado como

um salvador impotente para derrotar o pecado na vida de seu povo (compare com 1 João 3.8).

Deus quer salvar pecadores nos conjuntos habitacionais da Escócia e imigrantes na vizinhança da Virgínia. Essa convicção fundamenta tudo que virá a seguir neste livro. Mas Deus não permitirá que isso aconteça à parte do evangelho glorioso de seu Filho. Ele não divide a sua glória, de forma que nenhum evangelho pela metade ou diluído será suficiente.

Conclusão

Há catorze anos um pequeno grupo de cristãos apareceu do lado de fora de um centro comunitário das ruas de Swindon e me disse que eu estava indo para o inferno. Eles me disseram o que eu precisava fazer para evitar isso. Ouvir as boas-novas, receber as boas-novas, me arrepender, crer e ser batizado. Eu não queria ouvir aquilo. Mas quatro anos depois de muita dor, ira e arrependimento genuíno tardio fui salvo pela graça misericordiosa de Deus. Escrevo estas palavras hoje como pastor pois um dia aqueles cristãos dedicaram suas vidas para que eu pudesse ser “endireitado”. Isso é o que Deus pede de nós. Essa é a nossa tarefa primária se quisermos alcançar e ajudar os necessitados.

4. Para uma compreensão mais completa da mensagem do evangelho, veja o livro de Greg Gilbert *O que é o evangelho?* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2011)

5. James Montgomery Boice, *Foundations of the Christian Faith: A Comprehensive and Readable Theology* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1986), 319.

CAPÍTULO 3

SERÁ QUE A DOUTRINA É REALMENTE IMPORTANTE?

Há alguns anos, fui (Mike) tomar um café com um antigo amigo de faculdade e o ouvi explicar como sua visão ministerial havia mudado desde que estudamos juntos. À época desse nosso café, ele liderava ministérios com universidades e uma série de campi universitários locais. Ele me explicou a decisão deles de não ser tão "centrados na cruz" (palavras dele) como eram há quinze anos: "Sabe, Mike, preferimos não ser tão… *doutrinários*. A cruz certamente é importante. Mas não queremos ficar emperrados em discussões do século dezesseis a respeito da expiação. Afinal de contas, Cristo usou muitas figuras diferentes para descrever sua salvação, tal como grãos de mostarda que crescem. Queremos espalhar o reino de Deus proclamando as boas-novas aos pobres e a liberdade aos cativos. Há muito trabalho a ser feito, então não podemos ficar emperrados com a teologia".

Deixando de lado por um momento a possibilidade de o apóstolo Paulo concordar com as prioridades do meu amigo (uma vez que o apóstolo declarou aos crentes em Corinto que não queria saber de nada entre eles a não ser o reino de Deus se espalhando como um grão de mostarda… espera aí, esquece [1 Coríntios 2.2]), o que dizer de seu objetivo principal? A posição do meu amigo não procede.

Digamos, a título de ilustração, que você está num navio indo para uma cidade distante a fim de alertar os moradores a respeito de uma destruição iminente. Se você não chegar lá a tempo, todos morrerão. Não preciso

mencionar que o navio precisa navegar o mais rápido possível. Você, então, se livra de toda carga excessiva que possa retardá-lo. Você não perde tempo se preocupando com deques limpos e metais polidos. A urgência da tarefa exige que você funcione com eficiência e precisão.

Pessoas como o meu amigo dizem que a urgência da missão cristã exige que cortemos nossas velas teológicas e arremessemos da embarcação a carga pesada da precisão doutrinária. Essa carga resulta apenas em disputas e brigas entre pessoas que deveriam somar forças. Se as pessoas estão sofrendo, se o pobre é oprimido e se o cativo encontra-se preso, por que escrever livros e fazer conferências que discutem o significado de algumas poucas palavras?

Eis a questão. A igreja seria provavelmente muito melhor se o cristão gastasse menos tempo disputando e brigando na internet por causa do infralapsarianismo e mais tempo falando ao seu próximo a respeito de Cristo. Mas isso não significa que a igreja que deseja alcançar o pobre e o necessitado precisa se livrar de convicções e conversas teológicas.

A doutrina não é uma carga no navio. Ela é o casco e o mastro.

A doutrina de uma igreja determina o caráter e a qualidade de seu testemunho. Sua teologia molda seus alvos e a forma como ela busca alcançar esses alvos. Considere as palavras de Jesus aos seus discípulos na Grande Comissão:

> Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. (Mateus 28.18–20)

Jesus ordena que os discípulos vão e façam discípulos, algo que requer dois passos:

- Primeiro, eles devem batizar as nações no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O discipulado começa com homens e mulheres se arrependendo e crendo no Senhor Jesus por meio da proclamação do evangelho. O batismo é a culminação do estágio inicial do fazer discípulos.

- Segundo, os discípulos devem ensiná-los a obedecer a tudo que foi ordenado. Este é o processo contínuo de discipulado, quando novo convertido batizado aprende o que significa viver uma vida que agrada a Deus.

Sendo assim, eis o questionamento para este capítulo: será que esses dois aspectos do fazer discípulos requerem que a igreja conheça e ensine doutrina? Será que somos capazes de alcançar estes dois alvos simplesmente demonstrando o amor de Deus e trabalhando para renovar nossa comunidade através de atos de serviço? Isso me parece improvável.

Pelo contrário, é possível ver no Novo Testamento que a teologia é essencial para cada aspecto da vida da igreja. Consideremos quatro arenas nas quais isso acontece: salvação, santificação, liderança e evangelismo.

Salvação requer doutrina

Os críticos da necessidade da doutrina por vezes mencionam sarcasticamente que Deus certamente não abrirá a cabeça das pessoas no dia do juízo para se certificar das convicções doutrinárias que se encontram dentro dela. É muito provável que não mesmo. Mas ele perguntará algo como: "Você confiou em *mim*? O real e verdadeiro ou numa versão inventada de mim?". Em outras palavras, Deus está bastante interessado no nosso interesse em confiar em algumas verdades, pois com ele a verdade doutrinária é a verdade pessoal.

Para experimentar a salvação de Cristo, uma pessoa precisa crer e confiar nas verdades a respeito do Deus *real* que esboçamos no capítulo final:

- Que ele é o Criador a quem devemos nossas vidas (Gênesis 1.26–28).
- Que ele é santo e justo e precisa punir nosso pecado por meio da condenação (Romanos 3.23).
- Que ele é misericordioso e compassivo, por isso enviou Jesus, o Deus-homem, para morrer na cruz pelo pecado e ressuscitar (Romanos 3.21–26; 4.25).
- Que ele nos convoca a voltarmos nossas costas para o pecado e confiarmos em Cristo (João 3.16; Atos 17.30).

De forma simples, se a pessoa não voltou seu coração todo para Deus e não confiou nessas verdades gloriosas a respeito de Deus, ela não pode ser salva (Romanos 10.13–17). A doutrina é necessária para a salvação![6]

É por esse motivo que, quando os apóstolos foram fazer discípulos, eles não evitaram pregar mensagens doutrinárias. Observe todos os tópicos doutrinários que eles e outros cobriram quando falaram a multidões de não convertidos no livro de Atos[7]:

- O Espírito Santo (2.14–21)
- A providência soberana de Deus (2.23; 17.26)
- A ressurreição de Cristo (2.24–32; 3.15)
- A crucificação de Cristo (8.32–35; 13.28,29)
- A forma como o Antigo Testamento aponta para Jesus (3.22–24; 7.2–53; 28.23)
- A realidade do julgamento futuro (10.42; 17.31; 24.25)
- A exclusividade de Cristo (4.12; 19.26)
- Deus, o Criador (14.15–17; 17.24)
- A autossuficiência de Deus (17.24,25)
- O reino de Deus (19.8; 28.23)

Os apóstolos compreendem que, para o incrédulo chegar ao arrependimento e à fé em Cristo, ele precisava compreender algumas verdades sobre Deus e sua salvação em Cristo.

Na realidade, quando Jesus aparece para um Paulo desmotivado e desanimado num sonho, diz: “Coragem! Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma” (Atos 23.11). Jesus resume todo o ministério evangelístico de Paulo, tanto aos judeus quanto aos gentios, como *testemunho de fatos acerca de Cristo*. Isso foi o que Paulo fez; foi de cidade em cidade transmitindo fatos sobre quem era Jesus e o que fez.

Dificilmente conciliaremos essa figura da tarefa evangelística da igreja com a alegação de que nosso testemunho deve ser primeiramente orientado por atos de amor e de misericórdia para com o necessitado. A questão é: o mundo é capaz de assistir ao cristão servindo sopa ou pintando muros pichados por milhares de anos, sem jamais chegar à conclusão de que Jesus morreu por seus pecados e ressuscitou. Precisamos abrir a nossa boca e proclamar o conteúdo do evangelho ao mundo, caso contrário ninguém será salvo.

Santificação requer doutrina

Há quem seja tentado a crer que uma pessoa precisa de uma quantidade básica de doutrina para *se tornar* um cristão, mas que a maioria do que chamamos de "teologia" ou de "doutrina" é desnecessário para o crescimento do cristão. Certo, se você tem um temperamento que gosta de contemplar conceitos complicados e discutir com estranhos na internet, fique à vontade. Mas, para o resto de nós, precisamos nos engajar a viver como Jesus dentro da nossa comunidade.

Na realidade, os próprios autores das Escrituras não partilham desse ponto de vista. Reiteradas vezes, a Bíblia liga ações, comportamentos e atitudes corretas para o povo de Deus com a doutrina correta. Eis alguns exemplos:

- *Os Dez Mandamentos*. Estamos falando do avô de todos eles – a maior lista sobre como viver. Ainda assim, o que vem imediatamente antes dessas instruções para o viver piedoso? Um pouco de teologia: "Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão." (Êxodo 20.2). Por que os israelitas não deveriam ter outros deuses? Porque o Senhor os livrou da escravidão.
- *Ame seus inimigos*. Eis um mandamento que coloca realmente para funcionar o evangelho! Mas observe que Jesus fundamenta o amor ativo em teologia: "Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos" (Mateus 5.44,45). Por que devemos amar o nosso inimigo? Pois Deus, o Pai, é um Deus que ama os inimigos!
- *Sede santos*. O cristão deve ser santo. Por quê? Novamente um apóstolo nos direciona à doutrina: "Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento" (1 Pedro 1.14,15). Não nos conformamos às paixões que antes nos governavam por causa da santidade de Deus.
- *As cartas de Paulo*. Por fim, a estrutura das cartas de Paulo baseia os mandamentos em verdades. Paulo deseja que seus leitores apresentem seus corpos como sacrifícios vivos (Romanos 12.1), que se revistam do novo homem (Efésios 4.24) e andem em Cristo Jesus (Colossenses 2.6). Mas tais mandamentos só aparecem depois de longas discussões doutrinárias. Paulo educa em assuntos como justificação e glorificação, tipologia e liderança federal (Romanos 5.12–17; 8.30), eleição e

predestinação (Efésios 1.4–6), a depravação do homem (Efésios 2.1–3) e cristologia (Colossenses 1.15–20).

A obediência cristã, incluindo alcançar sacrificialmente o necessitado, precisa estar ancorada e motivada no caráter e pela ação de Deus. Remova a âncora e você pode até permanecer no mesmo lugar por um tempo, mas logo os ventos e as ondas o conduzirão em outra direção. A atividade sacrificial não durará muito tempo.

Quanto mais conhecemos Deus, mais somos direcionados à obediência. Quantas pessoas fizeram uma oração numa igreja ou num momento missionário e jamais obedeceram a Deus pois não aprenderam o filé-mignon doutrinário da fé? Quantos cristãos estão presos em padrões de egoísmo, preguiça e pecado pois não foram desafiados a considerar o caráter de Deus e suas implicações para suas vidas?

Mas espere…

Uma objeção que ouço com certa frequência é que as comunidades carentes não têm acesso à educação de qualidade, o que significa que as pessoas ali não têm as ferramentas necessárias para aprender a doutrina. Se as pessoas não vivem num ambiente onde a leitura e o estudo são coisas normais, ou onde o analfabetismo impera, você será incapaz de ensinar conceitos teológicos complicados a elas. Se tentar, fará com que eles percam o interesse rapidamente.

Honestamente, atitudes como essas soam para mim como paternalistas e condescendentes. O pobre é pobre, não é estúpido. Ele é tão capaz de compreender o caráter e os caminhos de Deus como qualquer outra pessoa. Paulo não escreveu suas cartas para um corpo docente de um seminário. Seus leitores eram, normalmente, pessoas não ricas, não privilegiadas e não muito escolarizadas. Os próprios israelitas que partiram do Egito também não tinham formação em teologia, mas Deus não hesitou em contar a eles coisas profundas e complicadas acerca de si mesmo.

O pobre é bem capaz de compreender verdades profundas. Tenho visto que isso é verdade na igreja onde sirvo nos Estados Unidos, e vi a mesma coisa no contexto do trabalho de Mez em Edimburgo.

Por exemplo: o Gordon. Ele tem cerca de quarenta anos. Nunca concluiu o ensino médio e nunca leu um livro em sua vida até a sua conversão. Nunca

teve experiência prévia com a igreja ou com o cristianismo. Era alfabetizado, mas alfabetizado o suficiente para ler manchetes do jornal. Quando Gordon chegou à igreja do Mez pela primeira vez, disse que aquele ensinamento era demais para ele. Vejamos a explicação que Gordon deu com suas próprias palavras:

> Antes de ser salvo, eu era incapaz de compreender o que estava sendo dito na Bíblia. Agora é como se ela me chamasse pelo nome e me atraísse para ela. Acho que isso é o Espírito Santo. Eu me pego pensando sobre as perguntas profundas da vida de uma maneira que jamais pensei. Quero ler o tempo todo. Mesmo me perdendo com aqueles termos teológicos grandes, estou determinado a aprendê-los. Eu quero amar mais a Deus. Quero conhecê-lo mais. O que me ajudou foi ter pessoas boas ao meu redor para me explicar sem serem complacentes comigo. Quando estava na escola, se a matéria fosse um pouco mais difícil, eu já desistia. Agora, mesmo que aprender algumas coisas faça minha cabeça doer, aprendi a perseverar e ser paciente.

Antes da fé em Cristo, Gordon era incapaz de se manter num emprego de tempo integral. Era viciado em drogas fortes e tinha uma vida caótica. Ele diz que era incapaz de ficar quieto por mais de dois minutos. Agora senta e ouve a um sermão de quarenta minutos sem problemas e ama estudar a Bíblia sempre que tem oportunidade.

Não devemos subestimar as pessoas simplesmente por causa de sua falta de escolaridade ou por seu nível de cultura. Sem sombra de dúvidas, você terá de ajustar seus métodos pedagógicos se for trabalhar com pessoas completamente iletradas ou mentalmente debilitadas. Mas todo bom professor ajusta seu material ao nível de seus ouvintes. Em nosso contexto, ainda não passamos por um tópico doutrinário muito complicado a ponto das pessoas carentes não compreenderem. Se você ensina a doutrina de maneira clara e boa, dependendo do Espírito Santo, o povo de Deus desejará aprender e crescer a partir dela.

Liderança requer doutrina

O Novo Testamento ensina claramente que um certo grau de proficiência doutrinária se faz necessário para a liderança eclesiástica. O líder deve proteger a congregação da falsa doutrina e do erro teológico.

- O presbítero, diz Paulo, deve ser “apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (Tito 1.9).
- E a Timóteo, disse Paulo, “te roguei permanecesses ainda em Éfeso para admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina, nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que, antes, promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé” (1 Timóteo 1.3,4).
- E não apenas para Timóteo, mas a todo líder de igreja: “Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade” (2 Timóteo 2.24–26).

A sã doutrina fornece vida e é santificadora; o falso ensino destrói a alma (veja Apocalipse 2.20–23). Sendo assim, Paulo alertou os presbíteros de Éfeso que “lobos cruéis” viriam no meio do rebanho e falariam “coisas perversas”. Portanto, Paulo os instruiu: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (Atos 20.28). Uma igreja sem líderes que ensinem claramente a sã doutrina é como um antílope ferido tentando alcançar o rebanho. É apenas questão de tempo até que um predador espiritual o devore.

Nós oramos por um movimento de pastores e plantadores de igrejas que trabalharão em lugares difíceis. Mas é fácil ser arrastado pela intensidade e energia de se começar algo novo ou fazer algo desafiador. As pessoas em áreas carentes não precisam primeiramente de líderes empreendedores ou criativos; elas precisam de líderes de igreja entregues ao ensino da fé entregue de uma vez por todas aos santos (Judas 3).

Evangelismo requer doutrina

A doutrina forma o conteúdo do nosso evangelismo. Mas também nos fornece motivações e métodos para divulgarmos o evangelho. Mez e eu somos calvinistas convictos. Cremos que Deus planeja e executa graciosamente a salvação de pessoas que não conseguem e não irão procurá-

lo por conta própria. E enquanto alguns dizem que as “doutrinas da graça” destroem nossa motivação para evangelizar (pois, se Deus elege e salva, por que me preocupar em divulgar o evangelho?), descobrimos que acontece exatamente o contrário. Afinal de contas, o que é melhor: tentar convencer uma pessoa espiritualmente morta a viver, ou depender de Deus, que faz os seus viverem em Cristo (Efésios 2.1–10)? Não é sem motivo que Paulo precede Romanos 10, seu grande capítulo acerca do espalhar do evangelho, com Romanos 9, seu grande capítulo acerca da soberania de Deus na salvação. Não temos a esperteza, a clareza e a persuasão suficiente para convocar pessoas mortas para a vida. Mas isso não significa que não devamos pregar o evangelho. Nossa proclamação do evangelho não é nada menos do que o meio escolhido por Deus para salvar pecadores.

Pense nisso: se você for até um conjunto habitacional ou a um encontro de uma gangue e partilhar o evangelho, prefere esperar ser capaz de convencer alguém a crer em Cristo, ou saber que Deus salvará sem falhar todos aqueles que lhe pertencem naquele lugar? Quando Paulo precisou de encorajamento para continuar sua pregação do evangelho, o Senhor prometeu a ele que ainda tinha muitas pessoas na cidade de Corinto que eram “suas” (Atos 18.9,10). Estamos falando da mesma coisa que motiva nossos ministérios; esperamos, cremos e oramos para que Deus salve seu povo em Niddrie e em Sterling Park.

Conclusão

Será que um compromisso de ensinar e crer na doutrina atrapalha o espalhar do evangelho em lugares difíceis? Dificilmente. Na realidade, nossa tarefa de fazer discípulos e ensiná-los a obedecer ao Senhor Jesus não pode ser realizada sem tal compromisso. Não é suficiente demonstrar o amor de Jesus à comunidade carente. Não é suficiente trabalhar duro para ver estruturas sociais sendo renovadas e consertadas. Precisamos falar as verdades reais do evangelho, caso contrário traremos glórias para nós mesmos e deixaremos que aquelas pessoas permaneçam no pecado e na culpa.

6. Para uma discussão mais detalhada a respeito da necessidade de se crer numa doutrina verdadeira para a salvação, veja o capítulo 3 do livro do Mike, *Eu sou mesmo um cristão?* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012)

7. Listamos apenas alguns exemplos de citações possíveis do livro de Atos. Se estiver procurando por eles, a doutrina permeia cada espaço da pregação evangelística dos apóstolos e líderes da igreja primitiva.

Parte 2

A IGREJA EM LUGARES DIFÍCEIS

CAPÍTULO 4

O PROBLEMA PARAECLESIÁSTICO

Anos atrás, eu (Mez) estive em Cidade do Cabo, África do Sul, visitando um jovem chamado Andy. Ele estava envolvido no ministério com uma organização paraeclesiástica especializada no trabalho com gangues[8]. Andy havia sido meu estagiário em Niddrie e pediu que eu o visitasse para fazer uma prestação de contas espiritual a mim. Certa noite saímos para jantar junto com outros vinte e poucos amigos e colegas de trabalho dele. Todos eram jovens ambiciosos que estavam na África do Sul com o objetivo de trabalhar para o Senhor entre os pobres e necessitados.

À medida que ouvia a conversa desses jovens missionários, eu ficava horrorizado com o completo descaso que eles tinham pela instituição da igreja local. Quando perguntei a eles onde adoravam a Deus, infelizmente a resposta era muito manjada: “Nós adoramos juntos, como amigos. Afinal, onde estiverem dois ou três reunidos, Jesus estará conosco”. Outra resposta veio a seguir: “A igreja local não tem feito o seu trabalho, então nós levamos a igreja às pessoas”. Dando corda para a teoria deles, uma jovem me informou orgulhosamente que não precisava estar numa igreja local para provar seu amor por Cristo (infelizmente ela acabou retornando para o seu país de origem e não adora mais ao Senhor).

Na realidade, o que esses jovens estavam fazendo era trocar a família da igreja local pelo ministério cristão a que serviam. Na nova família, todos tinham a mesma aparência, a mesma fala, o mesmo pensamento e alimentavam as mesmas paixões (o pobre, o necessitado, os membros de

gangue, neste caso específico). Isso se encaixava e funcionava dentro de sua mentalidade “nós contra o mundo”.

Mas isso é espiritualmente perigoso. Lá estavam eles, longe de casa, na África do Sul, com pouca prestação de contas espiritual exceto para o gestor escolhido pela organização para acompanhá-los. Eles eram os únicos cristãos naquela região, um grupo de amigos imaturos dispostos a defender sem pestanejar suas visões pessoais da vida, de Deus e da igreja local. Quando disse para uma jovem que o ministério dela parecia carecer de uma compreensão da importância da igreja local, todos deram risada. Eis uma frase que jamais me esquecerei: “O pobre precisa mais de Jesus do que da igreja local”. Os amigos dela a parabenizaram pela ótima resposta, e a conversa continuou, o que foi ótimo, pois eu estava quase me preparando para bater em alguns deles.

Fiquei perplexo: estava diante de partes e órgãos vivos ativos do corpo de Cristo mais amplo, despreparados e indispostos a contribuir para com a vida da igreja local! Eles simplesmente não enxergavam o problema que Paulo esboçou tão claramente em 1 Coríntios 12.18–21: “Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve. Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo? O certo é que há muitos membros, mas um só corpo. Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós”. Esses jovens membros estavam vagando por aí sem um corpo e não enxergavam perigo nenhum em fazer isso.

No meu voo de volta para casa, fiquei refletindo sobre essa situação. Será que os jovens estavam completamente errados por suas atitudes em relação à igreja local? Será que o motivo se resumia a um ensino e um discipulado ruins em nível de igreja local? Será que o problema estava na organização paraeclesiástica para qual trabalhavam? Eu tinha certeza de que a resposta abrangia uma série de fatores. Entretanto, mesmo que tivessem orientações erradas, não eram jovens ruins e, em alguns casos, as motivações deles honravam a Deus. O Andy era um exemplo claro disso. A respeito do tempo dele na África do Sul, declarou: “Quando planejava ir à África do Sul, minha mente só pensava em ser o mais radical possível. Parti com um amigo para transformar aquele vilarejo para Jesus”. Estamos falando de um homem piedoso e consciente. Ele não estava em busca de fama e nem de dinheiro. Ele queria apenas servir ao seu Deus entre os pobres. Mas, em vez de

enxergar a igreja local como veículo para suas ambições, ele lembra que a considerava como “um obstáculo para o que queria fazer”.

Andy considerava a agência cristã para a qual trabalhava como uma alternativa sólida para a igreja local. Afinal de contas, ele havia lido histórias de grandes homens de fé como C. T. Studd e Hudson Taylor, que haviam feito grandes coisas pelas nações sem precisar muito da igreja local. Decidiu que poderia servir a Deus de maneira mais eficaz entre os pobres numa organização cristã especializada que pareceu mais bem equipada para o desafio do que a igreja, a qual ele descreveu como nada mais do que “um conjunto de reuniões chatas e estruturadas”.

O problema com a igreja é o apelo da organização paraeclesiástica

Andy e seus amigos não eram os únicos missionários cristãos que encontrei e que não davam valor para a igreja local. Muitos anos depois de minha viagem para a África do Sul, tentei organizar um encontro de pastores e líderes eclesiásticos que trabalhavam nos conjuntos habitacionais da Escócia. Enviei os convites a várias igrejas e espalhei a informação por todos os lados. Um amigo chegou a oferecer sua casa no interior por alguns dias para nós. Várias pessoas vieram, embora apenas um fosse pastor. De fato, até mesmo aquele senhor estava mais para um missionário tentando solidificar um trabalho nos conjuntos habitacionais (ao longo de vários anos), com pouca evidência de conversões. Todos os outros trabalhavam para organizações cristãs; a maioria era de jovens e trabalhava com crianças.

À medida que o encontro caminhava, o que eu esperava ser uma troca de ideias e de recursos acabou se tornando uma demorada sessão de aconselhamento. Os jovens e aqueles que trabalhavam com crianças estavam em depressão. A grande maioria deles trabalhava fora dos parâmetros da igreja local, se mostrava desinteressada nela ou a considerava incapaz de lidar com os jovens e as crianças problemáticos com quem trabalhavam. Além disso, trabalhavam com pouca ou nenhuma prestação de contas de vida pessoal e espiritual.

Como resultado, a maioria estava esgotada por causa da dificuldade do ministério no qual estavam engajados. Uma das situações que apareceu foi a de um líder de jovens enrascado com uma série de pecados, incluindo a pornografia persistente. Ao final do nosso encontro, eu tinha praticamente

certeza de que ele não era alguém regenerado. Essa experiência me deixou desanimado e temeroso com relação ao futuro do cristianismo nos conjuntos habitacionais da Escócia. Senti como se estivéssemos tentando apagar um incêndio numa floresta com pistolas de água. O que deveríamos fazer?

Se os líderes eclesiásticos desejam discutir seriamente esses assuntos, então precisamos encarar algumas realidades difíceis. O fato é que tanto na Escócia quanto nos Estados Unidos várias de nossas comunidades hoje carecem de uma igreja sólida, viva, e de um evangelho evidente. A grande maioria das igrejas que existem por aí são igrejas liberais mortas que pregam uma mensagem sem Cristo ou são antigas igrejas ortodoxas que pregam um evangelho que ninguém escuta. As igrejas têm feito muito pouco quando se trata de levar o evangelho aos lugares pobres e oprimidos das cidades e das vizinhanças.

Se formos honestos, teremos de admitir que muitas igrejas não têm planos ou recursos para alcançar os necessitados em suas portas, mesmo que tenham um coração disposto a ajudá-los. Poucas igrejas sabem como evangelizar de maneira eficiente em comunidades carentes, e provavelmente um número ainda menor tem um plano em execução para discipular quem vai até Cristo. Além disso, a quantidade de tempo, esforço, força e dinheiro necessários para se progredir dentro das áreas carentes é tão grande que parece ser uma montanha a ser escalada para a maioria das igrejas que lutam para manter o rosto acima da linha da água. O resultado disso é que poucas igrejas as quais tentam se engajar nessas áreas e entre essa população conseguem fazer algo melhor do que o evangelismo desgovernado ou ministérios em crise, como o dos bancos alimentares. Portanto, muitos encolhem os ombros de maneira resignada e deixam pessoas especializadas das organizações paraeclesiásticas se responsabilizarem pelo grosso do trabalho.

É de se admirar que crentes preocupados e empreendedores espirituais enxerguem uma lacuna no mercado e tentem preenchê-la com ministérios especializados? É por esse motivo que nos conjuntos habitacionais e em outras áreas carentes no mundo encontramos uma proliferação de organizações cristãs novas, organizações infantis, bancos alimentares, bancos de vestimenta, locais para café da manhã, abrigos emergenciais *etc.* E, francamente, é complicado criticar irmãos e irmãs bem-intencionados que têm entrado na brecha para satisfazer as carências dos necessitados. Diferente desses ministérios especializados em áreas carentes, que normalmente

concentram uma grande atividade, as igrejas nesses lugares enterram mais pessoas que batizam.

Compare isso com o trabalho das organizações paraeclesiásticas especializadas, muitas das quais investem grandes quantias para estratégias de marketing, para um departamento de tempo integral dedicado ao levantamento de recursos, para uma presença online maciça e para fornecer oportunidades empolgantes para que jovens possam servir em lugares difíceis. A comparação inexiste. Andy resumiu isso de maneira brilhante: "Por que eu trabalharia para uma igreja? Isso significaria ficar amarrado por uma estrutura, por uma autoridade, e ser antirradical. Quando leio o Novo Testamento, vejo vida e dinamismo, e não tradições cansativas e entediantes. Eu jamais quis dedicar minha vida a isso".

É fácil simpatizar com aqueles que sentem ser mais empolgante falar sobre "ser igreja" do que frequentar uma. Não devemos culpar os ministérios especializados por chegarem aos conjuntos habitacionais e à vizinhança barra pesada quando a igreja tem negligenciado seu dever ou nem mesmo está presente naquela região. Por causa da ausência de igrejas saudáveis, não podemos culpar completamente essas organizações cristãs por trabalharem fora das paredes da igreja local. Como mariposas para o fogo, essas organizações são recebidas de braços abertos e sem críticas.

Novamente: por que um grupo de jovens que desejam mudar o mundo ficaria preso a uma igreja local cheia de idosos que se prendem a tradições irrelevantes, quando um mundo empolgante de serviço os aguarda fora das paredes da igreja? Por que esses jovens deveriam se importar em tentar lançar ideias novas quando a liderança da igreja local não está aberta para opiniões e tem sido dirigida durante décadas por homens que não têm contato algum com o mundo e se apegam ao poder? Quem deseja ser liderado por um bando de fósseis que sempre fica na defensiva e abafa qualquer ideia nova? Conforme afirma Andy: "Eu queria mais; achei que a organização especializada ultrapassaria toda aquela estrutura e que eu poderia iniciar algo diferente que fosse mais bíblico e mais radical".

Esse tipo de atitude faz surgir uma série de questionamentos:

- O que fazer quando a igreja está indisposta ou é incapaz de se conectar efetivamente com as comunidades mais carentes ao redor delas?

- Será que a igreja retém jovens como Andy e seus amigos, impedindo que eles cheguem aos lugares difíceis do mundo?
- Será que algo deve ser feito para impedir pessoas como Andy de abandonarem o navio da igreja local e entrarem em organizações especializadas para trabalhar em comunidades carentes?
- Será que os ministérios especializados são, de fato, melhores em seu cuidado com o pobre e o necessitado? Será que eles representam a solução?

Os perigos das organizações paraeclesiásticas

Há vários anos, minha família e eu passamos cinco anos em Nova Iorque. Era o lugar que tínhamos visto na televisão, sobre o qual tínhamos lido nas revistas, e que sonhávamos conhecer, jamais achando que se tornaria uma realidade. Quando descobrimos que estávamos a caminho de lá, Edimburgo subitamente tornou-se cinzenta e chata em comparação com o nosso novo destino. Tínhamos criado um cenário em nossa mente e estávamos cheios de expectativas enquanto aguardávamos o momento da mudança. Ao chegarmos, a cidade não nos desapontou em nada. Ela era enorme e vibrante, em comparação com a capital da Escócia. Nova Iorque era acelerada, barulhenta, colorida e cheia de energia. Nós amamos o lugar, que superou completamente nossas expectativas.

Mas, depois de permanecer ali por algumas semanas e andar no metrô mundialmente famoso, começamos a enxergar a Nova Iorque por trás da grande e intrépida fachada. Enquanto aguardávamos o metrô certo dia, minha filha mais nova contou mais de vinte ratos procurando por alimento nos trilhos abaixo de nós. E, embora o Central Park fosse lindo, ele estava cheio de sem-teto e de mendigos. Por trás da arte, da arquitetura e do esplendor da cidade existia muito pecado, vício e sofrimento. As aparências eram bem diferentes. Certamente não éramos ingênuos o suficiente para achar que Nova Iorque era um paraíso sem pecado, mas a experiência nos lembrou de que tudo ao nosso redor estava abalado. Muitas coisas parecem boas à primeira vista, mas é necessário raspar a superfície para enxergar o que fica abaixo dela.

Da mesma forma, a igreja é alvo fácil de críticas. Muitas coisas podem estar erradas nela. Mas o mesmo pode ser dito dos ministérios

paraeclesiásticos, particularmente no que diz respeito aos que trabalham com comunidades carentes.

Uma das maiores alegações dos apoiadores dos ministérios paraeclesiásticos – em especial os que funcionam dentro do contexto carente – é que eles são capazes de fazer o que a igreja é incapaz. Num certo sentido, isso é verdade. Centenas de milhares de pessoas na Escócia são incontestavelmente gratas pelos alimentos que recebem de ministérios ao redor do mundo. Todavia, ao observar os conjuntos habitacionais da Escócia no século vinte e seus relatos de envolvimento paraeclesiástico, alguém pode se perguntar: onde está o fruto duradouro, após décadas de investimento paraeclesiástico? Onde estão os convertidos? Onde se encontram as igrejas locais sadias? Naquilo que sou capaz de observar, elas não estão em lugar nenhum. Na realidade, o número de igrejas nessas regiões diminuiu ao invés de aumentar.

Pode soar como algo rude, mas precisamos encarar os fatos. Conforme disse Carl Trueman: "Os ministérios paraeclesiásticos existem pura e exclusivamente para servir à igreja de maneira subordinada e comparativamente insignificante"[9]. Quem sabe a grande experiência paraeclesiástica não tenha ajudado em nada a igreja local? Dizendo isso de maneira mais branda: quem sabe os ministérios paraeclesiásticos têm enfraquecido em algumas áreas e não têm expandido o reino de Deus nem edificado a noiva de Cristo? Por exemplo: tenho membros de igreja forçados a perder de três a quatro cultos aos domingos "trabalhando" para suas organizações paraeclesiásticas. Onde essas pessoas adoram em comunidade? Em lugar nenhum. Elas aprenderam que a lealdade à organização a que servem tem o mesmo valor do culto junto da igreja.

Pode até ser que ouçamos uma série de histórias e leiamos uma série de notícias falando de jovens que "tomaram decisão" ou foram ajudados de várias maneiras, e daí? Se fizermos perguntas complicadas a respeito da igreja, precisaremos perguntá-las também com relação aos ministérios paraeclesiásticos:

- Uma década depois, onde estão todas essas pessoas que tomaram decisões por Cristo? De que igreja elas são membros? Como têm sido discipuladas?

- Onde estão os líderes e executivos dessas organizações que evangelizaram, discipularam e ajudaram no crescimento dos convertidos?
- Será que já consideramos a desvantagem do evangelismo sem a ligação significativa com a igreja local? Qual é o sentido de um copo d'água no deserto quando se está longe de qualquer manancial?

Nosso temor é que, em vez de auxiliar a igreja local, os ministérios paraeclesiásticos estão competindo diretamente com ela. Por exemplo: há poucos anos, nossa igreja decidiu financiar uma pesquisa sobre plantação de igreja por doze meses num conjunto habitacional. Pagamos o salário de uma família jovem que se mudou para a área para executar um estudo detalhado viável. Não estávamos convencidos da necessidade de plantarmos uma igreja, então buscamos um retrato claro de alguém do meio. Pouco depois da mudança dessa família, uma executiva de uma organização paraeclesiástica nacional entrou em contato comigo. Ela estava furiosa, pois não havíamos pedido a permissão da organização dela para estar ali, e exigiu saber por que o grupo dela não havia sido informado.

Minha resposta foi de que estávamos fazendo uma pesquisa da região, e a pessoa certa estaria em contato, fazendo quaisquer observações pertinentes, compilando um relatório e submetendo o resultado aos presbíteros para discussão e oração. Ao final do processo, acabou que plantar uma igreja naquela região não era viável. Em vez disso, decidimos apoiar um jovem casal de outra denominação que já estava plantando uma igreja ali. Mas a resposta da organização paraeclesiástica à "ameaça" do nosso ministério foi contratar um assistente social de tempo integral daquela região para garantir que o lugar permaneceria funcionando de acordo com os interesses deles.

Observe que esse grupo reclamou acerca da ausência de uma igreja local naquela comunidade. Eles tornaram público que buscavam uma parceria significativa com uma igreja local. Mas a realidade era que uma igreja local atuante iria, segundo eles, prejudicar o ministério deles (e as doações que recebiam), e então fizeram o que estava ao seu alcance para se certificar que ninguém iria interferir na fatia do mercado deles.

Sendo assim, que respostas podemos dar para os fracassos das igrejas em relação aos pobres? A resposta certa não é que precisamos de mais organizações paraeclesiásticas. A despeito da grande pompa e do glamour

que envolvem muitos dos ministérios paraeclesiásticos, eles não foram ordenados por Deus como a igreja local foi. A despeito dos muitos fracassos e das muitas falhas das igrejas, elas permanecem como a única instituição na terra estabelecida e sancionada por Deus para o trabalho explícito do ministério do evangelho, tanto em lugares difíceis como em qualquer outro contexto. Consideraremos o papel da igreja no capítulo seguinte.

8. Com a finalidade de esclarecimento, permita-me definir o uso que faço do termo *paraeclesiástico*. Uma organização paraeclesiástica, de acordo com o meu entendimento, normalmente consiste num grupo formal que se engaja em questões sociais e evangelismo sem atrelar seu trabalho a uma igreja específica ou a um conjunto de igrejas. O objetivo declarado de várias dessas organizações é trabalhar com igrejas, ajudando-as em algum aspecto específico de seu trabalho.

9. "How Parachurch Ministries Go Off the Rails", 9Marks, 1º de março, 2011, http://9marks.org/article/journalhow-parachurch-ministries-go-rails.

CAPÍTULO 5

A SOLUÇÃO DA IGREJA LOCAL

> “Se não preferimos a igreja a todos os outros objetos de nosso interesse, somos indignos de ser contados como membros da igreja.”
>
> João Calvino, *comentário no Livro dos Salmos*

Por vezes o mundo nos deixa enjoados. Picachu tinha cerca de dez anos quando eu (Mez) o conheci. Lindinho e muito amigável, ele vivia debaixo uma árvore sob um lençol amarelo sujo com um grupo de outras dez crianças. Ele era um dos mais velhos e protetor veemente da sua pequena “família”. Eu havia acabado de iniciar um ministério levando suco e pão fresquinho para as ruas num esforço de fazer contato com algumas gangues de São Luís (Brasil). Picachu e eu nos tornamos grandes amigos desde o começo.

O rosto dele se tornou mais conhecido, velho e cansado com o passar dos anos. Eu o via todos os dias. Sempre me abraçava com muita força; toda vez que sentávamos para beber e comer, eu compartilhava a esperança de Jesus com ele e com seus amigos. Ele ouvia intensamente e frequentemente pedia que eu orasse com ele. Por vezes eu cantava alguns louvores com eles. Certo dia perguntei de onde vinha e ele me contou. Quando perguntei se sentia falta da família, respondeu afirmativamente. De forma relutante, concordou em visitar a família num esforço para reuni-la e, quem sabe, tirá-lo das ruas e colocá-lo numa escola.

Depois de muito esforço, encontramos o lugar na periferia de um lixão. A “casa” era feita de madeira de caixotes, postes de muro velhos, peças de carro e sujeira. O cheiro de esgoto aberto, que corria por debaixo do piso de

madeira, era impressionante. Onze pessoas moravam naquele lugar, que era menor do que um banheiro comum da nossa realidade. Era algo terrível. Não é sem motivo que Picachu preferia morar nas ruas.

Eu achava que ele seria bem recebido em sua casa, como o Filho Pródigo. Mas assim que a mãe o viu começou a berrar palavras obscenas e gritou comigo para que eu o levasse embora dali. Em certo momento da nossa conversa, ela chegou a oferecer vendê-lo para mim. Pouco depois, um homem apareceu do nada na casa e começou a bater no menino sem qualquer provocação. Nós saímos rapidamente, e mais tarde descobri que a mãe lhe disse que fosse embora e morresse, que aquele homem era avô dele e abusou sexualmente do menino desde que era um bebezinho.

Lembro-me de sair daquela comunidade vendo centenas de bebês e criancinhas pequenas brincando nas ruas e percebendo que eu pisava onde estava a próxima geração de Picachus. Me senti mal, irado e impotente. Aquele pedaço ocasional de pão, aquele copo de suco e aquela bela história bíblica pareceram inúteis diante da realidade destruidora daquela criança. Era necessário algo mais, e eu tinha de admitir que não sabia o que era.

Fiz tudo o que estava ao meu alcance por crianças como Picachu, mas a dura realidade era que o meu ministério nas ruas não estava fazendo muita diferença nas vidas desses jovens. O melhor que podíamos fazer era tentar mediar crises; não havia esperança ou mudança duradoura. As crianças que colocamos em lares adotivos fugiriam e em questão de tempo estariam de volta às ruas para mendigar e vender seus corpos para consumir drogas. Muitos daqueles jovens se tornaram “reincidentes” em nossos centros. Para quem olhava de fora, parecia que estávamos ocupados (pois estávamos mesmo), e para os nossos mantenedores do primeiro mundo isso significava ótimas oportunidades para tirar grandes fotos e sucesso em termos ministeriais. Mas eu vivia aquela realidade diariamente. Sinceramente, me senti deprimido pela repetitividade do nosso trabalho.

As coisas ficaram claras para mim num dia específico, de uma forma inesperada. Fui ao local onde Picachu ficava e encontrei mais crianças do que o normal naquele dia. Quando cheguei, ouvi o choro de um bebê embalado nos braços de uma criança de não mais de doze ou treze anos. A criança que embalava o bebê era a mãe que acabara de dar à luz. Quando perguntei àquela mãe da mãe *dela,* a menina contou que a avó daquele bebê também era uma moradora de rua que tinha vinte e poucos anos e vivia do outro lado

da cidade. Finalmente percebi a natureza social, institucional e entre gerações envolvidas.

Enquanto pensava sobre o assunto, Picachu se aproximou com um sorriso de orelha a orelha e me apresentou sua irmã. Ela era adorável, tinha a pele dourada e olhos castanhos lindos. Quando perguntei o que a irmã estava fazendo ali com ele, a resposta foi: “Ela veio viver com a gente, pastor. Todos eles vieram. Ouviram do pastor que nos alimenta e nos ama, por isso vieram”. Estendeu o braço ao redor do pequeno bando que agora contava com cerca de vinte crianças.

Fiquei sem palavras. Meu ministério tinha o objetivo de tirar crianças das ruas, conduzindo-as de volta aos seus lares. Mas, sem que tivéssemos qualquer intenção, crianças estavam indo para as ruas, para longe de suas famílias e comunidades. Eu havia visto os péssimos lugares e as situações de abuso das quais eles fugiam, mas não tinha como justificar isso. Outros amigos lidaram com esse problema abrindo seus lares para as crianças. Mas muitos desses lares, embora fizessem um trabalho maravilhoso, não eram nada além de portas giratórias pelas quais as crianças entravam e saíam com uma frequência assustadora. Eu tinha de reavaliar tudo que estava fazendo.

A solução da igreja local

Numa tentativa de chegar ao cerne do problema infantil da nossa cidade, comecei a rastrear o local de onde essas crianças vinham. Ficou evidente que a maioria deles veio de um lugar carente específico na periferia da cidade. Assim sendo, visitei aquela região com alguns colegas de ministério brasileiros, e começamos a conversar sobre a possibilidade de começar uma igreja no meio da comunidade. Em questão de meses conseguimos comprar um terreno e construímos um centro comunitário, uma pequena escola, um campo de futebol e a Igreja Boas Novas nasceu.

Com um pequeno grupo de brasileiros, começamos a nos encontrar para estudar a Bíblia e para um pequeno culto aos domingos em nosso novo prédio. Os moradores começaram a vir, ouvir o evangelho e ser salvos. Como parte do nosso processo de discipulado, nós os treinamos para o trabalho, educamos seus filhos e oferecemos atividades esportivas em grupos infantis.

A diferença era impressionante. Em meus dois anos trabalhando com crianças de rua, fomos incapazes de resgatar uma única criança de seu estilo

de vida. Apesar das condições assustadoras e perigosas, a maioria delas não queria mudar de vida, mesmo quando as concedemos casa, as vestimos e as alimentamos. Elas estavam acostumadas com seu estilo de vida e a liberdade que ele proporcionava. Entretanto, durante o tempo que trabalhei com a Igreja Boas Novas (e nos vários anos seguintes desde a minha partida), inúmeras crianças foram salvas de cair no mundo. Tudo isso se deve a uma simples mudança de estratégia – saindo de um trabalho de gerenciamento de crises para o estabelecimento de uma igreja que pregava o evangelho, recebia o pobre e buscava ministrar a todos os aspectos da vida das pessoas. Esse era um trabalho demorado. Ele custava mais do ponto de vista financeiro e pessoal. Mas permaneço convicto de seus méritos na batalha pelas vidas das crianças de rua brasileiras.

Será que a igreja local é realmente importante?

Em uma palavra, sim. Apesar de tudo que dissemos das falhas da igreja local e dos aspectos atraentes dos ministérios paraeclesiásticos, Mike e eu entendemos que igrejas locais saudáveis e centradas no evangelho constituem a forma ordenada por Deus para ministrar nos lugares difíceis. Algumas pessoas acham que não importa quem faz o trabalho, contanto que Jesus seja conhecido. Mas cremos que a igreja é importante, sim, por uma série de razões.

1. A igreja local é a forma tencionada por Deus para realizar sua missão no mundo

Primeiramente, é através da igreja que Deus deseja se tornar conhecido. A igreja local é a estratégia evangelística primária de Deus. Por exemplo: quando o apóstolo Paulo refletiu sobre sua estratégia ministerial, escreveu: “desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo, esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio” (Romanos 15.19,20).

Paulo entendeu que a região de Jerusalém à Ilíria (o que hoje chamaríamos de Bálcãs) estava sendo alcançada pelo evangelho. O ministério do evangelho estava sendo “cumprido” naqueles lugares. Será que isso acontecia porque Paulo havia pregado o evangelho em todas as comunidades e lares naquela

área enorme? É claro que não. Pelo contrário, seria possível tirar essa parte do mundo de sua lista de lugares a serem evangelizados pois *ele sabia que havia igrejas nesses lugares*. Paulo sabia que as igrejas ali eram a forma como o evangelho seria espalhado para outros lugares próximos. A igreja local faz o evangelismo local.

A igreja está no centro do plano divino para missões. É por esse motivo que, quando Paulo enviou homens como Tito e Timóteo para encorajar os crentes, o fez para edificar as congregações locais, e não para estabelecer organizações paraeclesiásticas independentes. Na realidade, grande parte das epístolas neotestamentárias foram escritas (e ainda se aplicam) a igrejas específicas. Em suma, Deus escolheu a igreja local, e não uma organização humana, para representar o seu reino no mundo.

2. A igreja local deveria ser importante para nós pois é importante para Deus

O apóstolo Paulo escreveu à igreja em Éfeso, dizendo: "E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas" (Efésios 1.22,23). A igreja é o corpo de Cristo aqui na terra. Essa igreja universal é feita de todos os tipos de pessoas: judeus e gentios, homens e mulheres, educados e não educados, escravos e livres. Isso é verdade quer estejamos em Niddrie, quer estejamos na parte rural dos Estados Unidos. Se seguimos Cristo, nele somos todos um, seja em Washington, DC, seja em Edimburgo. Juntos nós representamos Cristo aqui na terra por meio do corpo local de crentes. Portanto, a igreja é central nos propósitos de Deus e é benéfica ao mundo à nossa volta – até mesmo hoje em nossa cultura crescentemente hostil.

Deus projetou a igreja primeiro para a sua glória. Efésios 3.10 nos informa que é por meio dela que Deus deseja tornar conhecida sua múltipla sabedoria. Independentemente das falhas de cada uma, toda igreja verdadeira é uma demonstração da glória e sabedoria infinita de Deus. A Bíblia nos ensina que a igreja é central a todos os propósitos de Deus. Portanto, deve ser central à vida de todo cristão verdadeiro. Paulo diz: "Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela…

Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja" (Efésios 5.25,29).

Cristo ama a igreja a despeito de suas várias falhas e aparente irrelevância no mundo. A igreja é sua noiva, e ele não tem planos de ter outra. Em Atos 20.28, lemos que Cristo edificou sua igreja com o próprio sangue. A igreja é edificada para Cristo, por Cristo e em Cristo. Sendo assim, é simplesmente impensável separá-lo da igreja local. Se o evangelho é o diamante no grande plano salvífico de Deus, então a igreja é o mecanismo que o mantém, segura e exibe sua grande luz para que o mundo veja.

3. A igreja local é onde o cristão cresce

A igreja local também é importante na vida de todo cristão professo por ser nela que aprendemos a doutrina, recebemos a reprovação e somos treinados na justiça. Paulo lembra a igreja em Éfeso que o próprio Cristo "concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo" (Efésios 4.11–13).

Num conjunto habitacional como o de Niddrie, as pessoas precisam de tempo e esforço combinado que apenas uma igreja local é capaz de fornecer. Com grande frequência, as pessoas aparecem à nossa porta tendo ouvido o evangelho por meio de um ministério paraeclesiástico. Todavia, elas quase sempre apresentam uma grande lacuna entre seu conhecimento bíblico e sua conduta cristã. Sem uma igreja local compromissada com o ensino e o treinamento dos membros, essas pessoas tropeçarão indefinidamente.

Ron é um exemplo clássico desse problema. Ele era um jovem que veio até nós depois de gastar algum tempo com uma organização cristã que lhe ajudou a lidar com seus vícios. Durante esse período, fez uma profissão de fé em Cristo e procurou viver como cristão desde que saiu do programa de reabilitação. Tinha uma Bíblia e acesso à internet, mas pouca exposição à comunhão cristã dentro de uma igreja local.

Como resultado, todo mundo que ele conhecia que havia feito uma profissão de fé era viciado, e toda experiência cristã dele foi formada ao redor

do vício. Ele nunca havia se misturado com qualquer pessoa fora de sua cosmovisão cultural e não tinha ido muito além de “Venha a Jesus e tente permanecer limpo”. Ele era um cristão genuíno, mas estava espiritualmente desnutrido em termos da Palavra da comunidade eclesiástica.

Espiritualmente falando, Ron estava num lugar perigoso, mas ainda precisava ser retirado dali com cautela. Ele pulara de um galho para outro, pegando restos teológicos e doutrinários de inúmeras congregações diferentes. Por não ter sido educado com uma dieta espiritual saudável, entrou em grande conflito quando começamos a alimentá-lo com as mais simples das verdades bíblicas.

Tivemos de alimentá-lo lentamente com verdades básicas acerca da santidade de Deus, do pecado e do arrependimento bíblico. Trata-se de alimento rico para a alma dele, e no começo ele teve dificuldade para digerir essas informações. De fato, ele reagiu e rejeitou várias coisas que nós nas igrejas evangélicas consideramos importantes, como o fato de que todo ser humano nasce sob a justa ira de Deus. Aquela organização que havia o ajudado inicialmente com uma questão – o vício – não estava equipada para ajudá-lo a crescer e se tornar um cristão espiritualmente maduro.

Quando veio para a nossa igreja, conheceu pessoas que eram como ele (muito importantes) e pessoas que eram diferentes dele (tão importantes quanto). Foi interessante observar como ele processou a informação recebida e lutou com ela em comunidade. Será que todos nasceram pecadores? Será que o mundo inteiro está sob a ira de Deus sem Cristo? Será que a família incrédula e seus amigos incrédulos estavam realmente indo para o inferno? Ele precisava de pessoas ao seu redor para ajudá-lo a processar perguntas como essas. Precisava de pessoas de históricos complicados, mas que batalharam com as mesmas questões e as responderam. Ele também precisava de pessoas que tinham históricos menos complicados e que lutaram com diferentes problemas teológicos. Precisava ser exposto a todo conselho de Deus e depender dele como sua verdade final, e não depender de seus sentimentos. Mesmo que Ron não soubesse, tudo isso fazia parte da experiência de maturidade dele (e daqueles ao seu redor).

Depois da luta inicial, foi batizado e se tornou membro da igreja. Agora Ron tinha uma rede de relacionamentos entre vários níveis sociais. Seus amigos não eram mais como ele. Da mesma forma, sua vida não era mais dirigida por ignorância com relação às questões espirituais. Mais importante

do que isso, Ron começou a enxergar a importância da igreja local. À medida que o conhecimento bíblico dele crescia, sua fé também crescia. Foi algo bastante difícil para ele no começo, mas ele se manteve firme (nós também) e hoje continua a crescer como cristão conforme estuda para se tornar um profissional da construção. Foi apenas quando Ron entrou em contato com outros pecadores arrependidos que seus próprios pecados vieram à luz, e foi apenas quando confessou suas frustrações e pecados a cristãos maduros que compreendeu o arrependimento, a santificação e a perseverança. Em suma, foi uma igreja que ajudou Ron a aplicar as Escrituras à própria vida. Segundo Ron diz hoje: “Foi doloroso, mas a igreja local salvou a minha vida”.

4. A igreja local é o lugar onde cristãos precisam se submeter à autoridade espiritual

As pessoas nos conjuntos habitacionais da Escócia têm problemas com autoridade. Quaisquer figuras de autoridade são consideradas como suspeitas e são tratadas com zombaria. Vejo isso disseminado na cultura dos conjuntos habitacionais de Niddrie desde um desdenho geral pela polícia até a forma como os jogadores de futebol dos times locais agem. Toda semana trabalhamos com jovens que treinam para os jogos de futebol[10]. Todavia, eles não aceitam críticas ou opiniões de qualquer pessoa que seja relacionada a figuras de autoridade.

Quando esse tipo de pessoa chega a Cristo, essa atitude precisa ser tratada imediatamente. Deus convoca o cristão a se submeter à liderança espiritual, e o melhor e mais seguro lugar para fazer isso é dentro do corpo ativo local de cristãos. O autor de Hebreus é bastante claro quanto a isso: “Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros” (Hebreus 13.17).

Os presbíteros são chamados por Deus para supervisionar a assembleia local de crentes: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (Atos 20.28). Portanto, todo crente precisa ser membro de uma igreja local e estar sob o cuidado e a supervisão dos presbíteros. O crente que não faz parte de uma igreja local está simplesmente desobedecendo a Deus. Na realidade, esse cristão está

pecando contra Deus. Jonathan Leeman coloca isso da seguinte maneira: “O cristão não ingressa na igreja. Ele se submete a ela”[11].

Uma cultura que despreza qualquer tipo de autoridade precisa ver modelos saudáveis de liderança e de submissão. E o melhor lugar para visualizar esses modelos é a igreja local.

5. A igreja local é o melhor lugar para a prestação de contas espiritual

Há vários anos gastei tempo com um missionário de uma organização paraeclesiástica. Ele era popular. A organização para a qual trabalhava se orgulhava dele. Ele fazia um trabalho brilhante com crianças de históricos difíceis. Essas crianças eram pastoreadas por ele, e a foto dele aparecia sempre nas propagandas da organização.

Mas, pessoalmente, ele era uma bagunça completa. Me confessou que há anos não lia a Bíblia. Era viciado em sites pornográficos. Saía para beber constantemente com os amigos não cristãos. Mas, enquanto cumprisse suas horas de trabalho, trabalhando com os clubes bíblicos e fornecendo oportunidades para ser fotografado para seus mantenedores, então a organização estava contente com ele e tinha pouco a lhe dizer. Todos estavam ocupados; não havia tempo para nada além das reuniões mensais de equipe e as celebrações de fim de ano.

Uma vez que esse homem não tinha qualquer prestação de contas espiritual séria, estava vagando espiritualmente durante anos. Não fazia verdadeiramente parte de qualquer igreja local; quando ia à igreja, ia a uma igreja diferente toda vez. Isso satisfazia as pessoas de seu trabalho, enquanto lhe permitia que permanecesse anônimo nos lugares que visitava.

Será que o exemplo desse homem é algo muito extremo? Talvez. Mas temo que a experiência dele não é muito distante da maioria dos que trabalham para ministérios paraeclesiásticos. Já conheci e aconselhei muitos para ser enganado achando que essa história é uma anomalia.

Todo cristão necessita da prestação de contas espiritual e da disciplina que a igreja local fornece. Isso nos impede de vagar espiritualmente. Nos oferece um contexto para encorajamento e reprovação. Nos fornece uma comunidade que se ajuda mutuamente a amar e aos bons frutos. Algumas pessoas argumentam que seu ministério paraeclesiástico é a comunidade, ou que seus

amigos estão nessa comunidade. Mas a prestação de contas não é um simples bate-papo com amigos; trata-se de uma submissão humilde aos líderes da igreja e a outros membros.

6. A igreja local é o lugar a partir de onde a disciplina é biblicamente administrada

Há pouco a reclamar sobre a falta de disciplina em organizações paraeclesiásticas. Não é o papel delas. O papel de disciplinar crentes que pecam de maneira desregrada e obstinada pertence à igreja local (Mateus 18.15,17; 1 Coríntios 5.1,13; 2 Tessalonicenses 3.6; Tito 3.10).

Quero exemplificar com Daniel. Depois que foi salvo de um passado de embriaguez, entrou na igreja, foi batizado e caminhava muito bem – até o dia em que decidiu fugir e se embriagar. Decidiu começar a frequentar outra igreja que não o faria prestar contas. Nós o chamamos. Conversamos com os pais dele. Oramos por ele.

Por fim, tivemos que colocá-lo na lista de cuidado da igreja. Isso significava que faríamos uma reunião com os membros da igreja e compartilharíamos o que estava acontecendo com a congregação. Anunciamos que daríamos aos membros um mês para escrever, mandar e-mail ou telefonar para aquele membro para que o encorajassem a retornar para o Senhor e para a igreja. Esse processo nem sempre funciona, mas com Daniel funcionou. Dentro de uma semana ele havia se arrependido e retornado para a igreja. Que testemunho para a igreja e para a comunidade que a observa!

Se você ler sua Bíblia, verá a igreja em todo lugar, mas não verá ministérios paraeclesiásticos em nenhum lugar. Agora, para ser claro, tanto Mike quanto eu achamos os ministérios paraeclesiásticos fantásticos. Nós simplesmente somos contra ministérios paraeclesiásticos que competem com a igreja local ou a substituem, tencionem isso ou não. Pelo contrário, esses ministérios devem enxergar seu papel como o de alguém que edifica e serve para espalhar o evangelho *através* de congregações em sua comunidade.

10. Nota do Mike: infelizmente, Mez está falando de futebol, e não do futebol americano, o verdadeiro.

11. *Church Membership* (Wheaton, IL: Crossway, 2012), 30.

CAPÍTULO 6

O TRABALHO DE EVANGELISMO

Os conjuntos habitacionais da Escócia estão em apuros. E, com base em minhas (Mez) conversas com irmãos dos Estados Unidos, eu diria que os parques de trailers e bairros pobres de lá estão na mesma situação. As igrejas presentes nessas áreas estão numa decadência que acontece faz décadas. Há muito ministério cristão acontecendo nesses locais: entrega de sopa, entrega de café da manhã e todo tipo de trabalho envolvendo jovens. Mas pouquíssimo evangelismo atrelado à igreja local saudável acontece ali.

Há cinquenta anos, na Escócia, os trabalhos missionários floresciam nos conjuntos habitacionais de nossas grandes cidades. As igrejas que ficavam nos grandes centros normalmente olhavam para os eles como lugares onde jovens pastores teriam a oportunidade de colocar em prática o que aprendiam. Infelizmente, elas jamais encorajaram os jovens pastores a permanecerem ali e começarem igrejas locais. As pessoas se convertiam por meio da pregação, mas não eram direcionadas para nenhuma igreja da região. Pelo contrário, os convertidos saíam dos conjuntos habitacionais o mais rápido que podiam.

Como resultado, o cenário do evangelho nesses lugares hoje é sombrio. O que preenche essa lacuna hoje são pregadores do evangelho da prosperidade, organizações paraeclesiásticas despreparadas e agências sociais do governo. As igrejas remanescentes que lutaram pela pureza doutrinária à custa do engajamento cultural estão hoje isoladas, com congregações idosas e moribundas. Elas têm o evangelho, mas não têm a quem pregá-lo. Enquanto isso, as igrejas que se adaptaram e abraçaram a cultura à custa das verdades

bíblicas tendem a ser socialmente conscientes, mas, ironicamente, têm o mesmo tipo de congregação idosa e moribunda. Elas são vistas pela sociedade como algum tipo de agência de trabalho social.

Na prática, este é o quadro:

- John frequentou o pequeno centro missionário em seus conjuntos habitacionais durante cinquenta anos. Ele se lembra da época em que o centro missionário ficava abarrotado de pessoas e o ministério infantil tinha centenas de alunos. Hoje são apenas seis crianças; todas as outras morreram ou se mudaram dali. A igreja costumava bater à porta, entregar folhetos e convidar pregadores de fora para falar. Isso tudo ficou no passado.
- Ana vai à paróquia local. Ali não se prega o evangelho, e apenas algumas poucas pessoas frequentam. Mas ela ama a igreja, e as pequenas homilias aos domingos a ajudam na sua semana agitada. Jamais pensou em convidar seus amigos indianos, pois o vigário disse que somos todos filhos de Deus, muito embora o adoremos de maneiras diferentes.
- Douglas tem quase trinta anos e um grande desejo de alcançar os perdidos. Ele trabalha para uma instituição de caridade cristã como assistente social. Conhece muitas pessoas nos conjuntos habitacionais por meio de seus clientes; alguns deles sabem que Douglas é cristão. Ele pode compartilhar sua fé se as pessoas perguntarem, mas não tem a permissão de fazer proselitismo. É simplesmente mais fácil ficar quieto. Bom, ele está sendo uma boa testemunha pelo simples fato de fazer parte da vida de seus clientes, não?

O que aconteceria se colocássemos essas três pessoas numa sala? John quem sabe julgaria Ana e a igreja dela por não se preocuparem com o destino eterno das pessoas. Para revidar, Ana olharia para John com desprezo. Como eles podem crer em todo aquele papo de fogo e enxofre? Douglas provavelmente olharia com desprezo para ambos e se perguntaria como é que eles não se toleram. Todavia, a triste realidade é que todos os três estão presos numa espiral descendente. Como é que o evangelho pode ser espalhado se as igrejas o perderam? Como é que o cristianismo pode florescer quando fazer o bem substituiu a pregação da verdade do evangelho? O legado dessas três diferentes situações apresentadas é que o cristianismo encontra-se em declínio. Precisamos repensar a maneira como evangelizamos.

Evangelismo bíblico definido

Houve uma explosão de interesse no ministério de misericórdia entre os evangélicos. Infelizmente, muitos desses ministérios trazem à reboque uma teologia descuidada. Não é incomum ouvir pessoas falarem sobre evangelismo das seguintes formas:

- Pregue o evangelho o tempo todo; se for necessário, use palavras.
- O evangelismo tem mais a ver com o que fazemos do que com o que falamos.
- O foco da nossa igreja está em amar as pessoas, não em recrutá-las.
- As pessoas precisam experimentar o amor de Deus, não ouvir sobre a ira dele.
- Levamos a Bíblia numa das mãos e pão na outra.

Será que estamos falando de maneiras satisfatórias de se pensar a tarefa do evangelismo? Se desejamos que as pessoas sejam salvas pelo evangelho de Jesus Cristo, então precisamos compreender o evangelismo. Mack Stiles, em seu excelente livro *Evangelização: Como criar uma cultura contagiante de evangelismo na igreja local*, define evangelismo como *ensinar o evangelho com o objetivo da persuasão*[12]. Nessa definição simples, o evangelismo bíblico envolve ensino e persuasão.

1. Evangelizar é ensinar as pessoas

A primeira vez que ouvi o evangelho de Jesus Cristo, não havia nada demais naquela apresentação. Não havia máquina de fumaça, nada de fundo musical e nenhum apelo feito do púlpito; apenas uma ordem para que eu me arrependesse num centro missionário no sul da Inglaterra. Testemunhas fiéis me ensinaram as boas-novas; homens e mulheres abriram suas Bíblias e me explicaram o evangelho.

O evangelho é uma mensagem de conteúdo objetivo, e as pessoas precisam entender esse conteúdo para irem a Cristo e serem salvas. Aqueles que desconhecem o evangelho precisam que alguém lhes ensine a verdade; aqueles que têm um falso evangelho precisam que alguém corrija a falsa "verdade". Em sua essência, o evangelismo diz respeito a ensinar as pessoas sobre sua condição espiritual perigosa sem Jesus e então apresentar as boas-novas de que existe uma saída para essa condição arriscada.

Independentemente das outras coisas que fizermos em lugares difíceis, nosso propósito primário deve ser o de ensinar a mensagem da Bíblia a homens, mulheres e crianças.

Não existe atalhos ou substitutos para o ensino do evangelho. Pessoas como John precisam saber que o evangelismo não se resume à entrega de folhetos. Evangelismo vai além de um convite para o culto de domingo. Ana precisa compreender que evangelismo vai além de ser gentil e permanecer sentada em reuniões. A Bíblia precisa ser aberta e explicada. Douglas precisa saber que a pessoa carente precisa mais de professores bíblicos do que de assistência social. O ministério mais popular e efetivo que temos em Niddrie é o nosso "Estudo Completo de Quarta-Feira". Nos reunimos durante duas horas e estudamos versículo por versículo da Bíblia.

2. Evangelizar é persuadir as pessoas

Em Atos 17.2–4, lemos:

> Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio. Alguns deles foram persuadidos e unidos a Paulo e Silas, bem como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres.

A conversão é obra do Espírito de Deus do começo ao fim, mas as pessoas ainda precisam ser persuadidas. Em nosso ensino, precisamos estar preparados para responder a qualquer pessoa que nos perguntar (1 Pedro 3.15). Meu primeiro esforço de persuasão foi num cemitério da igreja duas semanas após a minha conversão. Eu tentava persuadir uma amiga minha de que a vida era breve e que precisávamos cuidar da alma. Eu não sabia muito mais do que o fato de que Jesus morreu numa cruz, não tinha uma apologética inteligente ou argumentos teológicos perspicazes. Sabia apenas que Cristo era real e que algo dentro de mim havia mudado para sempre. Então levei minha amiga para o cemitério, apesar da grande frustração que tinha com minha incapacidade, a conduzi até a lápide mais próxima e lhe disse que se não se arrependesse de seus pecados morreria, seria enterrada e

queimaria eternamente no inferno. Ela se colocou de joelhos, aos prantos, e oramos juntos.

Fico feliz em lhe dizer que me arrependi daquela forma de persuasão. Queremos persuadir as pessoas, e não manipulá-las com temor ou promessas de coisas boas. A propósito, usar o temor nos conjuntos habitacionais não funciona. A vida ali já é completamente miserável. A esperança de uma vida melhor funciona mais, pois isso é o que as pessoas dali desejam; é por isso que o evangelho da prosperidade é tão efetivo ali.

O que queremos é persuadir com a declaração aberta da verdade (2 Coríntios 4.2), que é confirmada por uma vida atraente. Precisamos viver de tal forma que as pessoas se vejam forçadas a perguntar sobre a nossa fé. Não somos capazes de transformar pecadores; podemos apenas ensiná-los e persuadi-los acerca das verdades do evangelho conforme reveladas na Bíblia. O resto depende de oração e da soberana e eletiva graça do Espírito Santo de Deus.

O evangelismo repousa no fundamento da eleição

O evangelismo é o combustível da igreja cristã – ele alimenta o crescimento da igreja e mantém o amor por Deus ardendo. Mas alguns sugerem que a doutrina funciona como o bombeiro que dosa essas chamas com água. Trazer a doutrina para dentro de uma conversa sobre evangelismo é como convidar um bombeiro para a sua fogueira. Ele encerrará aquela conversa rapidamente!

Mas, na realidade, nosso evangelismo sempre reflete nosso compromisso doutrinário. É impossível separar seus métodos evangelísticos das coisas que você crê a respeito de Deus e da salvação. Se creio que o pecador escolhe livremente a Deus, então tentarei persuadi-lo de acordo com essa minha crença. Se creio que todo ser humano irá para o céu independentemente do que crê, então conversarei (ou não) com as pessoas novamente de acordo com o que penso.

Uma vez que todo evangelismo baseia-se em fundamentos doutrinários, devemos repousar nosso evangelismo na compreensão bíblica da eleição soberana que Deus faz dos pecadores para a salvação. John Piper define a eleição incondicional da seguinte forma: “Eleição incondicional é a livre escolha de Deus antes da criação, não baseada em conhecimento prévio da fé,

pela qual ele concederá fé e arrependimento a traidores, perdoando-os e adotando-os em sua eterna família de alegria”[13].

Deus elege e chama um povo para si de todos os lugares da terra. Ricos e pobres são salvos mediante Jesus Cristo, e ele os manterá salvos para sempre em sua família. Longe de eliminar o evangelismo, a doutrina não apenas aumenta o fogo do evangelismo mas mantém o evangelismo queimando indefinidamente.

A única forma através da qual as gangues no Brasil ou os imigrantes ilegais no Norte da Virgínia serão evangelizados é por meio da pregação do evangelho de Jesus. Não existe forma terrena de persuadir pessoas para que sigam a Deus; somente Deus é capaz de fazer esse tipo de trabalho. Se Deus não salva pecadores de forma soberana, todas elas irão para o inferno. É extremamente confortador saber que o Espírito Santo executará seu trabalho revelando a verdade e atraindo pecadores perdidos para um relacionamento com Deus o Pai e mantendo-os salvos para sempre. A belíssima verdade trinitariana é todo combustível que precisamos para alimentar o fogo da pregação evangelística.

Sendo honesto, eu jamais perseveraria num trabalho como o que realizo se não cresse que Deus *vai* salvar pessoas. Eu costumava pregar numa prisão juvenil para os lados da Floresta Amazônica. Estamos falando de um lugar nojento. O calor, o fedor e o barulho eram extremos; os jovens e as jovens que ali estavam eram assassinos insensíveis. Me permita ser honesto novamente: em nenhuma das vezes que ali visitei uma única pessoa entregou sua vida a Jesus. Nenhuma pessoa professou sua fé em Cristo. Esse lugar era desanimador e depressivo, mas não algo sem esperança. As palavras de Paulo me encorajavam:

> Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? (Romanos 8.29–31).

O simples fato de eu não ver um único fruto naquela prisão não significa que não existe fruto ali. É confortador saber que Deus opera seus propósitos maravilhosos e podemos fazer parte de seu plano grandioso e cósmico. Não faço ideia de quem são os eleitos; não é meu papel saber. Meu papel é pregar fielmente e perseverar até o fim. Deus está trabalhando nas prisões juvenis da Amazônia bem como nas igrejas em Edimburgo. Ele está trabalhando nos parques de trailers nos Estados Unidos bem como nas favelas da Índia. Ele chamou, justificou e glorificou. Nós perseveramos no fato de que uma vez que Deus é soberano, nosso trabalho não é em vão.

O evangelismo deve acontecer no contexto da igreja

Ainda existe muita conversa fiada a respeito do "viver missional" em muitas comunidades evangélicas hoje. Se essa é simplesmente outra maneira de descrever o viver com a determinação do evangelho em nossa vida diária, então eu sou favorável. Viver dessa maneira ajudará a invadirmos nossos conjuntos habitacionais do centro da cidade. Isso demonstraria o que significa um *viver evangelístico*.

O viver missional é uma grande alternativa para a abordagem do "modelo atraente" de evangelismo que dominou o cenário evangélico na história recente. Em vez de escondermos o evangelho atrás da segurança de nossos edifícios, temos a oportunidade de servir nossas comunidades de várias formas diferentes – em organizações voluntárias locais, nas nossas escolas e no trabalho. Sempre que um serviço comunitário local fecha em Niddrie, nossa igreja procura descobrir formas de entrar na brecha para construir relacionamentos evangelísticos.

Pessoalmente, o "viver missional" não é simplesmente mudar-se para dentro das comunidades carentes. Não é simplesmente ajudar alguém a encontrar um abrigo ou um centro de reabilitação para drogados. Pelo contrário, diz respeito a envolver-se em relacionamentos complicados. Viver missional diz respeito a ajudar com questões de adoção, ou com problemas conjugais, ou ajudar um novo convertido a caminhar lidando com as consequências do pecado passado, como confessar crimes cometidos. A boa notícia é que você não precisa saber tudo a respeito da vida nos conjuntos habitacionais ou nos projetos habitacionais; aqueles que se importam verdadeiramente ajudam o próximo. As pessoas que realmente entregaram

tudo a Cristo são as que fazem a maior diferença. Estou convencido de que o viver genuíno, correto e evangelístico sempre nos conduz a oportunidades para testemunhar. Então, quando o evangelho de Cristo é claramente proclamado, o Espírito Santo conduzirá as pessoas à salvação.

O melhor contexto para esse tipo de evangelismo é dentro da vida de uma igreja local saudável centrada no evangelho. A igreja equipa crentes, certifica-se de que eles compreendem o evangelho e tem motivações bíblicas. Ali é o local onde os crentes oram pelo espalhar do evangelho, onde recebem, batizam e discipulam novos cristãos.

Historicamente falando, os conjuntos habitacionais da Escócia foram ocupados por centros missionários, que funcionavam como pequenas estações de doações. As igrejas enviavam voluntários para ajudar nos trabalhos ou para pregar uma vez ou outra, mas esses lugares não tinham uma eclesiologia clara. Eram conduzidos por comitês em vez de presbíteros e não tinham regras quanto a membresia ou disciplina. O evangelismo era um evento para o qual você convidava seus amigos ou vizinhos depois de bater na porta deles: venha ouvir o pregador de fora!

A batalha nos primeiros dias da *Niddrie Community* foi ajudar as pessoas a enxergarem o evangelismo como uma forma natural de vida e uma conversa diária. Inicialmente algumas pessoas na igreja não gostaram muito. Quando paramos de entregar folhetos, de bater nas portas e de cantar hinos de Natal nas ruas, fui acusado por algumas pessoas de assassinar o evangelismo. Todavia, quando encorajei os mesmos crentes a se engajarem com as pessoas daquela região, a descobrirem quais eram as dúvidas daquelas pessoas, a se envolverem com a vida delas e a compartilharem sua fé naturalmente, fui tratado como algum tipo de leproso. O problema é que evangelismo e discipulado requerem grandes quantidades de tempo e esforço – mais do que muitos cristãos estão preparados para dar. Precisamos estar dispostos a amar pacientemente e a passar pelo mesmo conteúdo vez após vez.

O evangelismo deveria acontecer no ambiente cotidiano

Descobrimos em Niddrie que muito do nosso evangelismo e discipulado acontece enquanto damos caronas a pessoas para casa, para o supermercado ou para o correio. Acontecem durante uma pausa de 10 minutos para fumar um cigarro que a pessoa faz num café. Acontecem na academia. Requerem

mais que um evento ou uma literatura; requerem um real envolvimento com as pessoas e com os problemas que têm em suas vidas.

Quanto do nosso cristianismo no ocidente funciona dessa forma? Quantas pessoas em nossas igrejas têm tempo para buscar relacionamentos ativos com pessoas fora de suas agendas ocupadíssimas? Recentemente participei de um encontro na Escócia e me perguntaram por que as igrejas não são mais ativas nos conjuntos habitacionais. Minha resposta foi que os motivos eram vários; um deles, o medo das pessoas. Uma pessoa se agitou: "Eu não tenho medo", disse. "Eu trabalho oitenta horas por semana. Sou ocupado demais!" Infelizmente ele parecia se orgulhar do que acabara de dizer.

O evangelismo não começa com as nossas ações; começa por quem nós somos e como vivemos. Ele deveria ser tão natural quanto respirar. Evangelizar diz respeito a aproveitar as oportunidades para ensinar e persuadir pessoas com a verdade do evangelho no fluir comum e nas tarefas mundanas da vida. Ao invés de esperar que as pessoas entrem na comunidade cristã, deveríamos sair e nos engajar com nossas comunidades. Nossa política na *Niddrie Community Church* tem sido de jamais começar algo que a comunidade já oferece. Faz muito mais sentido para o cristão entrar em grupos já existentes para testemunhar do que esperar que descrentes participem de nossos grupos. Vimos muito mais pessoas se convertendo por meio dessa abordagem do que com eventos próprios.

Use eventos para criar amizades e não apenas para o evangelismo

Isso sem mencionar que devemos fazer eventos atrativos. Em Niddrie, nossa igreja promove eventos sociais que atraem centenas de pessoas. Temos concursos de música, noites com bingo e eventos que distribuem brindes, mas nunca os usamos para pregar. Pelo contrário, os usamos para criar amizades e garantir que a nossa estrutura seja vista como um recurso comunitário e lugar de adoração. Queremos que as pessoas se sintam em casa entre nós, e não como se fossem sequestradas toda vez que viessem até nós. Temos, sim, dois eventos principais no ano nos quais evangelizamos as pessoas: nosso encontro de Ceia de Natal e nossa *Easter Fry* (um café inglês completo seguido de uma breve apresentação do evangelho – na manhã de Páscoa). Ambos os eventos recebem muita gente, quase que exclusivamente pessoas cuja amizade foi desenvolvida em outros eventos e no cotidiano. O

evangelismo bíblico pode ser feito tanto informalmente quanto formalmente. Não existe necessidade de escolher um jeito e abandonar o outro.

Jogue a partida até o final

O resumo de tudo é que o ministério evangelístico nos conjuntos habitacionais é um processo longo e, por vezes, árduo. Observe o exemplo do Jack: ele foi usuário e traficante de drogas por duas décadas. Traiu a companheira de longa data (e três filhos) e era conhecido nos conjuntos habitacionais. O primeiro contato que teve com a igreja foi através do irmão dele. Jack era barulhento, agressivo e se opunha a praticamente tudo que dizia respeito a Deus e à Bíblia. Ele vinha para os cultos de domingo bêbado, gritando e questionando tudo que era dito no púlpito. Não ouvia e praticamente atrapalhava todo encontro que tínhamos. Ele era uma bagunça, vivia uma mentira e negava veementemente tudo de ruim que fazia.

Abrimos a Bíblia e lhe ensinamos o evangelho. Respondemos às perguntas dele sobre a fé e a vida. Procuramos persuadi-lo acerca da verdade de sua condição delicada diante de um Deus Santo. Por vezes ele ouvia a voltava para casa moído. Por vezes reagia nos ameaçando. Mas perseveramos com ele. Oramos por ele e pela família dele. Nós o levamos para as consultas e ouvimos as histórias tristes de sua vida. Fomos honestos com ele e falamos a verdade sobre a vida dele sempre que tivemos oportunidade. Ele se encontrava comigo quase diariamente, mas se encontrava com outras pessoas também. Ele se encontrava com cristãos mais velhos que passavam tempo com ele ao longo do dia. Ia na casa de membros da igreja em busca de alimento. Se envolveu em nosso café comunitário. Nós o convidamos para entrar nas nossas vidas, e Deus, por seu Espírito, abriu paulatinamente os olhos do Jack para a verdade do evangelho de Jesus. Certo dia, depois de passar algum tempo sem aparecer, ele entrou na igreja e declarou que queria entregar sua vida a Cristo.

Apesar do ceticismo inicial, começamos a discipular o Jack, e ele começou a crescer. Trocou sua velha vida e seus velhos amigos por uma vida nova com amigos novos. Sua companheira viu a mudança nele então começou a vir à igreja e foi salva. Em seis meses de conversão, foi batizado e se casou com sua paixão eterna na frente dos três filhos e da família, que desacreditava

o que via. O caminho a seguir ainda é longo, mas ele caminha na direção correta.

Estamos numa maratona. Nós não compramos bicicletas para as pessoas esperando que vençam o *Tour de France* um mês depois. Precisamos ser pacientes e longânimos com elas. Teremos de repetir os conceitos vez após vez. E o melhor lugar para isso acontecer é na comunidade local de amantes persistentes do evangelho que vivem suas vidas pessoal e comunitariamente com a intenção de ensinar e persuadir os outros sobre as verdades da Bíblia.

12. (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 2015) *passim*

13. *Cinco Razões Para Abraçar a Eleição Incondicional*, desiringGod.org, 9 de julho, 2013, www.desiringgod.org/articles/five-reasons-to-embrace-unconditional-election?lang=pt.

CAPÍTULO 7

O PAPEL DA PREGAÇÃO

Eu (Mike) gostaria de lhe contar a respeito de um sermão que preguei num domingo pela manhã. De vez em quando, um pregador é capaz de dizer que marcou um “gol de placa” com o sermão. A introdução captou a atenção das pessoas; a explicação textual foi excelente; as ilustrações, esclarecedoras; e a aplicação depositou sobre a congregação o peso daquele texto. O Espírito Santo mantém a congregação em silêncio. Momentos como esses na pregação são um deleite.

Mas, com certeza, foi exatamente isso o que *não* aconteceu num sermão que preguei. Sentia como se meu sermão fosse uma bagunça. Estava na segunda metade de uma série em Jeremias. Honestamente, eu não planejei bem aquela série. As passagens eram longuíssimas. Os temas estavam se tornando repetitivos. E eu temia que os sermões não estavam ajudando a congregação a compreender a estrutura do livro. Por volta da metade desse sermão em particular, comecei a experimentar o oposto do sentimento do “gol de placa”. A congregação estava impaciente e alguns começaram a tossir. Apenas os mais dedicados mantinham contato visual. Os pontos do sermão pareciam óbvios e nada interessantes. Ao invés de marcar um “gol de placa”, sentia como se estivesse chutando na direção errada, marcando um “gol contra”.

Então, pela misericórdia de Deus, o sermão chegou ao final. Cantamos um hino de encerramento enquanto eu retornava abatido para o meu assento. O culto foi encerrado. À medida que as pessoas passavam por mim rumo à

porta da igreja, eu era capaz de perceber que elas lutavam para dizer algo gentil e verdadeiro ao mesmo tempo.

Uma senhora caminhava lentamente entre as pessoas, esperando sua vez para falar comigo. Ela se apresentou como uma mãe solteira vinda da Colômbia. Parece que um amigo dela a havia convidado para a igreja depois de uma noite de muita farra. Quando finalmente perguntei como poderia ajudá-la, ela disse: “No sermão, o senhor falou sobre seguir Cristo. Quero fazer isso. O senhor pode me falar mais sobre isso?”.

Fiquei chocado. Sim, o evangelho foi claro naquele sermão (pelo menos essa parte eu acertei!), mas foi apresentado num sermão longe de ser convincente. Mas lá estava diante da mulher convencida de seu pecado e da necessidade de Cristo!

Eu certamente não desejo fazer a pregação de sermões entediantes e fracos um hábito. Mas essa situação me lembrou do poder existente na pregação semanal que a igreja faz. Sendo assim, à medida que caminhamos pelas formas através das quais a igreja pode alcançar comunidades carentes com o evangelho, precisamos lembrar que todas as quatro estratégias e planos não podem substituir a pregação fiel da Bíblia. Na realidade, isso é o que de mais importante devemos fazer.

Pregue a **Bíblia**

O trabalho da igreja em locais carentes pode ser intimidador. Conforme discutimos ao longo deste livro, os desafios para esse tipo de ministério são inúmeros, e o progresso normalmente é lento. Enquanto estratégias e métodos para se alcançar comunidades podem parecer diferentes de um lugar para o outro, Mez e eu estamos convencidos de que o que as pessoas mais necessitam em áreas carentes é da Palavra de Deus. As pessoas nessas comunidades podem muito bem ter necessidades agudas de reabilitação de drogas ou de álcool, de educação, de alimento e de oportunidades profissionais, mas nenhuma dessas necessidades é tão primordial quanto a que têm da Bíblia.

Afinal de contas, a Bíblia é o meio designado por Deus para levar vida espiritual ao homem. Desde a fala de Deus que trouxe o universo à existência, passando pelo chamado de Abraão, ao “assim diz o Senhor” dos profetas, a Palavra de Deus é o que cria, molda e fornece vida ao seu povo.

Não é sem motivo que Cristo vem como o Verbo em carne, a principal comunicação de Deus com o seu povo (Hebreus 1.1,2). E é por meio da Bíblia que Deus revela quem é, o que fez, e como devemos responder a isso. A Palavra de Deus é o meio pelo qual ele traz para si um povo (Romanos 10.17).

Tenho de admitir que essa parece ser uma abordagem estranha. Que bem um livro antigo é capaz de trazer diante da pobreza generalizada, de ciclos de abuso sexual, de vício em drogas e de desesperança? Observe o que a Bíblia tem a dizer a respeito do poder da Palavra de Deus:

- Paulo aos líderes em Éfeso: "Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados" (Atos 20.32).
- Paulo à igreja em Roma: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Romanos 1.16).
- E novamente: "Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?... E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Romanos 10.14,17).
- O autor de Hebreus declara: "Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hebreus 4.12).

Muitas igrejas jamais tentam ministrar aos pobres, pois se sentem diante de uma batalha para a qual não estão equipados. Outros entram com tudo na batalha, mas usando as armas erradas. Eles vão com folhetos e programas sociais, entretanto com pouca mudança de vida ou fruto visível. Mas a Palavra de Deus é uma espada de dois gumes. Ela é capaz de penetrar qualquer coração. A Bíblia é onde encontramos a mensagem do evangelho, o poder de Deus para a salvação. Se temos a Palavra de Deus aplicada pelo Espírito de Deus, temos todos os recursos de que precisamos para ministrar em qualquer comunidade.

Pregue a Bíblia **inteira**

De certa maneira, o que estamos dizendo vai contra uma abordagem popular de ensino da Palavra de Deus a pessoas com pouca educação ou conteúdo

bíblico. Essa abordagem busca engajar as pessoas no fluxo narrativo da Bíblia, usando as histórias nas Escrituras para engajar a imaginação do ouvinte e modificar a compreensão que da história na qual ele vive. O raciocínio é que as pessoas são naturalmente cativadas por histórias e, sendo assim, a melhor forma de explicar a mensagem da Bíblia é contando histórias curtas que formam a história completa da criação, da queda, da redenção e da consumação. Acredita-se que esse método é particularmente útil para pessoas não acostumadas a sentarem em silêncio e a ouvirem sermões didáticos com várias proposições.

Quando a abordagem é bem-feita, pode ser uma ferramenta poderosa para partilhar o evangelho e deixar clara a necessidade que as pessoas têm de colocar a fé em Cristo. Quando é malfeita (como normalmente é), edita a mensagem bíblica e acaba obscurecendo todo o evangelho e o seu poder. Mas algo que o "contar o evangelho através de histórias" é incapaz de ser (e, sinceramente, seus proponentes mais responsáveis não buscam que seja) é um substituto para a mensagem completa da Bíblia. A Palavra de Deus não é nada mais que uma história, embora não seja meramente uma história.

Deus escolheu revelar-se através de diferentes formas literárias. A Bíblia contém, sim, várias histórias, mas também apresenta leis, sermões, cartas, genealogias, poemas, provérbios, reflexões filosóficas, profecias e literatura apocalíptica. Se você deseja ministrar a comunidades carentes, precisará decidir se acha que elas precisam conhecer a Bíblia toda ou apenas as histórias. Será que as pessoas que vivem nos abrigos da minha comunidade precisam dos Salmos? Será que os filhos de imigrantes na escola local precisam do livro de Eclesiastes? Será que os detentos da prisão local precisam conhecer o conteúdo de 1 Pedro? Sabemos qual seria a resposta do apóstolo Paulo, pois ele defendeu seu ministério em Éfeso dizendo: "Portanto, eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos; porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus" (Atos 20.26,27).

Se você é uma pessoa educada, precisa ter o cuidado de não presumir que uma pessoa iletrada é tola demais para compreender a Bíblia. Na minha experiência, a falta de educação normalmente tem menos a ver com inteligência do que com fatores do meio, uma falta genuína de oportunidades e escolhas pessoais (ruins). Mas a Bíblia não foi escrita para a faculdade de Harvard; foi escrita para as "humildes do mundo, e as desprezadas" (1

Coríntios 1.28). Enquanto devemos certamente usar de sabedoria sobre como ensinamos a Bíblia inteira (provavelmente é muito melhor começar com um Evangelho do que com o livro de Levítico), precisamos do compromisso de ensinar a mensagem completa das Escrituras (incluindo Levítico). Não podemos editar ou selecionar a Bíblia ensinando apenas as partes que *nós* achamos úteis para as pessoas pobres.

Pregue bem a Bíblia inteira

As pessoas promovem vários modelos de comunicação da Bíblia. Alguns advogam a ideia de engajar a congregação num diálogo ou em contar narrativas que comunicam uma ideia. Mas estou convencido de que a dieta bíblica da igreja deve ser a Palavra de Deus proclamada pelo pregador. Vivemos num mundo onde a autoridade encontra-se desacreditada e denegrida; num mundo onde o que o pecador mais precisa não é de um bate-papo amigável entre pessoas, mas de uma declaração da verdade de Deus em monólogo.

Certamente deve haver oportunidades para diálogo e perguntas e o partilhar de perspectivas na vida geral da igreja. Ainda assim, devemos reconhecer que a pregação reflete a forma como Deus normalmente fala com o seu povo. Moisés declarou a Lei de Deus aos israelitas. Os profetas do Antigo Testamento declararam: “Assim diz o Senhor”. Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo”. Pedro estava no pórtico de Salomão e confrontou seus ouvintes com as exigências de Deus. Em nenhum desses lugares você vê Deus pedindo por um diálogo com o seu povo. As pessoas são chamadas a louvar a Deus em resposta à sua Palavra e a obedecer a sua Palavra, mas não são chamados a acrescentar algo à Palavra de Deus ou a oferecer sua perspectiva pessoal acerca da sua Palavra, como se essa perspectiva tivesse alguma autoridade em si.

Quando um pregador se coloca para pregar, fala com a autoridade de Deus na medida em que expõe, explica e aplica a Bíblia fielmente. Não porque ele mesmo seja inerrante ou tenha autoridade, mas porque a Bíblia é e tem. Enquanto o pregador declara precisamente a Palavra de Deus, suas palavras são as palavras de Deus, e as pessoas deveriam fechar a boca e prestar atenção. Ele não precisa ser constrangido com aquela autoridade ou evitá-la, uma vez que esta é a forma de Deus comunicar e dar vida às pessoas. É

possível que pessoas se sintam ofendidas e achem que a proclamação unilateral da Palavra de Deus é um sinal de arrogância, mas é exatamente o contrário: ouvir Deus requer humildade. O Espírito Santo falará de forma que o povo de Deus ouvirá sua voz na pregação da sua Palavra (João 18.37).

Observe a seriedade do apóstolo Paulo quando ele comissiona Timóteo a pregar a Palavra de Deus:

> Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas (2 Timóteo 4.1–4).

Paulo ordena que Timóteo "pregue" à luz da volta iminente de Cristo e do destino eterno dos ouvintes de Timóteo. O imperativo grego que Paulo usa dá o sentido de um arauto proclamando a vontade de seu soberano. Não se trata de uma sugestão, mas de uma declaração do que Deus fez. Acrescente à pregação a ordem para reprovar, repreender e exortar, e você terá o retrato de uma atividade que não tem o objetivo de incluir os pensamentos e comentários dos outros.

Pregue **bem** a Bíblia inteira

Por favor, não me entenda errado. A despeito do fato de que a Palavra de Deus é poderosa e que Deus é capaz de usar até um sermão simples, devemos dar duro para pregar a Bíblia bem, de uma forma que se conecte com a vida e a situação das pessoas. Em primeiro lugar, isso significa que nossa pregação deve ser *sensível ao nosso contexto*; você precisa ter uma noção correta dos seus ouvintes. Sejam ricos, sejam pobres, de classe média ou mesmo uma mistura dos três, você deve estar ciente de qual é a realidade diária deles.

Se a maioria da sua igreja é composta de pessoas de classe média e todas as suas ilustrações estão voltadas para elas, os pobres se sentirão menos à vontade. Será que as suas ilustrações presumem que todos no auditório têm acesso a computador? Que todos ali fizeram faculdade? Que todos vêm de lares estáveis? Que todos têm um bom emprego com carteira assinada e um

bom salário? Não há nada de errado em se falar sobre essas coisas, mas faça isso de maneira a reconhecer que elas não são universais.

O pregador deve conhecer os valores culturais do local onde está ministrando. Quando tive o privilégio de pregar na *Niddrie Community Church* num domingo, pude perceber que se trata de um lugar difícil. Aquela congregação jamais responderia bem se eu aparecesse de terno e gravata e falasse um inglês do século dezessete. De forma semelhante, não teria efeito melhor se eu agisse como um norte-americano superemocional tentando os fazer dar ouvidos aos sentimentos deles. Pelo contrário, o povo dali respeitou o papo reto e respondeu bem aos duros desafios propostos.

Em segundo lugar, a pregação normalmente é *expositiva*. Ou seja, a boa pregação é aquela que pega a passagem bíblica como assunto e então procura expor o significado do texto aos ouvintes. Não vou elaborar em detalhes este ponto pois já falamos sobre a importância de se ensinar a Bíblia, mas creio que é melhor ensiná-la de maneira expositiva ao longo de todos os gêneros das Escrituras. Essa abordagem ensina as pessoas a lerem a Bíblia por si mesmas. Isso também permite que a Bíblia determine o andamento do estudo em vez de termos um professor decidindo que tópico precisa ser coberto numa semana específica. E, sinceramente, se você precisa romper barreiras para trabalhar com pessoas carentes (como é a minha realidade trabalhando com latino-americanos em nossa vizinhança), você provavelmente não compreende do que seus ouvintes precisam em termos mundanos. Você *sabe, sim*, que eles precisam da Bíblia, então é melhor falar a Palavra de Deus de maneira simples ensinando a Bíblia de maneira expositiva.

Em terceiro lugar, a boa pregação é *prática*. A pregação expositiva deve ser muito diferente da figura estereotípica (embora às vezes seja preciso) da palestra sem graça sobre pontos obscuros da doutrina. Não é suficiente explicar simplesmente o que a Bíblia diz; ela precisa cooperar na luta contra tentações, desafios singulares e falsas crenças que incomodam a congregação. A boa pregação visa à mudança de vida, o que significa que o pregador precisa ajudar a transpor o abismo entre o texto antigo e o mundo de nossos ouvintes (pegando emprestada a analogia de John Stott[14]). Se você vai ensinar a Bíblia numa comunidade carente, precisará aplicar a Palavra de Deus na vida das pessoas com muita oração.

Que tipo de igreja você deseja ser?

Não estou advogando em favor de uma abordagem do tipo “pregue que eles aparecerão”. A pregação não pode ser a única tarefa na sua agenda. Se não há pessoas, então não há ninguém para ouvir a mensagem. A pregação expositiva por si só não estabelecerá uma igreja numa comunidade onde não existe igreja. Em primeiro lugar, você precisará de homens e mulheres dispostos a investir tempo e energia no partilhar do evangelho e em suas próprias vidas com pessoas da comunidade. Depois que Deus salvar (se ele assim quiser) as pessoas e as reunir para si numa igreja, então a pregação terá papel importante no discipulado dos crentes e na evangelização da comunidade.

Mas se espera revitalizar ou plantar uma igreja numa comunidade carente, você precisa reconhecer a prioridade da pregação. É através da declaração da Palavra de Deus que a igreja será construída. Se você não é um pregador, mas deseja fazer parte de uma equipe que congrega entre os necessitados, então certifique-se de que é para isso que você tem trabalhado. Enquanto você ajuda a estabelecer a moldura da igreja que está sendo plantada, mantenha a pregação da Palavra de Deus como principal expectativa. Esse é o tipo de igreja que você deseja ser.

14. *Entre Dois Mundos: A Arte de Pregar no Século XX* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1982), 137.

CAPÍTULO 8

A IMPORTÂNCIA DA MEMBRESIA E DA DISCIPLINA

Creio que quando você abriu este livro não esperava ler um capítulo sobre membresia e disciplina na igreja. Creio (Mike) que jamais vi uma conferência que recomendasse práticas de membresia e de disciplina significativas para igrejas em comunidades carentes. Você já viu alguma postagem em blog defendendo a ideia de que, se você deseja alcançar os necessitados, precisa ter uma lista dos membros? Provavelmente não.

Já dissemos que comunidades carentes precisam de congregações locais fortes (em vez de mais ministérios paraeclesiásticos). Eis uma informação importante: tanto Mez quanto eu estamos convencidos de que as práticas significativas de membresia e de disciplina bíblica são essenciais para a vitalidade e para a geração de frutos da igreja.

Na contramão do que os críticos possam dizer, a prática da membresia eclesiástica não é uma abordagem eclesiástica obsoleta do tipo "modelo econômico" do meio do século passado. Pelo contrário, a Bíblia defende fortemente que a igreja deve ter certeza de quem faz parte dela e quem não faz. Neste capítulo, gostaria de defender a ideia da membresia eclesiástica e, então, fazer alguns comentários sobre como a membresia significativa e a disciplina impactam o ministério entre os necessitados.

Os de dentro e os de fora

Uma forma de caracterizar o enredo bíblico é dizer que se trata da história do amor de Deus por seu povo e da sua ira contra seus inimigos. Há uma enorme diferença entre ser amigo ou inimigo de Deus. Portanto, não deveria nos surpreender o fato de que Deus faz distinção clara entre aqueles que são seu povo e aqueles que não são em toda a Bíblia – desde a criação até a consumação.

Em primeiro lugar, no Jardim do Éden o povo de Deus vivia em comunhão com ele. Depois da rebelião de Adão e Eva, Deus dissolveu imediatamente a comunhão e os expulsou do jardim. Ele estabeleceu um perímetro ao redor do Jardim e colocou uma guarda angelical para manter os seres humanos fora dali. Enquanto eram justos, permaneceram "dentro" do Jardim; quando pecaram, foram colocados para "fora".

Deus, então, apareceu para Abraão em Gênesis 12 com uma promessa graciosa de criar para seus descendentes um povo novo que pertenceria ao Senhor, uma nova raça "dos de dentro". Ele reafirmou a promessa no capítulo 17: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência... e serei o seu Deus" (Gênesis 17.7,8). Eis a promessa de que existiria um relacionamento, entre os descendentes de Abraão e o Senhor, que era distinto do relacionamento do Senhor com os outros seres humanos. Haveria, então, dois tipos de pessoas: os que são "povo de Deus" e os que não são. Uma promessa anterior a essa deixou isso ainda mais claro a Abraão: "Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem" (Gênesis 12.3).

Para tornar essa realidade espiritual fisicamente aparente, Deus deu a Abraão o sinal da circuncisão como rito de iniciação e inclusão – uma entrada que significava a membresia entre o povo de Deus. Essa marca era algo tão significativo que pessoas de nações estrangeiras poderiam ser incluídas no povo de Deus mediante a circuncisão (Gênesis 17.27), e os descendentes físicos de Abraão poderiam ser eliminados do povo de Deus caso recusassem a circuncisão (v. 14). Deus agora fornecia uma linha clara de distinção: os circuncidados estavam dentro; todos os outros estavam fora.

A lei levítica estabeleceu e codificou mais tarde essa linha de distinção. Ela serviu posteriormente para separar os descendentes de Abraão do resto do mundo. Deus queria que seu povo fosse santo e puro, diferente em tudo, desde as roupas, passando pela alimentação, até a adoração. Existia então

uma outra maneira de enxergar a distinção entre o povo de Deus e seus inimigos: aqueles que obedeciam a lei estavam dentro; todos os outros estavam fora.

É por isso que Moisés (e mais tarde Josué) ordenou, repetidas vezes, a Israel que se mantivesse separada e pura quando tomava posse da terra de Canaã. Assim como eles deveriam viver dentro dos limites *físicos* da terra, tinham também de viver dentro dos limites *espirituais* da lei levítica e do código de santidade. Josué alertou:

> Portanto, empenhai-vos em guardar a vossa alma, para amardes o Senhor, vosso Deus. Porque, se dele vos desviardes e vos apegardes ao restante destas nações ainda em vosso meio, e com elas vos aparentardes, e com elas vos misturardes, e elas convosco, sabei, certamente, que o Senhor, vosso Deus, não expulsará mais estas nações de vossa presença, mas vos serão por laço e rede, e açoite às vossas ilhargas, e espinhos aos vossos olhos, até que pereçais nesta boa terra que vos deu o Senhor, vosso Deus. (Josué 23.11–13)

De várias maneiras, a história de Israel é uma história do fracasso deles em manter a distinção. Começando pelo livro de Juízes, as histórias do Antigo Testamento relatam como a idolatria e o casamento misto tornaram os israelitas indistinguíveis das nações ao seu redor. Com relação às nações vizinhas, ser um israelita tinha importância cada vez menor. À época do exílio de Israel, apenas um remanescente permaneceu fiel. Uma vez que Israel vivia e adorava como uma nação pagã, Deus os dispersou no mundo para viver entre os pagãos. Tendo desaparecido as barreiras espirituais, Deus eliminou as barreiras físicas da terra. Não era mais claro quem estava dentro e quem estava fora.

Quando nos voltamos para o Novo Testamento, vemos que Deus enviou seu Filho para criar um novo povo para si, a igreja. Agora tanto judeus quanto gentios são convidados, por meio da obra de Cristo, a fazer parte do povo de Deus pela fé. Aqueles que *antes* não eram povo, *agora* são de Deus (1 Pedro 2.10). Eles antes estavam fora; hoje estão dentro.

Em vez de pela circuncisão física ou etnia, os seguidores de Cristo são identificados como o povo de Deus por meio do batismo (Atos 2.41). O batismo simboliza a identificação com o Cristo crucificado e ressurreto. Conforme escreveu Paulo: “Ou, porventura, ignorais que todos nós que

fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida" (Romanos 6.3,4).

A vinda de Cristo e sua obra concluída na cruz criaram certas descontinuidades entre o povo de Deus do Antigo Testamento e o do Novo Testamento. A Israel do Antigo Testamento era uma comunidade misturada, composta de descendentes físicos e espirituais de Abraão (Romanos 9.6–8). Todavia, o Senhor prometeu através do profeta Jeremias uma nova aliança "Não conforme a aliança que fiz com seus pais", mas uma aliança na qual "todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior" (Jeremias 31.31–34). O corpo de Cristo foi projetado para englobar exclusivamente aqueles que, pela fé, foram unidos a ele. Nas palavras da profecia, *todos* que conhecem o Senhor.

Esse elemento de descontinuidade entre o Antigo e o Novo Testamentos se tornará significativo quando considerarmos exatamente quem está dentro e quem está fora entre o povo de Deus no Novo Testamento. Mas devemos considerar a continuidade entre o povo de Deus em ambos os Testamentos: Deus *continua* a fazer distinção entre aqueles que estão do lado de dentro e aquele que permanecem do lado de fora. Há aqueles que foram batizados em Jesus, e há todos os outros. Jesus até comparou a igreja com um aprisco de ovelhas do qual ele é a porta (João 10.7). E um aprisco de ovelhas tem cerca. Jesus também disse que conhece suas ovelhas e que elas o conhecem (v. 14).

O padrão de inclusão e exclusão será utilizado na consumação da história. Ao final dos tempos, Deus fará uma separação clara e definitiva. Toda a humanidade verá claramente naquele dia quem habita entre o povo de Deus e quem não. As ovelhas serão separadas dos bodes (Mateus 25.31–33). Aqueles cujos nomes estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro serão conduzidos à glória, enquanto aqueles cujos nomes não estão em seu livro serão expulsos dali (Apocalipse 21.27).

A membresia na igreja neotestamentária

Quando olhamos cuidadosamente para as informações contidas no Novo Testamento, fica claro que a igreja primitiva praticava uma membresia significativa. Enquanto nenhuma dessas passagens são poderosas por si só,

num contexto mais amplo elas formam um argumento consistente. Olhemos para cinco passagens do Novo Testamento que apontam para a prática da membresia eclesiástica na igreja primitiva.

1. Aqueles que relutaram em "ajuntar-se" à igreja

Em Atos 5.12,13, lemos: "Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos. E costumavam todos reunir-se, de comum acordo, no Pórtico de Salomão. Mas, dos restantes, ninguém ousava ajuntar-se a eles; porém o povo lhes tributava grande admiração".

O temor tomou conta tanto dos crentes na igreja quanto dos incrédulos que ouviram as circunstâncias envolvendo as mortes de Ananias e Safira.

A angústia era tanta que muitos deles não ousaram "ajuntar-se" à igreja, presumidamente por medo de que sofreriam um destino semelhante.

O termo grego traduzido por "ajuntar-se" significa "aproximar", "juntar", "unir". O mesmo termo ocorre em 1 Coríntios 6.17, referindo-se à união que ocorre entre o cristão e Cristo. Na pior das hipóteses, o uso do termo "ajuntar-se" em Atos 5.13 refere-se a mais do que uma simples *aparição*, conforme dizemos na expressão "vou *aparecer* para jantar na sua casa". O termo indica a existência de algum tipo de conexão formal, como me tornar sócio de um clube.

2. A lista de viúvas

Em 1 Timóteo 5.9–12, Paulo dá uma série de instruções a Timóteo para que este coloque as viúvas numa lista das pessoas que receberão ajuda da igreja. Ele escreve: "Não seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade, tenha sido esposa de um só marido, seja recomendada pelo testemunho de boas obras, tenha criado filhos, exercitado hospitalidade, lavado os pés aos santos, socorrido a atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra. Mas rejeita viúvas mais novas...".

O verbo traduzido por "inscreva" pode ser tanto específico ("colocar numa lista") ou geral ("considerar como sendo parte de um grupo"). O primeiro significado demonstraria claramente que a igreja mantinha uma lista acessível de membras viúvas. Todavia, mesmo o segundo significado traria a ideia de que a igreja estava fazendo distinção entre as pessoas de uma maneira consistente com a prática da membresia eclesiástica.

Por que mencionar a lista de viúvas? É difícil imaginar a igreja mantendo uma lista de viúvas, mas não mantendo uma lista de membros. Se ela não mantinha uma lista de membros, qual grupo de viúvas seria considerado para a inclusão na primeira lista? Qualquer viúva da cidade de Éfeso? A viúva que apareceu num passado remoto naquela igreja? É claro que não; a igreja teria uma lista específica de onde tirou os nomes.

3. A punição da maioria

Em 2 Coríntios 2.6, Paulo faz referência à disciplina na igreja infligida a uma pessoa como a "repreensão feita pela maioria". Consideraremos a disciplina eclesiástica daqui a pouco, mas por agora vale observar que a existência de uma "maioria" significa a existência de um grupo definido de pessoas da qual a maioria era constituída. É impossível haver uma maioria de um grupo não específico; ela precisa ser a maioria de *alguma coisa*.

Será que o texto se refere à maioria das pessoas que estava presente no dia e votou? Será, então, que os incrédulos também podiam votar? Será que algum cristão que visitava a igreja vindo de outra cidade sem saber da situação votou? A conclusão mais natural é que Paulo falava da maioria de uma membresia conhecida da igreja.

4. A prestação de contas dos líderes

O Novo Testamento adverte os líderes da igreja a cumprirem com sua responsabilidade de supervisionar o rebanho com diligência. Em Atos 20.28, Paulo instrui os líderes em Éfeso: "Atendei por vós e por *todo o rebanho*". Em Hebreus 13.17, a advertência é para que a igreja respeite os bispos pois "velam por vossa alma, como quem deve prestar contas".

Quem faz parte do rebanho que os bispos supervisionam? Para quem os líderes da igreja devem prestar contas? Aos cidadãos da cidade? A qualquer um que estiver na igreja? É claro que não. Eles devem prestar contas pelos membros da igreja, aqueles a quem todos reconhecem como estando debaixo do cuidado dos líderes. Esses líderes não podem exercer seu papel corretamente sem uma membresia da igreja.

5. As metáforas para a igreja

O Novo Testamento usa inúmeras metáforas para descrever a congregação local. Vimos em Atos 20.28 que a referência é da igreja como um rebanho. Em 1 Coríntios 12.12, ela é comparada a um corpo. Em 1 Pedro 2.5, a igreja é retratada como um edifício.

Cada uma dessas metáforas demonstra uma relação óbvia entre o indivíduo e a congregação como um todo. O cristão individual é um membro do corpo e uma ovelha no rebanho. O crente individual é, de acordo com as palavras de Pedro, "uma pedra viva" na casa espiritual.

Cada figura dessas, tão importante que é para a nossa compreensão da igreja, requer mais do que um compromisso casual do indivíduo. Não existem pedras conectadas informalmente a um edifício. Elas estão concretadas completamente juntas. A ovelha não pula de um rebanho para outro; ao contrário, o pastor sabe exatamente quantas ovelhas possui sob o seu cuidado. Os membros do corpo não se relacionam informalmente uns com os outros; eles estão intrinsecamente conectados e são mutuamente dependentes. Certamente conseguimos representar melhor essas metáforas quando estamos formalmente ligados a uma congregação local.

Entre os exemplos possíveis, esses cinco sugerem que a participação na vida do corpo da igreja não era algo casual ou facilmente quebrado. Estamos falando de um relacionamento em que alguém entrava (ajuntava-se) e que acarretava responsabilidades (disciplina determinada e submissão à liderança) e privilégios (apoio às viúvas, inclusão no povo de Deus). Dificilmente imaginamos como isso seria possível sem um senso claro de membresia.

Por que as comunidades precisam de membresia de igreja

Espero que você esteja convencido de que a descrição bíblica da vida de igreja requer compreensão clara e definitiva de quem pertence àquela congregação. Gostaria de levar esse argumento um passo adiante: a membresia não é apenas biblicamente necessária (algo que, se você é cristão, já é motivo suficiente para obedecer) mas também é útil para criar o tipo de congregação saudável capaz de atingir as comunidades carentes (veja o capítulo 5).

1. A membresia previne a "síndrome da segunda classe"

O desenvolvimento súbito de um sistema de casta pode surgir na igreja. As pessoas com dinheiro ou educação podem se sentir tentadas a olhar com desprezo ou a marginalizar o crente pobre (cf. Tiago 2.1–6). Se uma igreja espera ver pessoas residentes em locais carentes vindo a Cristo, então precisa estar certa de que aquelas pessoas são completamente bem-vindas na vida da congregação.

A membresia significativa possui um "efeito nivelador" maravilhoso na igreja. Essa membresia deixa claro que todo cristão desfruta da mesma condição perante Deus; somos simplesmente membros do corpo de Cristo. A congregação que deseja alcançar comunidades carentes precisa compreender essa verdade bíblica. Quando as pessoas de comunidades carentes vêm a Cristo, precisam ser batizadas e inseridas na membresia da igreja. Isso deixa claro que são completamente aceitas e são parte funcional do corpo.

2. A membresia aumenta a prestação de contas e a conexão

Estabelecer a membresia na igreja aumenta a prestação de contas entre os membros da congregação bem como entre a congregação e seus líderes. Membresia requer compromisso e esclarece em termos bíblicos o que significa fazer parte de uma igreja. Quando elas se tornam membros da congregação, estão prometendo amar, cuidar e orar pelas pessoas e prestar contas a todos na igreja. Isso significa que todos os membros da igreja – ricos, pobres ou de classe média – exortarão uns aos outros em amor. Em nossa congregação, não queremos apenas que pobres e imigrantes recentes cheguem a Cristo; também desejamos que se tornem membros úteis e completamente integrados na igreja.

3. A membresia (incluindo a disciplina) deixa claro que alguém é cristão

Em 1 Coríntios 5, Paulo instrui a igreja para lidar com um homem que vive em pecado escancarado e escandaloso. Para a saúde da igreja, a congregação recebe a orientação de exercitar a disciplina contra o homem "entregando-o a Satanás". No versículo 2, Paulo diz que, ao invés de permitir que este homem permaneça na igreja, a congregação deveria "tirar esse homem do meio [dela]". Algumas coisas devem ser observadas nessa passagem.

Primeira, a punição é descrita no versículo 2 como a remoção desse homem "do vosso meio". O resultado da disciplina eclesiástica é a remoção do pecador da congregação. Isso implica, necessariamente, a presença de uma membresia formal. De que outra maneira alguém poderia ser removido se não fosse membro no sentido formal da palavra? Vou ilustrar isso. Não posso ser retirado da Associação dos Jogadores Canhotos de Bocha de São Paulo, pois jamais fui membro de tal associação. Agora, de acordo com o site deles, a AJCBSP *vai* remover algumas pessoas do rol de membros por uma série de motivos (como "ser destro", quem sabe?). Mas não passo por qualquer perigo de estar sujeito a ação, pois você não pode expulsar quem nunca foi membro.

Segunda, a disciplina na igreja deve ocorrer quando vocês estiverem "congregados" (v. 4). Para o fim que este livro tenciona, observe apenas que existe uma assembleia definida e formal da igreja, e que os membros sabiam quais eram as pessoas esperadas na próxima reunião. Novamente, isso indica claramente uma membresia eclesiástica significativa.

Terceira, Paulo queria que a igreja disciplinasse apenas aqueles "de dentro" (v. 12). O apóstolo não ordenou que a igreja vigiasse o mundo e sua moralidade. É claro que a igreja sabia quem eram os de dentro e quem eram os de fora. A disciplina eclesiástica adequada é impossível sem uma membresia definida.

Quarta, a disciplina eclesiástica existe para o bem da igreja, mas também para o benefício do membro disciplinado (v. 5). Paulo insistia para que a igreja retirasse a pessoa imoral do rol de membros para que a alma dela fosse salva. É possível que pensemos na disciplina eclesiástica como algo desagradável e duro, mas o apóstolo ensina claramente que se trata de um ato de amor para com o pecador. Quando a pessoa é um membro em boa posição na congregação, ela tem alguma segurança de sua salvação; uma autoridade externa examinou a profissão de fé dessa pessoa e deu sinal positivo.

Mas, quando a igreja remove a afirmação através da disciplina eclesiástica, a ação funciona como uma advertência à pessoa vivendo no pecado. A profissão de fé é questionada por ter se recusado se arrepender de seu pecado, e a pessoa em questão precisa encarar a realidade de que sua alma está em perigo. Certamente nem todo mundo que é excluído da igreja se arrepende e retorna para ela. Mas, por vezes, pela graça de Deus elas retornam, conforme a história de Ron no capítulo 5.

Quinta, a disciplina eclesiástica mostra ao mundo o que o cristão deveria

ser. A imoralidade do homem em Corinto era tal que os pagãos da comunidade ficavam escandalizados (v. 1). Se a igreja não fizesse nada, o mundo que a contemplava só poderia concluir que o cristão é o pior tipo de pervertido que existe. Mas, ao excluir aquele homem da igreja, a congregação deixou claro ao mundo que o pecado tem consequências e que pessoas imorais obstinadas não são cristãs verdadeiras.

4. O alcance evangelístico de uma igreja depende de sua distinção

O cristão normalmente acha que o poder evangelístico depende de demonstrarmos ao mundo como somos parecidos com ele. Todavia, o desafio para a igreja de hoje é o mesmo que tem sido desde que Israel foi tentado a seguir os deuses das nações – ser distinto. Qual é o valor do sal se ele se tornar insípido? O melhor a se fazer com ele é jogar fora. Ou de que adianta um luzeiro dentro do alqueire? Nossa vida distinta fornece ao mundo motivos para glorificar a Deus (Mateus 5.13–16; veja também 1 Pedro 2.9–12).

Práticas saudáveis de membresia e disciplina eclesiástica exercem papel crucial no cultivo e na proteção da distinção de uma igreja. Elas não constituem a *causa* primária das vidas transformadas. Essa causa primária é a Palavra pregada. Mas as práticas de membresia e disciplina protegem essas vidas, clareando-as e as colocando em evidência. Quanta esperança você acha que o testemunho de um posto avançado do reino de Deus é capaz de trazer a uma comunidade difícil? E o que dizer dos que residem nesses lugares vendo pessoas sendo sobrenaturalmente transformadas e em transformação?

Por outro lado, quanta destruição para a o testemunho evangelístico da igreja no Ocidente aconteceu porque muitos membros de igreja vivem como o mundo (1 Coríntios 5) – e nem os líderes da igreja nem as congregações confrontaram essas pessoas sobre isso?

Hora do desafio

Trabalhar com pessoas carentes normalmente significa envolver-se com vidas complicadas. Certamente aqueles que não são pobres também podem ter vidas complicadas, mas a pobreza potencializa problemas e normalmente flui de uma série de pecados que tornam a vida ainda mais complicada. Isso significa que a membresia eclesiástica trará algumas situações difíceis:

- Uma pessoa que está ilegalmente no país pode se tornar membro? Quanto a igreja precisa perguntar sobre a condição de imigração no processo de membresia?
- Será que alguém que usa drogas com prescrição pode se tornar em membro?
- E se alguém chegar a Cristo depois de morar vinte anos com a mesma pessoa? Com que rapidez essas pessoas precisam se casar? E se existem filhos envolvidos nessa situação? E se essas duas pessoas são casadas com outras pessoas em seus países de origem, mas não falam com seus cônjuges há décadas?

Não podemos esperar que as pessoas consertem suas vidas antes de as admitirmos em nossa membresia, mas precisamos ser capazes de fazer confissões de fé e de arrependimento que sejam verdadeiras. Um homem que vive com sua namorada terá de deixar a casa dela. Um traficante de drogas terá de abandonar essa prática. Mas não exigimos perfeição das pessoas que chegam a nossas igrejas. O que exigimos delas é que se engajem nessa batalha contra o pecado – e se arrependam.

Para, de alguma forma, selecionar esses tipos de assuntos, os presbíteros de nossas igrejas entrevistam os candidatos a membros, explicam nossa declaração de fé, conversam a respeito das responsabilidades dos membros e dos líderes e se certificam de que eles compreenderam claramente o evangelho e o que significa viver uma vida de obediência piedosa. O testemunho dos candidatos acontece de uma a duas semanas antes de nossas assembleias, e nós encorajamos os membros da igreja a apresentarem eventuais preocupações ou perguntas acerca daquelas pessoas.

Os elementos desse processo são cautelosos. Mas o intuito desses procedimentos é pastorear cada pessoa que chega à igreja de forma que (1) vejam a seriedade de sua profissão de seguir Cristo; (2) entendam a importância da família da igreja; (3) submetam-se à liderança piedosa e prestem contas a ela; e (4) enxerguem a diferença entre a igreja e o mundo bem como saibam por quem são responsáveis como membros.

Mas manter clara a divisão entre igreja e mundo ajuda não apenas aqueles dentro da igreja mas também os de fora. Certo homem que frequentou a igreja do Mez, que se dizia cristão, traficava drogas, vendia filmes pornográficos e tinha relações sexuais com homens e mulheres daquela comunidade. As pessoas nas ruas questionavam o Mez a respeito desse rapaz,

permitindo ao Mez afirmar tanto seu cuidado e amor para com esse homem como também explicar que apesar de ele frequentar a igreja, não era membro ali. Várias boas discussões com esses "cidadãos preocupados" aconteceram. O Mez pôde explicar *por que* esse homem não era um membro e qual era o significado da membresia. Resumindo, esclarecer a questão da membresia permitiu à *Niddrie Community* abrir suas portas ao homem, mas não para comprovar a sua fé e dizer que ele pertencia a Jesus. Essa visão clara de membresia ajudou a garantir que o testemunho da igreja na comunidade não fosse manchado por um simples membro, enquanto demonstrou amor por um homem como esse.

A disciplina bíblica também faz isso. Certo estagiário da igreja engravidou uma garota, o que gerou muita fofoca dentro da comunidade. O ato de disciplina da igreja contra o homem surpreendeu a comunidade – para sempre! Outro ato de excomunhão permitiu que a maior parte da família do excluído fosse evangelizada. E elas aplaudiram a posição firme da igreja, reforçando nossa credibilidade aos olhos deles.

Conclusão

A membresia eclesiástica pode parecer um luxo incrementado demais para uma igreja missional. Quem sabe ela provoque a imagem de congregações inchadas e meticulosas mais interessadas em cultivar seus jardins do que em levar o evangelho ao mundo. E, possivelmente, algumas igrejas caíram nesse erro. Mas não jogue o bebê fora junto com a água da banheira. Você não pode confundir a linha entre a igreja o mundo ou a distinção entre luz e trevas (veja 2 Coríntios 6.14–17). As comunidades carentes não precisam de outro "centro comunitário" que sustente vários projetos de "ajuda à comunidade" e palestras sobre responsabilidade paternal. Elas necessitam de postos avançados do reino de Deus, distintas como sal e brilhantes como luzeiros num monte.

Parte 3

O TRABALHO EM LUGARES DIFÍCEIS

CAPÍTULO 9

PREPARE-SE

Pastores, seminaristas e plantadores de igreja em potencial fazem as mesmas perguntas para mim (Mez) com relação ao meu ministério em Niddrie. Como podemos alcançar uma vizinhança pobre próxima à nossa congregação? Será que devemos plantar uma igreja nova ou devemos tentar revitalizar um trabalho já existente? Como posso saber se não sirvo para este tipo de ministério? Devemos mudar nossa igreja para uma área carente ou não?

Não temos o tempo para responder a todas as perguntas neste capítulo, mas eis algumas das lições mais importantes que aprendi ao longo da minha jornada.

1. Reconheça a dura realidade

Antes de chegar a Niddrie em 2007, alguém me enviou uma cópia do *The Scotsman*, um jornal nacional que trazia uma manchete sobre a igreja que eu ia pastorear: “Nova Igreja É Forçada a Adotar Mentalidade de Fortaleza Após Ataques de Vândalos”. A matéria começava assim:

> Uma igreja construída apenas com verba de doações de uma congregação de New Town foi forçada a gastar 10.000 libras com segurança depois de ser atacada por vândalos que causaram um prejuízo de milhares de libras. Membros da Charlotte Baptist Chapel na Rose Street investiram mais de 700.000 libras, para que uma nova comunidade fosse construída em Niddrie. Mas poucas semanas após a conclusão da obra, ela começou a ser vandalizada, tendo seus vidros e sua parte de aquecimento danificados[15].

Eu havia acabado de chegar do meu trabalho com gangues no Brasil, de forma que não estava completamente desinformado acerca da dura realidade do ministério em bairros carentes. Mas a Escócia é muito diferente do Brasil. A despeito da violência e da pobreza, os sul-americanos ainda tinham temor a Deus e algum respeito pela igreja. Quando cheguei em Niddrie, ficou claro para mim que, enquanto as pessoas possivelmente cultuavam a Deus da boca para fora, elas não tinham respeito pela igreja e não estavam nem um pouco interessadas em minhas credenciais ministeriais.

Eu havia herdado um edifício que estava sob constante vigilância de crianças e jovens locais. As janelas frequentemente eram quebradas, os carros eram incendiados e os membros eram assaltados nas ruas. O pior era que essas práticas abusivas eram tão antigas que destruir os edifícios tornou-se, praticamente, um ritual de passagem para a juventude local. Os cristãos que estavam dentro do edifício da igreja, cuja maioria residia fora da comunidade, eram alvos fáceis.

O pequeno grupo de cristãos que herdei era formado por pessoas conscientes e bem-intencionadas, que tinham um amor muito grande por Niddrie. O problema era que elas estavam tentando conter décadas de declínio como estranhos culturais daquele ambiente. O único contato que tinham com a comunidade era nos cultos de domingo e nas raras campanhas de entregas de folhetos de porta em porta. Até mesmo a forma como os cultos eram estruturados e dirigidos parecia voltada para a cultura de uma igreja importante e rica, e não de uma igreja localizada numa comunidade carente.

Quando procuravam um pastor, queriam um homem que chegasse e continuasse fazendo o que sempre foi feito. Não preciso nem mencionar que os primeiros meses foram particularmente difíceis para mim. Os membros estavam preocupados com os programas. Certo dia recebi um e-mail de um membro insatisfeito que me censurou por retirar os quarenta e sete tipos diferentes de folhetos evangelísticos da área de café (na realidade, foi o segundo e-mail com esse tipo de conteúdo). Eu estava aparentemente destruindo o evangelismo. Quase que no mesmo instante, outro e-mail chegou querendo explicações do meu não encorajamento à cantoria itinerante do coral da igreja das músicas de Natal nas ruas.

Por outro lado, a comunidade de Niddrie ao nosso redor tinha um conjunto bastante diferente de preocupações. Um dia antes que esses e-mails me

fossem enviados, gastei algumas horas conversando com um jovem que havia sido violentado quando criança pelos tios e agora vendia seu corpo na cidade para manter seu vício no crack. Outra mulher teve a energia elétrica cortada por falta de pagamento. Durante a noite, algumas crianças roubaram parte do encanamento da igreja e golpearam a entrada da igreja com tacos de golfe.

Em suma, havia uma desconexão completa entre as pessoas que se reuniam na igreja e as que viviam ao redor da igreja.

Quando me sentei no escritório naquela manhã fria sozinho, me perguntei se e como poderia mudar aquela igreja. Quando plantei a igreja no Brasil, fiz isso partindo do zero. Então não foi difícil inserir o evangelho no DNA dela. A minha situação agora era completamente diferente. Como seria capaz de juntar essas duas realidades completamente diferentes? Sinceramente, senti muita vontade de desistir naquele momento. No fim eu fiquei e encarei o fato de que seria difícil. As igrejas existentes em áreas carentes estão morrendo por uma série de razões, e todas elas são complicadas. Tanto plantar quanto revitalizar são tarefas difíceis. Não existe praticamente nada de romântico nesse trabalho.

2. Compreenda sua motivação

Os visitantes normalmente vêm à *Niddrie Community Church*, são impactados pelo ministério, então dizem algo como: “Gostei muito deste trabalho. Eu adoraria voltar e ajudar aqui”. Sem pestanejar, encorajo essas pessoas a gastarem um tempo avaliando suas motivações. Ter apego emocional ao trabalho não é suficiente. Tenho certeza de que essas pessoas amam Cristo. Todavia, dentro de poucas semanas, voltando para casa, o sentimento normalmente desaparece, e elas voltam à vida normal. A Bíblia nos alerta a respeito de pessoas religiosas que, por vezes, têm motivações bagunçadas (Mateus 6.1–6; Marcos 9.34; 12.38–40).

Tivemos o mesmo problema no Brasil. Obreiros chegavam e partiam num espaço de meses, exauridos por causa da intensidade do ministério. Aquilo que parece ser glamoroso numa apresentação marcante no mural missionário, ou que soa como algo fascinante nas páginas de um livro, é um pouco desapontador na vida real. Iniciar um ministério na força de sentimentos pessoais ou em alguma ideia romântica de amor pelos pobres é convidar o desastre para dentro da sua vida. Ser apaixonado por pessoas e amar os

excluídos é necessário, sim, mas não é suficiente para ajudar durante a dura realidade do cotidiano.

O que seria uma boa motivação para esse tipo de trabalho? Confesso que um viciado em drogas fedorento e dissimulado não me inspira a dedicar minha vida a ele. Somente meu amor por Cristo me permite amar essas pessoas. Somente a compreensão da graça de Deus em Cristo e o fato de que Cristo morreu por um rato como eu, além de uma grande apreciação para com o evangelho, me capacita a servir pessoas como essas com alegria, a despeito da indiferença e da hostilidade delas à minha ajuda. No final das contas, não faço isso para agradá-las, mas sirvo em amor pelo Salvador que *me* redimiu do mesmo lamaçal.

Certo psiquiatra escreveu:

> Assim como pessoas em quaisquer outras profissões que envolvem o auxílio ao próximo, por vezes a motivação para entrar nesse ministério é obter apreciação, atenção e aceitação, que é pessoalmente necessária, mas que não pode ser suprida em nenhum outro lugar. Por vezes é o desejo inconsciente de dominar os outros e acabar como que se tornando o papa deles, algo fácil de ser obtido se alguém ministra para pessoas imaturas. Muitos pastores recebem muita gratificação inconsciente por serem capazes de direcionar as pessoas num caminho reto[16].

Creio que ele está correto.

Então você se pergunta: por que você quer ministrar entre os pobres? Quais são as suas motivações? A justiça social e os ministérios de misericórdia estão em alta no mundo evangélico atualmente. Conforme vimos, a realidade pode ser bem diferente da noção romântica que as pessoas têm desse tipo de ministério. Precisamos estar cientes das nossas motivações, pois elas podem voltar para nos assustar caso não pensemos bem antes de nos engajarmos nesse tipo de ministério.

3. O pano de fundo histórico não é o mais importante

Muitos jovens têm grande interesse no ministério do *20Schemes*. A maioria deles vem de lares estáveis e com boa educação. E a primeira pergunta feita por quase todo mundo é: será que estou elegante demais para trabalhar nos

conjuntos habitacionais? Eis uma pergunta boa. A despeito das objeções (normalmente de quem tem poder) sobre a questão das classes ser exagerada, existe uma clara divisão entre as classes sociais no Reino Unido. As pessoas sentem e demonstram isso na forma como andam, conversam e se vestem.

Atualmente os jovens em questão não se classificariam como elegantes. Eles se consideram normais. Mas se preocupam que pessoas de classes trabalhadoras inferiores farão distinção deles. Afinal de contas, nós, os "pobres urbanos", não apenas andamos de nariz empinado, mas corremos o risco de enroscá-lo no fio do poste. Para nós, "elegante" significa que você gosta de húmus, que seus pais moram juntos, que você provavelmente joga jogos de tabuleiro nas tardes. Nós gostamos dos nossos fast-foods e reality shows na TV. As pessoas elegantes gostam de dança de salão, idas ao teatro e taças de vinho tinto com os amigos.

Normalmente minha resposta a essa pergunta é: "Você crê que as pessoas irão para o inferno a menos que se arrependam dos seus pecados e coloquem sua fé e confiança em Cristo somente para o perdão dos pecados?". Se a resposta for afirmativa, negócio fechado. Se a pessoa ficar vermelha, com picuinha e visivelmente desconfortável, posso quase apostar que não tem lugar no nosso ministério. Aqui nos conjuntos habitacionais, queremos apenas saber se você nos dará respostas diretas às nossas perguntas diretas.

É claro que a classe social tem, sim, alguma importância. Meu pastor auxiliar assiste a novelas de época mesmo com todas as tentativas de reabilitá-lo. Ele carrega até uma bolsa pelas ruas de Niddrie. E com frequência tenho de aguentar a zombaria e a vergonha de estar ao lado dele quando carrega essa bolsa. Mas sabe de uma coisa? Niddrie não seria a mesma sem ele. Minha vida não seria tão rica sem ele. Quem estaria ali para zombar da elegância dele? Falando sério, ele é conhecido e amado ao redor do nosso conjunto habitacional, muito por ser um homem genuíno que ama as pessoas e está disposto a ser "direto" com elas.

Minhas próximas perguntas para os candidatos a obreiros são: você conhece Jesus Cristo e o ama? Você ama as pessoas o suficiente para lhes falar sobre a condição pecaminosa delas? Você ama a igreja local? Você tem a disposição de se envolver com vidas complicadas em longo prazo? Se a resposta for afirmativa, então as outras coisas não têm tanta importância. Não existe necessidade de abandonar suas malas e sua edição especial de *Royal Wedding* (mantenha-a na gaveta, é claro).

A vida nos conjuntos habitacionais é certamente impactante para o desacostumado com ela. É difícil ajustar sua mentalidade, mas não é impossível. Paulo era um judeu de judeus e levou o evangelho aos gentios, tendo de suportar uma séria de questões culturais para fazê-lo. Que importância tem se quem leva o evangelho aos pobres toma chá com o mindinho estendido? As pessoas estão morrendo sem Cristo; essa é a questão. No fim do dia, o que realmente importa é ser alguém que ama Cristo e ama as pessoas. Pode ser que demore mais do que você espera para se encaixar, mas seja perseverante, seja você mesmo e, sendo ensinável, caminhe a longa jornada da aceitação.

4. Sua família precisa estar no mesmo barco que você

O ministério nas regiões carentes pode ser cansativo, frustrante, depressivo, lento, repetitivo, amargo e ingrato. É possível que você seja objeto de calúnia e fofoca constantemente. Como resultado, sua vida familiar é um ingrediente importante para um ministério saudável do evangelho. Sem minha esposa ao meu lado, me apoiando, orando por mim, me mantendo firme e me amando, não creio que eu teria durado tanto tempo no tipo de ministério que exerço.

O ministério numa comunidade carente afeta a minha família. Eu trago pessoas estranhas, aleatoriamente, para fazer refeições, tomar banho, trocar de roupa e, normalmente, avisando com poucos minutos de antecedência. Minha esposa nem pisca. Ela tem um dom de hospitalidade dado por Deus e paciência infinita mesmo com os convidados mais prolixos. Já gastamos longas noites com pessoas nos contando todos os “causos” de seus vícios. Por vezes os estranhos aparecem no dia de Natal para almoçar. Já tivemos convidados passando nossas férias de família conosco. Apesar de tudo, conseguimos manter nosso amor uns pelos outros e uma grande apreciação pelos papéis distintos que temos dentro do ministério.

A minha casa, embora normalmente ocupada, é um oásis calmo em momentos de tormenta. Minha esposa não luta contra o ministério e contra mim. Temos jantares românticos. Temos jantares em família. Nós oramos juntos. Mas quando as emergências ou um incêndio de questão pastoral aparece, ela não aumenta a pressão da situação reclamando ou competindo pela minha atenção.

Estamos falando de um ministério de imersão. Se você deseja dividir sua vida em “tempo ministerial”, “tempo de lazer”, e “tempo pessoal”, então possivelmente este não é o ministério para você. Não é necessário ser casado para prosperar no ministério, mas, se for casado, então você precisará ter um casamento seguro e feliz, além de uma esposa que lhe apoie imensamente. Se não é o seu caso, saia do ministério enquanto pode. Eu sobrevivi por tanto tempo porque Deus é bom e minha esposa se certifica de que nosso lar seja um refúgio das tempestades ministeriais, mesmo que eu mesmo traga um pouco de escombros para casa.

5. Os líderes da igreja precisam estar no mesmo barco que você

De vez em quando pessoas aparecem na igreja tendo ouvido falar a nosso respeito e do nosso ministério. Elas geralmente aparecem porque estão pensando em deixar suas congregações atuais e têm interesse em ministrar entre os pobres (por vezes querem apenas se tornar membros da nossa igreja). Sem exceção, pergunto a todas elas sobre as igrejas de onde vêm. Quem é o seu pastor? A sua igreja tem líderes? O que eles têm a dizer sobre o seu plano?

Em geral, esse tipo de pergunta gera confusão. A atitude normal é: “O que eles têm a ver com a minha escolha? Eu posso fazer o que quiser”. Ou “Eles não me entendem. Deus falou comigo acerca de tal e tal coisa, mas eles simplesmente não aceitam”. Esses visitantes supõem que eu compreenderei a visão deles de trabalho entre os necessitados mais do que os presbíteros das igrejas de onde vêm. Eles não poderiam estar mais errados.

O autor de Hebreus nos lembra: “Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros” (13.17). As pessoas têm a liberdade de se sentirem chamadas o quanto quiserem, mas precisam ter aquele chamado validado por quem supervisiona espiritualmente a vida delas.

Uma coisa é certa: se você não consegue se submeter aos seus próprios líderes espirituais, então não deve entrar num ministério e esperar que as pessoas se submetam à sua liderança. Se os presbíteros e líderes da sua igreja não concordam, posso praticamente cravar que você ainda não está pronto para o ministério. Se você considera uma igreja que trabalha entre os pobres,

fale com os presbíteros ou líderes da sua igreja e peça que orem por sua vida e o aconselhem.

6. Você precisa orar

Quando comecei meu ministério em São Luís, ninguém mais na cidade estava fazendo algo para alcançar as crianças de rua. Comecei orando por uma equipe e por uma oportunidade de alcançar essas crianças. Dentro de poucas semanas conheci uma senhora chamada Otacélia, que havia começado a juntar ao meu redor brasileiros interessados. Antes de iniciar qualquer coisa, concordamos de nos encontrar diariamente para estudar a Bíblia e orar juntos. Toda manhã e toda noite tínhamos um encontro de oração antes de sairmos para as ruas. Continuamos essa prática por todo tempo em que estive no Brasil.

Quando cheguei à Comunidade de Niddrie, eu abria o salão de culto cedo pelas manhãs e começava a orar pela congregação e pela vizinhança. À medida que me familiarizava com o lugar e com os nomes de algumas pessoas, comecei a orar por elas também. À medida que o povo ia sendo salvo, eu orava por suas famílias. Eu orei pedindo por colegas de ministério. E, então, algo aconteceu: Deus respondeu minhas orações. Esse momento de oração começou faz mais de sete anos e continua praticamente todos os dias.

A oração é a chave absoluta *antes*, *durante* e *depois* de qualquer ministério. Afinal de contas, estamos em batalha espiritual. Paulo lembrou os crentes em Corinto de que "o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2 Coríntios 4.4). Nosso inimigo não cai tão facilmente. Ele fará uso de todos os recursos à disposição para atrapalhar a obra do ministério do evangelho. Ele atacará sua família, seus amigos, sua igreja e as pessoas próximas de você. O Diabo, o mundo e a carne são os nossos inimigos mais árduos no mundo; ainda mais quando nos encontramos nas linhas de frente do ministério do evangelho.

Observe a conexão entre a batalha espiritual e a oração nas instruções de Paulo à igreja em Éfeso:

> Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim

> contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; embraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos (Efésios 6.11–18).

Ore pelos conjuntos habitacionais, pelos projetos de habitação, pelos parques de trailers ou pelo plano habitacional próximo à sua igreja. Ore com convicção e frequência. Ore por conversões. Muitas vezes nós não temos porque não pedimos. Quaisquer que sejam seus pensamentos a respeito de um possível envolvimento com o trabalho evangelístico entre os pobres, feche este livro por uns instantes e coloque-se de joelhos diante do Deus Todo-Poderoso. Essa é a melhor e mais importante coisa a ser feita.

7. Você precisa compreender sua comunidade

A percepção de áreas carentes, como os conjuntos habitacionais e planos habitacionais no Reino Unido e os projetos nos Estados Unidos, é primariamente negativa. Quando ouvimos sobre o Bronx ou o extremo leste de Glasgow, podemos ver claramente um retrato de tráfico de drogas e execuções a tiros. E isso está enraizado na realidade. Existem lugares no mundo com estatísticas assustadoras de crimes, mortes precoces, entorpecentes e mortalidade infantil.

Mas isso não é tudo o que existe numa comunidade. Se você se mudar para uma delas e experimentar a vida ali – viver, trabalhar e se socializar com as pessoas - será capaz de ver riqueza de vida e de cultura. O problema é que a maioria do que é pensado e escrito a respeito do ministério entre os pobres é feito por pessoas bem-educadas e, pelo menos, de classe média. Isso não é necessariamente errado. Você não precisa vir de um lugar X para poder ministrar no lugar X. Conforme disse, o que importa no final é amar Cristo e as pessoas. Mas esse amor será demonstrado no cuidado para não ser desviado por suas suposições culturais. Muitas iniciativas nas comunidades

carentes precisam de frutos porque as pessoas que fazem o ministério não compreendem verdadeiramente a cultura e a realidade da área específica onde trabalham, nem mesmo querem trabalhar amorosamente para compreender.

Sendo assim, se deseja alcançar uma área perto de você ou acabou de se mudar para um lugar difícil, eis algumas perguntas que pode começar a fazer a si mesmo e aos outros (mas cuidado para não perguntar demais – as pessoas podem achar que você trabalha para a polícia!):

- O que você acha de uma igreja nesta comunidade?
- Quem são as pessoas-chave que você precisa envolver neste trabalho? Quais são os dons delas?
- Quem você deseja alcançar? Como alcançará essas pessoas de maneira efetiva?
- Que outros grupos trabalham na comunidade (seculares ou não)? Qual é a eficácia deles?
- Quem pode lhe ajudar a conhecer melhor a comunidade?
- Existe alguém na comunidade que pode lhe oferecer um "modo de entrar" nela?
- Que tipo de pessoa você naturalmente atrai? Essas pessoas existem na sua comunidade?
- O que as pessoas gostam de fazer nesta comunidade?
- Quem você precisa recrutar para atrair pessoas que você não consegue alcançar naturalmente?
- Como você pretende edificar relacionamentos intencionais dentro da sua comunidade? Sozinho? Com sua esposa? Com um pequeno grupo?
- Qual é o seu plano para evangelismo e discipulado?

Se você se mudar de fato para uma área carente, ore regularmente por ela e a estude exaustivamente. Aceite que existe uma série de coisas que você não entende e que levará muito tempo, esforço e amor antes que você o faça. Mas se você se envolver com as pessoas no contexto delas, lenta mas certamente começará a construir uma compreensão melhor da comunidade. Isso será de valor inestimável nos anos por vir.

15. *The Scotsman* online, 18 de março, 2006, http://www.scotsman.com/news/new-church-forced-into-fortress-mentality-after-vandals-attack-1-974347/.

16. Basil Jackson, *Psychology, Psychiatry, and the Pastor: Part II: Maturity in the Pastor and Parishioner*, Biblioteca Sacra 135 (abril de 1975): 111-12.

CAPÍTULO 10

PREPARE A OBRA

Investi (Mez) os primeiros doze meses do meu pastorado simplesmente observando a comunidade e conhecendo as pessoas da *Niddrie Community Church*. À medida que as virtudes e os defeitos daquela comunidade se tornavam aparentes, percebi que a igreja precisava de uma abordagem completamente nova para ministrar naquela região. Tínhamos uma série de problemas:

- Precisávamos de mais líderes, e precisávamos compreender o papel deles.
- Havia uma mentalidade evangelística do tipo “pregue que as pessoas aparecerão”. Não era de se admirar que raramente pessoas daquela região apareciam.
- As pessoas esperavam que o pastor fizesse a maior parte do trabalho ministerial diário.
- Quando pedi a cada membro da congregação que explicasse a missão e o propósito da igreja, o número de respostas diferentes foi equivalente ao número de pessoas que tínhamos.
- Aquela comunidade, muito hostil, enxergava o prédio e as pessoas que ali adoravam como um clube de estrangeiros.
- Vários membros não estavam colocando em prática seus dons para o benefício do corpo.

Precisávamos ir adiante. Mas por onde começar? Como é que plantadores de igreja, igrejas estabelecidas em áreas pobres, ou que se sentem separados

das comunidades carentes tomam passos positivos e práticos para construir igrejas saudáveis?

Construa e capacite uma liderança piedosa

Nas minhas primeiras semanas na *Niddrie Community*, alguém me perguntou que tipo de revestimento eu queria para o forno da igreja. Eu não estava nem aí. Daquele momento em diante comecei a ensinar à congregação que o pastor não precisa estar em toda reunião da igreja e tomar cada decisão. A microgerência não equipa as pessoas ou cria uma equipe; delegar autoridade sim. Observe os seguintes versículos bíblicos:

- "Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos." (Marcos 6.7)
- "Depois disto, o Senhor designou outros setenta; e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir." (Lucas 10.1)
- "Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante." (Eclesiastes 4.9,10)

1. Recrute e treine presbíteros

A igreja tinha presbíteros, mas dois deles já eram de idade avançada, e não parecia haver qualquer compreensão geral das exigências para a função. Se quiséssemos crescer de maneira saudável, precisaríamos de uma liderança forte e biblicamente informada caminhando à frente. Nos dois anos seguintes, fizemos isto:

- Durantes meus doze primeiros meses me encontrei pessoalmente com os homens da igreja para conhecê-los melhor.
- Comecei a dar-lhes oportunidades para liderar os encontros aos domingos e os encontros de oração no meio da semana.
- Os desafiei em relação ao estado de suas almas e de sua caminhada com Cristo (uma novidade para muitos deles).
- Observei quem surgia do desafio de liderar e quem assumia a liderança nas orações nos encontros de meio de semana ou nas visitações aos idosos ou doentes.
- Entreguei a eles material de leitura sobre uma variedade de assuntos – eclesiologia, evangelho, liderança, mulheres no ministério – e lhes

encorajei a um debate saudável e bem pensado.
- Saíamos uma ou duas vezes por mês para socializar, por vezes em grupos de dois ou, às vezes, em grupos maiores. Eu queria ver como esses homens interagiam uns com os outros.
- Orei pedindo ao Senhor por sabedoria para os passos seguintes.

Dois anos depois, escolhi um pequeno grupo de homens e saímos durante o dia. As idades variavam (de vinte a sessenta anos) e os dons também. Gastamos o dia todos juntos orando e conversando acerca de questões doutrinárias e teológicas. Estudamos as Escrituras e testemunhamos como o Senhor nos salvou e nos levou até ali. Discutimos os seguintes assuntos:

- O papel dos presbíteros.
- O estado e o futuro da *Niddrie Community Church*.
- Evangelismo.
- Discipulado.
- Sistema de governo da igreja.
- Treinamento de futuros líderes.

Foi uma grande oportunidade para ver esses homens interagindo e como eles discordavam uns com os outros, resolvendo conflitos de maneira bíblica e madura. Alguns eram teologicamente mais capacitados do que outros. Alguns eram pastoralmente fortes. Alguns careciam de capacidade para discutir doutrina em grande profundidade, mas eram líderes humildes. Todos estavam dentro das qualificações para o presbitério de 1 Timóteo 3 e Tito 1. Foi um tempo especial e, um a um, conforme a votação na congregação acontecia, foram escolhidos como presbítero pela maioria.

A dinâmica de nossos encontros de presbitério mudou dramaticamente. Partimos de discussões de problemas como portas danificadas e contas de luz para questões pastorais, oração e estudo bíblico coletivo. Lemos livros úteis sobre liderança e presbiterato[17].

Possivelmente o clímax da mudança aconteceu em 2012 quando nossa liderança participou da conferência 9Marcas em Washington, DC, chamada “Weekender”. Com a bênção da congregação, viajamos para os Estados Unidos e investimos quatro dias completos observando as práticas da *Capitol Hill Baptist Church* em Washington, DC. Participamos de seminários diferentes, e à noite juntávamos nossas impressões e decidíamos como aquilo

se aplicava melhor em nosso contexto. A experiência nos aproximou como irmãos em Cristo e supervisores do povo de Deus em Niddrie. Muito embora a *Capitol Hill Baptist Church* e a *Niddrie Community Church* estivessem em extremos opostos geográfica e culturalmente, os princípios que aprendemos tiveram efeitos profundos em como lideramos. Os benefícios para a igreja foram enormes.

- Começamos a nos encontrar como presbíteros semanalmente, e não mais mensalmente.
- Usamos um encontro por mês para estudo pessoal próprio e interações pastorais como líderes. Oramos uns pelos outros e por nossas famílias exclusivamente.
- Oramos pelos membros da igreja duas vezes por mês.
- Começamos a ensinar não apenas a necessidade da membresia mas a sua natureza. Quais são as responsabilidades do líder? Dos membros?
- Aumentamos as assembleias de uma vez por ano para uma por trimestre.
- Desenvolvemos e aplicamos a política de disciplina bíblica que tivemos de colocar em prática inúmeras vezes.

Temos hoje uma liderança que cresce junto, aprende junto, tem responsabilidade espiritual para com o próximo e avança a igreja na direção de Deus e de sua Palavra.

Falaremos mais da preparação de líderes no próximo capítulo.

2. Desenvolva uma equipe ministerial

Nos meus primeiros dias em Niddrie, a maior parte dos membros da igreja vivia e trabalhava fora dos conjuntos habitacionais. Fui rapidamente surpreendido com o discipulado de novos crentes e o trabalho com os interessados na fé. As pessoas carentes começavam a aparecer. Eu precisava de ajuda, mas não tinha cristãos suficientes vivendo na comunidade ou convertidos nativos maduros o suficiente para a tarefa.

Sendo assim, comecei a recrutar *estrangeiros culturais*. Eram jovens cristãos de fora dos conjuntos habitacionais que queriam aprender sobre esse tipo de ministério, mas careciam da oportunidade de envolvimento. Achei que recrutas crus que desejavam servir os necessitados em organizações paraeclesiásticas aprenderiam mais se viessem para a *Niddrie Community Church*. É claro que precisei vender a eles uma imagem da igreja local que

realmente evangelizaria, discipularia e equiparia líderes nativos, e não apenas "usar e abusar" deles como babás glorificadas e jovens trabalhadores. Eu precisava lhes garantir que teriam voz em termos das novas iniciativas ministeriais. Em outras palavras, os presbíteros não podariam cada nova ideia ou não freariam o progresso por medo da mudança. Obviamente os presbíteros supervisionaram tudo, mas reconheceram que teríamos de dar muito do crédito à equipe ministerial e lhe permitir que tomasse decisões diárias sem muita interferência.

Em segundo lugar, recrutei e treinei *obreiras mulheres*. Nas comunidades mais pobres da Escócia, cinquenta e dois por cento de todos os moradores são pais solteiros, dos quais a vasta maioria é de mulheres. As mulheres nos conjuntos habitacionais sofrem de maneira desproporcional com problemas de saúde, invalidez e violência interpessoal. Elas são vulneráveis e carentes com complexos físicos, psicológicos e problemas espirituais e grande parte delas está sentada nos bancos da nossa igreja.

Esses assuntos não são resolvidos com um encontro semanal para tomar um cafezinho. Ajudar essas mulheres exige um compromisso completo de vida de caminhar lado a lado com elas. Sob o risco de chover no molhado, normalmente não é sábio ou prudente um homem aconselhar ou investir muito tempo na vida de uma mulher. Nos conjuntos habitacionais, qualquer demonstração de carinho vinda de um homem provavelmente será sexualmente mal interpretada; um homem disposto a ouvir é um afrodisíaco poderoso.

As mulheres certamente precisam estar próximas de homens e pais piedosos. Mas o tipo de apoio, amizade, mentoria, intimidade de oração, conselho e cuidado que a maioria das mulheres na igreja precisa vem de mulheres biblicamente sólidas e maduras que se envolverão com elas por muito tempo. Como resultado, precisamos recrutar e treinar intencionalmente mulheres capazes de trabalhar no ministério.

Em terceiro lugar, recrutei apenas *pessoas dispostas a firmar um compromisso duradouro.* Mike e eu aprendemos que o ministério em lugares difíceis funciona apenas quando estamos preparados para firmar raízes. Na *Niddrie Community*, cada um dos membros da equipe principal firma um compromisso de dez a quinze anos com a obra. Um de nossos plantadores de igreja comentou recentemente que quando estava considerando trabalhar conosco perguntou a si mesmo se estava preparado para vir e morrer nos

conjuntos habitacionais. Plantar e revitalizar não é um algo rápido. Os frutos aparecem lentamente nesse tipo de trabalho.

Estamos em nosso sétimo ano e acabamos de começar a ver o princípio dos frutos verdadeiros. Precisamos ter um compromisso duradouro. Nós assumimos uma série de riscos em nossos primeiros dias. Alguns já tiveram retorno, outros não (falarei mais sobre isso). Mas o jovem sempre é atraído pela visão. Ela ajuda a imaginar possibilidades que você talvez jamais tenha imaginado. Demorou, mas agora pegamos o embalo. A diferença entre dez pessoas vivendo em Niddrie, e trinta é gigantesca.

Não seja derrotado antes mesmo de começar

Inúmeros plantadores de igreja e pastores estabelecidos se perguntam por onde começar quando estão sozinhos ou quando têm pouquíssimos recursos. Muitas pessoas chegam à *Niddrie Community* e comentam que isso é mais fácil para nós pois temos uma equipe. Mas não tínhamos ninguém trabalhando em tempo integral quando comecei o trabalho. Comece com a matéria-prima que você tem e a partir dela. Se está sozinho e começando do zero, então ore pedindo que outros se juntem a você. Não tenha pressa. Escolha os membros da equipe cuidadosamente e certifique-se de que eles compreendem sua visão e a direção em que você caminha. Se você é um pastor experiente, então ofereça um estágio para os membros atuais ou recrute pessoas dos seminários ou de outras igrejas locais. Quem sabe não temos pessoas porque não pedimos ao nosso Pai celestial? Uma coisa é certa: a mudança não ocorrerá se não tivermos a disposição de dar passos de fé.

Não fique preso a um modelo

Algumas pessoas são apaixonadas por um modelo de plantação e revitalização de igreja, como se esse fosse o melhor a ser feito sempre. Mas, na minha experiência, há inúmeras boas maneiras de se fazer isso.

- No Brasil começamos com um grupo de oito homens e mulheres. Nos encontramos diariamente durante um ano para estudar, orar, comer e fazer o ministério nas ruas juntos. Quando chegou o momento de iniciar um trabalho na favela, já nos conhecíamos muito e a coisa caminhou bem. A igreja cresceu rapidamente.

- Em Niddrie, eu herdei um rebanho, então precisei como que reeducá-lo, principalmente do púlpito. Investi mais tempo com aqueles que pareciam compreender a nova visão do ministério. Eis um jeito completamente diferente de se fazer igreja, mas que tem lentamente se tornado efetivo.
- Em Dundee, o ministério *20Schemes* tem ajudado a colocar um plantador de igreja num edifício antigo que fechou suas portas faz duas décadas. Localizada numa comunidade necessitada de dezoito mil pessoas, o edifício tem sido usado por uma série de ministérios infantis e com adolescentes nos últimos dez anos. O trabalho exige um líder que tenha a capacidade de aproximar as pessoas e formar uma visão coerente.
- Num conjunto habitacional de Edimburgo chamado Gracemount, o ministério *20Schemes* colocou um casal jovem que tem tentado iniciar uma igreja do zero. Eles têm contatos a partir de um ministério paraeclesiástico local, mas o líder necessita de empreendedores natos, capacidade evangelística e um grupo coeso para engrenar. Este será um ministério lento.
- Em Glasgow, dois jovens casais se mudaram para um conjunto habitacional depois de trabalhar por mais de cinco anos ali com jovens. Eles precisarão de orientação, ajuda e apoio; precisarão prestar contas para outra igreja já estabelecida à medida que buscam plantar uma igreja evangélica local no conjunto habitacional.
- A igreja do Mike tem experiências semelhantes. Eles já revitalizaram, plantaram igrejas do zero, enviaram bons grupos missionários e começaram igrejas para pessoas de fala estrangeira usando estudos bíblicos evangelísticos.

A questão aqui é que não existe maneira perfeita de plantar ou revitalizar uma igreja. Cada lugar é diferente e apresenta oportunidades diferentes. Um parque de trailers pode exigir uma estratégia diferente do que a usada em um projeto habitacional urbano, e ambos podem ser muito diferentes da plantação de uma igreja no subúrbio. Se você está preso a um único modelo, é possível que perca uma boa oportunidade. Se você importa seu modelo para um lugar diferente sem considerar a cultura e as necessidades, está pedindo encrenca.

Seja realista em relação ao custo financeiro

Dois jovens marcaram uma hora comigo em meu escritório para falar sobre a visão deles de um ministério com gangues na África do Sul. Quando

perguntei quanto dinheiro esperavam levantar, a resposta foi ingenuamente baixa. Eles aparentemente planejaram viver com um orçamento apertado sem considerar aluguel, carro, combustível, um fundo ministerial, casa, gastos com saúde e um pequeno luxo chamado alimento. Não tinham a mínima noção do custo verdadeiro do que estavam tentando fazer. A maioria das igrejas e dos plantadores de igreja não são tão ingênuos assim, mas poucos têm a noção dos gastos atrelados à plantação ou à revitalização de igrejas em áreas carentes.

Normalmente, os planos estratégicos ocidentais para plantação de igreja visam à independência financeira em três a cinco anos. Isso é extremamente irreal em comunidades pobres nas quais a independência fiscal pode levar mais de uma década. Ministérios novos entre os necessitados exigem esforço missionário e sustento financeiro de longo prazo. Pensar com cautela sobre as questões financeiras pode ajudar a proteger o plantador de igreja do temor, da preocupação e da ansiedade.

A dificuldade de financiar uma igreja numa área carente é o exato motivo pelo qual as igrejas de todo lugar deveriam formar uma rede de proximidade umas com as outras. Juntas elas conseguem apoiar financeira e espiritualmente o trabalho de igrejas em áreas pobres. Se você faz parte de uma igreja influente que deseja ajudar o evangelho a ser espalhado entre os necessitados, a maneira mais eficaz de participar pode ser por meio do apoio financeiro. Precisamos cultivar também mantenedores individuais que apreciam e compreendem o contexto do nosso ministério. Infelizmente, esse tipo de pessoa é raridade num mundo que venera os resultados rápidos e informativos com estatísticas gordas e histórias sensacionais de conversão. Assim sendo, nossa estratégia tem sido abordar o ministério entre os pobres como um empreendimento missionário duradouro. Encorajamos nossos obreiros a levantar sustento financeiro para criar sustentabilidade.

Tenha objetivos e expectativas realistas

Certa vez, num encontro em Nova Iorque, lembro-me de ouvir um plantador de igreja dizer que, se não víssemos duzentas pessoas em nossa igreja no fim do terceiro ano, então deveríamos questionar nosso chamado. Outro plantador de igreja nos disse que estava se mudando pela fé para uma área nova com uma equipe de cento e cinquenta pessoas. Certa vez tivemos plantadores de

igreja norte-americanos visitando nosso trabalho em Niddrie, onde tínhamos cerca de setenta e cinco frequentadores. Depois do culto, durante o almoço, um deles disse que achava que seríamos mais bem-sucedidos se tivéssemos músicos melhores e deixássemos o salão do culto um pouco mais claro. Eu lhe disse que, em termos de conjuntos habitacionais, éramos uma megaigreja! Me parece que a Europa e os Estados Unidos não raro diferem no que diz respeito às atitudes visando ao resultado e ao sucesso.

Quando ouço histórias de igrejas atraindo multidões para seus cultos de abertura, presumo que a maioria é composta de cristãos que já frequentaram outras igrejas na região. Uma igreja numa comunidade carente muito provavelmente não terá grande reserva de cristãos dessa maneira. A maior probabilidade é que ela terá de crescer de maneira mais lenta, pois dependerá de conversões para isso. Deus certamente poderia enviar um reavivamento e fazer chover convertidos em nossa igreja. Exceto se algo extraordinário acontecer, eu ficaria muito feliz se visse grupos de vinte a quarenta cristãos em vários conjuntos habitacionais depois de dez anos de trabalho. Isso constituiria grande sucesso, muito embora possa parecer uma simples equipe para algumas pessoas. Creio que francamente colocamos muita pressão sobre os plantadores e revitalizadores de igreja com alvos e expectativas irreais.

Conclusão

Todo novo convertido e membro de uma congregação, independentemente de sua condição social, precisa aprender sobre sua responsabilidade para com o corpo local. Alguns deles se tornarão membros fabulosos de equipes ministeriais. Alguns se tornarão bons diáconos. Alguns serão presbíteros piedosos. Mas seus dons só serão vistos se tiverem oportunidade de serem testados na fogueira do ministério. O mesmo vale para nossas mulheres. Muitas mulheres piedosas e maduras estão como que paradas em prateleiras, normalmente ignoradas pelas igrejas, quando existe uma necessidade imensa delas nos lugares difíceis.

O resumo é que, como em todos os lugares, as igrejas em lugares difíceis precisam cultivar a cultura do discipulado e do ministério, na qual membros, líderes e líderes em potencial aprendem a discipular uns aos outros e a compreender tal atividade como parte do ser cristão. Dessa maneira, elas

aprendem a servir, a cair, a perdoar, a encorajar e aprendem umas com as outras.

17. Dois livros extremamente úteis que nos ajudaram a pensar nosso papel dentro da igreja foram *Biblical Eldership* de Alexander Strauch (Colorado Springs: Lewis & Roth, 2003) e *Igreja Intencional: Edificando seu ministério sobre o evangelho*, de Mark Dever e Paul Alexander (São José dos Campos: Editora Fiel, 2015).

CAPÍTULO 11

PREPARE-SE PARA MUDAR SUA FORMA DE PENSAR

Imagine que um jovem entra na sua igreja certo dia e pede para falar com o pastor. Ele teve problemas com a lei quando era criança e acaba de cumprir a pena por roubo e assalto à mão armada. Ele parece agitado e sai da igreja para fumar enquanto você tenta encontrar o pastor. O cheiro evidencia falta de banho e as roupas dele são baratas e surradas.

Acontece que o jovem recentemente professou sua fé em Cristo e, embora jamais tenha lido a Bíblia na vida, deseja vir para a sua igreja e conhecer mais de Cristo. Ele atualmente vive num abrigo da cidade e admite usar drogas, mas alega lutar contra isso. É relativamente agressivo e claramente não gosta quando lhe fazem muitas perguntas.

O que passaria pela sua cabeça quando esse jovem fosse embora? Será que você, em seu coração, esperaria que ele jamais voltasse? Você se pergunta quem cuidará dele quando ele voltar no próximo domingo? Você pensaria como livrá-lo do abrigo e das drogas? Você pensa em *discipulado* ou em *desastre*?

Minha (Mez) alegação é que você possivelmente está colocando as mãos num futuro líder. Se participar de ministério entre os pobres, você precisará enxergar que o jovem sujo, agressivo e biblicamente analfabeto tem potencial para ser um futuro pastor e líder na igreja. A pergunta é: será que sua igreja tem um projeto de discipulado claro para esse tipo de homem e de mulher?

Ou será que tal tipo de pessoa é tolerado na sua igreja até que ela retorne à sua velha vida, e então todos respiram secretamente aliviados?

O problema em nossas igrejas

A verdade é que a maioria das igrejas precisa de uma cultura de discipulado para convertidos de realidades carentes. Esse tipo de pessoa pode até ser bem-vindo em nossas congregações, mas é normalmente ignorado quando se trata de identificar e treinar possíveis líderes. Este não é um problema novo; há quarenta anos a Aliança de Lausanne salientou a mesma questão:

> Reconhecemos também que algumas das nossas missões têm sido muito lentas em equipar e encorajar líderes nacionais que assumam suas devidas responsabilidades. Todavia, temos o compromisso com princípios nativos e anelamos para que toda igreja tenha líderes nacionais que manifestem um estilo cristão de liderança em termos de serviço e não de dominação. Reconhecemos a grande necessidade de se melhorar a educação teológica, especialmente para líderes eclesiásticos. Em todo país e cultura deveria haver um programa de treinamento eficaz para pastores e leigos sobre doutrina, discipulado, evangelismo, nutrição espiritual e serviço. Treinamentos como esses não podem depender de qualquer metodologia estereotipada, mas devem ser desenvolvidos pelas iniciativas criativas locais de acordo com os padrões bíblicos.

O problema a que se referem os autores da Aliança de Lausanne era a tendência de missionários ocidentais de aleijarem igrejas nativas no exterior falhando na preparação de líderes de maneira culturalmente sensível. De modo semelhante, é fácil para as igrejas no Ocidente fracassarem no que diz respeito ao treinamento de líderes entre os pobres. Se não acredita em mim, leia as propagandas na imprensa cristã de estágios em igrejas; você verá que praticamente todas as oportunidades são exclusivamente para pessoas educadas. A realidade é que a liderança em muitas igrejas é de domínio exclusivo dos formalmente educados e profissionalmente qualificados.

Os líderes em cargos estabelecidos podem facilmente cultivar o sentimento de que são os únicos com habilidades e conhecimentos necessários para liderar. Podemos comunicar subitamente que apenas os de boa aparência e impressionantes podem ser considerados para a liderança

cristã. O presbítero certamente precisa ser “apto para ensinar”, mas a educação formal e a esperteza administrativa não são qualificações para a liderança cristã (veja 1 Timóteo 3.1–13). Na realidade, o modelo de liderança da igreja deveria parecer bem diferente dos modelos de liderança seculares, pois Deus não valoriza as mesmas coisas que o mundo valoriza (1 Coríntios 1.26–29). As igrejas e os líderes institucionais precisam parar de ignorar quem carece de qualificação profissional ou que não se encaixa em seu círculo social.

Uma abordagem nova

Precisamos repensar como acontece o ministério em lugares difíceis das nossas cidades. Amar o pobre e o rejeitado é muito bom, mas precisamos cuidar com o tipo de ajuda ineficiente para as pessoas em comunidades carentes, que nunca oferece a elas a ajuda de que precisam para se tornarem discípulos maduros de Cristo.

Vou exemplificar. Numa discussão recente acerca do ministério com as pessoas carentes, mencionei que um dos problemas dos ministérios de misericórdia era que eles fracassam no treinamento de liderança nativa entre os pobres. Um homem foi contra, alegando que o trabalho de distribuição de sopa de sua igreja havia transformado a comunidade. Entretanto, quando entramos nos aspectos específicos, pareceu que a maioria dos benefícios do sopão foram experimentados na igreja. Membros periféricos descobriram que distribuir sopa era uma maneira fácil de se engajar no ministério. Isso é bom. Mas o homem também admitiu que, depois de um tempo considerável fazendo esse tipo de ministério, ninguém havia se convertido e ninguém havia sido discipulado. Pior ainda, ele não tinha um plano caso alguém se convertesse.

O ministério de misericórdia é fabuloso se fizer parte de um plano maior, mas não pode ser o fim da história para quem recebe ajuda. Então, qual é o caminho a seguir? As igrejas que trabalham com pessoas carentes precisam incorporar o treinamento de líderes nativos em seu DNA.

Sendo assim, como é que podemos partir de nossa drástica situação atual para ideais futuros de liderança nativa? Nos conjuntos habitacionais da Escócia, aceitamos o fato de que precisaremos depender de “estrangeiros culturais” para ajudar inicialmente. Não existe o suficiente hoje para

desenvolvermos um embalo significativo rumo à liderança nativa. Teremos de treinar os “estrangeiros” para que identifiquem e cultivem os “nativos” que possam servir como futuros líderes. Quem sabe dentro de uma geração veremos um movimento real de igrejas nos conjuntos habitacionais sendo lideradas por convertidos dentro dos próprios conjuntos habitacionais.

Rumando para o final, eis dez sugestões que surgem da minha experiência treinando homens e mulheres para a liderança em comunidades carentes.

1. Delegue responsabilidades aos novos convertidos rapidamente

Em geral, as igrejas de classe média esperarão que novos convertidos se provem antes de lhes dar cargos de liderança. Nos conjuntos habitacionais, descobrimos que é melhor dar às pessoas responsabilidades e deixá-las executar sua missão até que provem sua incapacidade. Em outras palavras, é bom dar responsabilidades aos convertidos rapidamente e deixá-los trabalhar em áreas de serviço e de ensino. Não estou falando em torná-los presbíteros, mas também não estou falando de colocá-los simplesmente organizar as cadeiras do salão de cultos. E esse processo de equipá-los não é limitado a palestras do púlpito. Precisamos conversar e caminhar com eles no cotidiano do ministério. Afinal de contas, foi assim que Jesus treinou seus discípulos; eles conviveram, e Jesus os ensinou no cotidiano.

Na *Niddrie Community Church*, temos uma obreira jovem que foi salva faz pouco tempo. Ela é uma garota local que veio a nós sem qualquer conhecimento prévio da Bíblia. Num espaço de dois meses depois da conversão dela, decidimos empregá-la em meio período para alcançar os jovens da nossa região. Não demorou muito e ela começou um estudo bíblico com cinco amigas. A menina conhecia muito pouco a respeito do evangelho, mas em poucas semanas algumas de suas amigas estavam frequentando a igreja e duas foram salvas. O progresso local que ela fez em dois meses foi maior do que o que fizemos em seis anos! Tínhamos apenas uma cristã madura com ela nos estudos bíblicos para ajudar e aconselhar caso ela precisasse de ajuda. Com a cultura de liberdade, ela partiu para começar outro ministério dentro da comunidade, enquanto é simultaneamente treinada por meio do nosso programa interno.

2. Comunique de maneiras culturalmente sensíveis

A comunicação é contextual. Por exemplo: nos conjuntos habitacionais, valorizamos a comunicação direta; é um sinal de respeito em nossos relacionamentos. As pessoas de classe média tendem a valorizar mais o *não ofender*; é a forma dela dizer que se importa com o relacionamento. Como resultado, um lado parece rude e agressivo, ao passo que a outra pessoa parece indefesa e superficial. Precisamos cuidar para compreender como as pessoas falam e agem antes de questionar sua motivação e seu caráter. Muitos convertidos dos conjuntos habitacionais são ignorados pela liderança pois aparentam ser estranhos, rudes e agressivos em comparação com seus irmãos e irmãs da classe média. Compreender a cultura da sua região pode ajudar nisso e reduzir seus efeitos. Certamente precisamos desafiar a conduta pecaminosa em qualquer cultura, mas temo que muitos líderes em potencial são desprezados por causa de compreensões erradas sobre a maneira como as pessoas em diferentes culturas se comunicam.

3. Aceite a falha como uma oportunidade

Por vezes estamos muito cheios de orgulho e achamos que, se uma pessoa que está sendo disciplinada por nós cai novamente no mesmo erro, isso é de alguma forma uma marca ruim contra o nosso ministério. Mas, sinceramente, se não falhamos, não estamos crescendo. Cometeremos alguns erros com a liderança.

Jesus deu aos seus primeiros discípulos espaço para errar. Eles aprenderam frequentemente no calor da batalha. De modo semelhante, precisamos afrouxar as rédeas e lutar contra o temor de que nossos discípulos não estão preparados para o ministério. Esse receio é devastador no campo missionário; trava o ministério. Há momentos para cautela, há momentos para assumir riscos.

4. Procure por líderes improváveis

Alguns de nós não confiam no poder do evangelho e do Espírito Santo para transformar pessoas improváveis. Procure novamente na sua congregação pelo diamante bruto, a pessoa que não aparenta ter nem um pouco de matéria-prima para liderança. Invista tempo nessa pessoa, e é possível que Deus lhe surpreenda. Mas de uma coisa podemos estar certos, se

esperarmos por líderes em comunidades carentes que tenham a aparência de um cristão de classe média, esperaremos sentados.

Já ouvi histórias fabulosas de pessoas que transformaram igrejas capengas em congregações com milhares de membros. Já fiquei admirado com plantadores de igreja na Índia que plantaram dúzias de igrejas aos vinte anos de idade. Mas, honestamente, eu me interesso mais pelos que tentaram e fracassaram.

Conheci um jovem faz alguns anos. Ele apareceu na minha igreja, e descobri que ele fazia parte de uma parte de uma equipe plantadora de igrejas na Ásia que havia sucumbido. Dez pessoas se juntaram para plantar uma igreja internacional, e uma a uma foram desistindo e voltaram para seus países. Ao final das contas, ele foi o único que sobrou. Quando o conheci, parecia surrado e derrotado. Depois ouvir sua história, eu o contratei quase que imediatamente.

O fracasso é o solo fértil para a humildade. Muitos dos jovens plantadores de igrejas são arrojados e orgulhosos porque ainda não foram atingidos pela derrota. Fiquei impressionado com o fato de que este homem foi a última pessoa que resistiu em sua equipe. Isso me disse tudo que eu precisava saber acerca do espírito perseverante dele. Depois de ser treinado por mim durante um ano, a fé dele foi renovada e sua confiança foi restaurada. Ele também ensinou à minha equipe lições preciosíssimas.

Algumas das conversas mais proveitosas que tive aconteceram com pessoas que lutavam (ou fracassavam!) em lugares difíceis. Conheço homens que já tentaram plantar ou revitalizar inúmeras vezes antes de ver frutos duradouros. Conheço outros que desistiram e retornaram ao mercado de trabalho. Eu procuro intencionalmente essas pessoas, pois os erros que cometeram e as lições que aprenderam são de grande valor para mim.

Quando pensar em recrutar de uma equipe, não procure apenas aqueles seminaristas formados, espertos e cheios de si, mas procure pessoas que já apanharam na vida ministerial. Estas normalmente são membros de equipes fabulosos.

5. Trate como um ministério intercultural

Se você é um estrangeiro entrando num ministério entre os necessitados, precisa estar sensível ao fato de que fará parte de um trabalho intercultural.

Não cometa o erro de achar que você compartilha valores culturais com os outros simplesmente por ser do mesmo país ou por falar a mesma língua. Na realidade, creio que antes de considerar trabalhar num conjunto habitacional ou em algum projeto, você deve buscar alguma experiência intercultural. Isso vai motivá-lo a fazer perguntas difíceis sobre si mesmo e suas próprias preferências culturais, e quem sabe lhe revele algumas coisas que você hoje não enxerga. Tomara que tudo isso lhe conduza a procurar soluções bíblicas à medida que você trabalha fora da sua zona de conforto.

Pessoas e lugares não são fundamentalmente coisas a serem consertadas. Se você chega em uma comunidade carente com qualquer coisa diferente de amor e carinho, já fracassou antes mesmo de começar. Os perigos e as dificuldades da comunidade carente podem parecer diferentes dos perigos e das dificuldades da sua comunidade de origem, mas toda cultura as tem. Acontece é que vemos os problemas dos outros com mais clareza. Nosso papel não é consertar a cultura toda, mas partilhar as boas-novas e discipular quem Deus atrai para si. Temos de tomar cuidado com o nosso etnocentrismo.

Precisamos batalhar também para aprender sobre a cultura na qual estamos entrando. O apóstolo Paulo investiu tempo caminhando por Atenas antes de pregar no Areópago. De igual modo, precisamos observar cuidadosamente a cultura ao nosso redor; não podemos presumir que compreendemos tudo. Precisamos ser questionadores vorazes:

- Quais são algumas das virtudes e algumas das fraquezas da cultura na qual estamos entrando?
- Quais são nossas próprias virtudes e fraquezas?
- Quais princípios bíblicos transcendem ambas as culturas?

6. Agarre o conflito como uma oportunidade

A maioria das pessoas não gosta de conflitos, o que faz todo sentido. Tensão, frustração e palavras duras tornam a vida diária menos agradável. Mas, quando começamos a estruturar nossas equipes para evitar conflito, aí temos um problema. A diversidade de opiniões, habilidades e panos de fundo necessários para se criar uma equipe eficaz criará um ambiente no qual as pessoas estão propensas a mal-entendidos e diferenças de opinião. Mas não queremos valorizar a tranquilidade a ponto de escolhermos apenas homens e

mulheres que concordam conosco. Queremos pensadores fortes, livres, que se submetem à autoridade, mas que ajudam a equipe a ir em frente.

Se você monta equipes com seres humanos pecadores, pode esperar conflito. Isso é especialmente verdade se misturar nativos e estrangeiros culturais. Recebo pessoas toda semana com questões: alguns que se desentenderam, outros que fizeram leituras erradas das motivações do próximo e outros que comunicaram seus próprios sentimentos ou intenções verdadeiros de uma maneira inapropriada. Isso é normal e não deve ser evitado. Ao contrário, isso deveria ser usado como uma oportunidade para resolver problemas e explorar as questões centrais que estão abaixo da superfície.

Quando lidamos corretamente com um conflito entre membros de uma equipe, todo mundo sai ganhando. As dificuldades são resolvidas em vez de serem varridas para baixo do tapete; cristãos maduros crescem em paciência, e novos convertidos aprenderão a lidar com diferenças de maneira construtiva e piedosa. O processo de santificação abençoa todos.

7. Desenvolva modelos de treinamento teológico culturalmente relevantes

A maior parte das igrejas espera que o treinamento teológico seja feito em seminários e faculdades cristãs. E, enquanto esse sistema oferece inúmeros benefícios, normalmente funciona contra as pessoas de uma realidade carente. Ele simplesmente não é um modelo eficaz para treinar o número de cristãos nativos necessário para o ministério em áreas carentes. A maioria deles não teria aprovação para entrar nesses seminários ou faculdades, e muitos não iriam por não terem as condições de se manter mesmo que fossem aceitos.

Ao contrário, precisamos retornar às raízes da educação teológica sob medida para um contexto específico e conduzida pela igreja local. Se as igrejas abraçarem a responsabilidade, estarão numa ótima posição para combinar educação doutrinária com aplicação missiológica prática e desenvolvimento de caráter pessoal. Precisamos trabalhar para combinar a educação teológica contextualizada, que é útil para o nosso povo e que é guardada, governada e avaliada pela igreja local.

8. Estabeleça equipes multiculturais

Considerando a realidade inconstante das sociedades ocidentais, é difícil encontrar um cerne cultural comum em vários lugares. Uma comunidade pobre normalmente é a mistura de pessoas de todos os tipos de histórico pessoal: os eternamente “pobres”, pessoas de classe média procurando renovar sua vizinhança, pessoas da classe trabalhadora e comunidades imigrantes crescentes. Muitas vizinhanças formam um emaranhado interessante de humanidade.

Para alcançar esses lugares diversos, precisamos desenvolver equipes multiculturais. Pode ser que as equipes tenham algum tipo de ineficiência (veja o item sobre conflitos), mas serão mais fortes e mais eficazes com o passar do tempo. Equipes diversificadas têm menos pontos cegos e variedade maior de experiências, expectativas e personalidades. Elas têm a capacidade de se conectar com uma porção maior da comunidade. Quer gostemos ou não, gostos atraem gostos, e não há nada mais forte do que uma equipe feita de diferentes tipos de pessoas e personalidades trabalhando juntas para a glória do evangelho.

9. Esteja ciente de sua propensão pessoal em relação ao comportamento

Precisamos ter o cuidado de garantir que o desenvolvimento da nossa liderança estabelece os limites bíblicos. Se um jovem ou uma mulher é convertido e teve um estilo de vida de entorpecentes e de imoralidade e então passa para a liderança do ministério, quais são expectativas realistas para a conduta dessa pessoa?

- Tem problema ela vestir roupas esportivas no culto?
- Ela precisa parar de fumar?
- Ela precisa falar como uma pessoa educada?
- Ela precisa expressar seu louvor a Deus de uma forma específica?

Precisamos começar a separar o que a Bíblia diz das nossas preferências culturais. Fumar é estúpido, mas não estou convencido de que é sempre um pecado. Olhe para qualquer foto de um corpo docente de um seminário nos anos 1940; quase todo professor está segurando um cigarro. Mas muitas pessoas de classe média condenam quem gasta seu dinheiro com cigarros ao

passo que gastam centenas de dólares mensais habituais na Starbucks. Precisamos dar duro para nos certificarmos de que edificamos as equipes no evangelho, e não primeiramente em leis nem certamente em nossos ideais culturais. Certamente o pecado precisa ser desafiado, mas precisamos confiar no Espírito Santo de Deus para convencer verdadeiramente a vida de uma pessoa. Se assim não fizermos, o que restará será os juízos, a desconfiança e a falta de amor, de compreensão e de paciência entre nós.

10. Seja honesto quanto aos custos

Igrejas em áreas carentes não têm condições de se manter apenas aos domingos pela manhã. Chegar a Cristo nos conjuntos habitacionais é algo caro; é normalmente algo semelhante a uma pessoa que se converte do islamismo. É possível que familiares, amigos e sócios dos novos convertidos não falem nada a princípio, na expectativa de que essa religião recém-descoberta seja apenas um modismo. Mas, à medida que o tempo passa, a oposição se levanta contra a pessoa e contra a igreja. Quando um traficante de drogas ou uma prostituta se rendem a Cristo, vidas correm perigo. Cafetões, membros de gangues e parceiros de abuso não aceitam bem perder pessoas que têm servido aos seus propósitos.

Sendo assim, os novos convertidos precisam de mais do que apenas um encontro semanal. Precisam de uma nova família. Precisam ser capazes de sair conosco, de fazer perguntas a nós, de orar conosco diariamente. Eles experimentarão ataques espirituais violentos por parte de Satanás e precisarão de seus irmãos e suas irmãs próximos deles nos momentos difíceis. O discipulado sem uma amizade profunda não passa de uma membresia num clube.

Conclusão

Quer estejamos em plantação pioneira de igreja, em revitalização ou no pastorado em lugares difíceis, precisamos de líderes bíblicos e centrados no evangelho que possam ilustrar a saúde e o crescimento espiritual para a congregação. É claro que, se a sua congregação não tem líderes, ou se ela se opõe positivamente aos líderes, então fica difícil. Ainda assim, faça a transição da liderança quanto antes.

Por exemplo: Ian, plantador de igreja num lugar difícil na Inglaterra, dirige um pequeno grupo de novos convertidos que procuram começar uma igreja local. Uma vez que não conta com homens cristãos maduros, ele fez uma parceria com a *Niddrie Community Church* e se submeteu voluntariamente à prestação de contas à nossa liderança até que consiga criar, discipular e treinar seu próprio grupo de líderes. Isso é benéfico a ele pois (1) fornece apoio e encorajamento mútuos de homens experientes e piedosos, e (2) protege o grupo inexperiente de ser dominado por sua personalidade e visão. Ele tem um grupo são de homens em quem pode se achegar antes de tomar decisões por conta própria. Isso é importante pois protege o grupo de ficar completamente dependente dele e lhe dá o tempo que necessita para pensar como desenvolver seu treinamento de discipulado e de liderança à medida que as pessoas respondem ao chamado de Cristo a elas.

Mike e eu sabemos que não acertamos em tudo. Esperamos que o compartilhamento de alguns de nossos erros, experiências e dicas que coletamos ao longo do caminho possam ajudá-lo. Mas reconhecemos que a prática acaba sendo inadequada e, pelo menos desse lado do céu, a realidade nem sempre será conciliada com os ideais em nossas mentes. É mais fácil escrever sobre essas coisas do que viver. Mas a nossa esperança é que quaisquer que sejam seus dons, experiências e oportunidades, você considerará debaixo de muita oração como pode fazer parte do espalhamento do evangelho através da igreja local em lugares difíceis.

CAPÍTULO 12

PREPARE-SE PARA O MINISTÉRIO DE MISERICÓRDIA?

Honestamente, não queríamos escrever este capítulo. Para a maioria dos evangélicos, ao pensar no ministério entre pessoas carentes, a conversa começa e termina com atos de ajuda prática e de benevolência. Se uma igreja está envolvida em ministérios de misericórdia, oferecendo coisas como alimentos, roupas ou sacolas de comidas para crianças das escolas locais, a hipótese é que eles estão alcançando o pobre da mesma maneira que você pode fazer.

Parte do nosso propósito neste livro é colocar os ministérios de misericórdia no centro da conversa. Queremos que o evangelho e a igreja local ocupem essa posição privilegiada, pois cremos que é o lugar deles no plano da Bíblia que visa alcançar o mundo para Cristo. Sendo assim, algo dentro de nós que se opõe a isso queria fazer uma simples afirmação sem mencionar nada sobre os ministérios de misericórdia. Mas sentimos que atos organizados de cuidado prático podem exercer um papel na igreja que procura alcançar a comunidade carente e, sob a possibilidade de fugir um pouco de nosso propósito maior, eis algumas coisas com as quais você precisará lutar antes de começar a fazer sopa na sua igreja.

A igreja tem uma missão

O Cristo ressurreto deu ao seu povo uma missão: no poder do Espírito Santo, ele deve pregar o evangelho e formar igrejas a partir dos novos cristãos. Em

Mateus 28.19,20, Jesus envia seus discípulos para fazer outros discípulos a partir das nações e para ensiná-los a obedecer (veja o capítulo 3 para saber mais sobre isso). Em Atos 1.8, Jesus ordena aos seus que sirvam de testemunhas até os confins da terra. Então, enquanto uma igreja pode fazer inúmeras coisas diferentes para cumprir essa missão, tudo que ela faz deve visar àqueles objetivos finais: proclamar o evangelho e ajudar as pessoas a crescerem em sua obediência a Deus. A Starbucks vende café, a Listerine faz produtos para higiene bucal, e a igreja prega o evangelho e treina as pessoas para obedecer a Deus fazendo a obra do ministério. Se não fizermos isso, ninguém mais fará. Se fizermos outra coisa, estaremos saindo dos trilhos[18].

Os ministérios de misericórdia podem servir à missão da igreja

Os ministérios de misericórdia podem ser uma maneira útil para que uma congregação cumpra a sua missão. Por exemplo: eles podem fornecer uma oportunidade para que as pessoas obedeçam a Cristo de maneiras práticas. À medida que o coração delas é cativado pela compaixão de Cristo, parte do seu crescimento em piedade pode tomar a forma de um cuidado aumentado pelos fardos físicos e emocionais das pessoas carentes. Afinal de contas, a Bíblia é cheia de instruções para que o cristão seja cuidadoso, generoso e misericordioso. Nesse sentido, um ministério de distribuição de alimento ou um programa de reabilitação de viciados pode ser o fruto de uma igreja cheia de cristãos que obedecem a Cristo.

Os atos de misericórdia também são capazes de evidenciar o poder transformador do evangelho em nós. Quando ajudamos o próximo, evidenciamos que a nossa mensagem é verdadeira. Se alegamos que o evangelho tem o poder de mudar vidas, então a nossa misericórdia é uma das provas disso. Num mundo onde a maioria guarda tudo para si e cuida apenas dos seus, o cristão tem uma oportunidade de impactar os outros com amor inexplicável e atitude altruísta.

Quando ajudamos o próximo de formas práticas, reconhecemos que Deus nos criou como seres humanos. A condição do nosso corpo impacta grandemente a nossa vida. A vida é mais complicada quando estamos com fome, frio, drogados, doentes ou em apuros. Sendo assim, a proclamação evangelística não reconhece que os fatores físicos em ação na vida de seus ouvintes podem torná-los surdos e insensíveis. É importante reconhecermos

que existe uma ordem para as nossas necessidades, e que, por vezes, nossas maiores necessidades não são as imediatas. Consequentemente, podemos dizer confiantemente que a maior necessidade do ser humano é ser reconciliado com Deus por meio da fé em Cristo. Mas, se alguém vai até você com um corte profundo na cabeça, essa necessidade, embora inferior, também precisa ser tratada. Você primeiro precisa cuidar do ferimento na cabeça, depois compartilha o evangelho.

É igualmente importante que os ministérios de misericórdia sejam capazes de gerar oportunidades para partilhar o evangelho. Todos nós gostamos de estar ao redor de pessoas que são gentis, que se interessam pela nossa vida e que demonstram desejo de nos ajudar. Por isso, demonstrar cuidado prático para com o próximo é uma maneira fácil de construir pontes em nossa comunidade. Eis aqui alguns exemplos da igreja do Mike:

- Um plantador de igreja ministrando entre pessoas carentes leva algumas sacolas de alimento consigo quando vai visitar pessoas em suas casas. Esse presente tem papel importante na concretização dessa amizade na qual o evangelho pode ser partilhado.
- Pessoas da igreja ajudam crianças muito pobres da escola municipal. Os membros da igreja constroem um relacionamento com os alunos e suas famílias bem como as convidam para se envolverem com a plantação de uma igreja na região delas.
- Um grupo de adolescentes complicados é hospedado na igreja a cada semana. Eles recebem alimentação, oportunidade de sair com os amigos num ambiente seguro e de construir relacionamentos com modelos sadios de adultos. Toda semana eles ouvem uma lição da Bíblia que leva o evangelho às suas vidas.

É claro que todos devemos partilhar Cristo com as pessoas cuja vida naturalmente está relacionada à nossa, como vizinhos, amigos e colegas de trabalho. Mas ir em direção aos necessitados com atos de misericórdia oferece uma oportunidade para construir relacionamentos com pessoas com quem, em outras situações normais, não teríamos qualquer contato.

Os ministérios de misericórdia são perigosos

Dito isso, somos muito cautelosos com a forma que muitas igrejas abordam seus ministérios de misericórdia. Posso dizer que, francamente, muitas igrejas

que tentam ajudar os necessitados de maneiras práticas acabam fazendo mais mal do que bem. Embora não seja o caso de toda situação, eis algumas coisas que temos visto acontecer e que nos fazem pensar.

1. As pessoas abusam facilmente dos ministérios de misericórdia. Eu (Mez) vivi nas ruas desde a minha adolescência até quase os meus trinta anos. Sempre fui capaz de encontrar lugares que me dariam café da manhã, roupas limpas, banho e algum alimento. Aqueles de nós que viveram e respiraram essa imensa subcultura invisível sabem como o sistema funciona. Sabíamos exatamente o que fazer e dizer para obter o que queríamos com pouquíssimo compromisso. As igrejas eram, particularmente, alvos fáceis, pois as pessoas eram geralmente boas e gentis conosco, mas menos espertas do que as agências do governo; sendo assim, tudo o que se precisava fazer era ouvir algum papo sobre Deus e, quem sabe, pegar um livreto deles. Depois disso podíamos ir embora. A constância das perguntas podia até ser irritante, mas, uma vez que você descobria o que as pessoas da igreja queriam ouvir, não era difícil aplacá-las. Elas conseguiam dizer coisas boas a respeito de Deus e ser gentis com o necessitado, que, por sua vez, conseguia o que queria. O que parecia ser um próspero ministério de misericórdia era, na realidade, um alvo fácil de pessoas egoístas.

2. Os ministérios de misericórdia apoiam o pecado. Embora isso não seja verdade a respeito de todas, precisamos ser honestos: grande parte das pessoas que se utilizam ministérios de misericórdia das igrejas vivem em estilos de vida pecaminosos. Alimentar um preguiçoso simplesmente encoraja o pecado e lhe capacita a evitar as consequências de suas ações. Dar roupas a um viciado em drogas pode simplesmente fornecer a ele algo para vender em troca de mais drogas. Fornecer abrigo para um sem-teto pode desmotivá-lo de se reconciliar com a família.

Se você der peixe a um homem, ele não apenas estará de volta no dia seguinte para receber mais como você corre o risco de reforçar os mesmos problemas que o levaram a procurar por ajuda inicialmente. Em outras palavras, uma coisa é dar alimento para uma pessoa que trabalha (ou que deseja trabalhar, mas não consegue) e está simplesmente faminta. Outra coisa completamente diferente é dar alimento para uma pessoa cujo pecado a obriga a *não* trabalhar, bem como a procurar por doações pois ela acha que merece. Nesta segunda situação, você corre o risco de confirmar e capacitar as pessoas em seu pecado e, portanto, está encorajando a pessoa a pecar.

3. Os ministérios de misericórdia podem ser paternalistas e ensimesmados. Se formos honestos, a maioria dos ministérios de misericórdia não vão além de fazer com que as pessoas se sintam bem consigo mesmas. A maioria desses ministérios é executada por pessoas de classe média que amam Cristo e que normalmente são motivadas por uma mistura de intenções piedosas e de culpa inapropriada. Em vez de ajudar, muitos desses ministérios de misericórdia se contentam em fazer coisas que aparentam ajudar. O resultado final é um programa que torna as pessoas dependentes de doações e daqueles que se encontram "acima" delas na escala social. Poucos frutos duradouros surgem a partir de ministérios como esses, mas ninguém deseja extingui-los, pois isso pode parecer falta de interesse pelo necessitado.

O ativista canadense contra a pobreza chamado Nick Saul provocou comoção mundial com uma declaração sobre os bancos de alimentos. Ele os criticou por se tratarem de "pessoas favorecidas ajudando pessoas desfavorecidas, perpetuando uma atmosfera de distinção"[19]. Ele acredita que os tradicionais bancos de alimentos não ajudam, de fato, os necessitados. O alimento que fornecem normalmente é de baixa qualidade, e o processo não faz nada para melhorar a dignidade e a autoestima de seus clientes, ou para ajudá-los a conseguir um emprego, ou para sair da pobreza, ou para melhorar sua saúde e seu bem-estar. A fome imediata da pessoa é satisfeita, mas isso não dura muito. Eis o comentário assustador dele sobre a maioria das iniciativas dos bancos alimentares: "A única pessoa que não se beneficia é exatamente a que deveria ser ajudada. A maioria dos que visitam os bancos de alimentos dizem que eles são uma morte lenta e dolorosa da alma"[20].

Poucas coisas são mais tristes do que ver um frequentador regular de sopão. Trata-se de uma caricatura. As pessoas normalmente não estão sendo conduzidas a uma autossuficiência digna; não estão sendo verdadeiramente ajudadas. Não estão sendo desafiadas e equipadas para ajudar a si mesmas. Sendo assim, precisamos perguntar: se os ministérios de misericórdia não estão realmente satisfazendo as necessidades dos pobres, as necessidades de quem estão sendo satisfeitas?

4. Os ministérios de misericórdia promovem a estranheza missionária. Talvez, o maior perigo seja o fato de que os ministérios de misericórdia podem distrair uma igreja de sua principal missão. Eles são oportunidades atraentes de serviços para os cristãos. É possível obter praticamente o dobro

de pessoas trabalhando num sopão do que conseguimos para um trabalho de evangelismo. Afinal de contas, o mundo nos aplaudirá por alimentarmos os necessitados. Alimentar os necessitados faz nos sentirmos bem; quem sabe (se formos honestos) nos faça sentir como se fôssemos melhores do que todas as outras pessoas que não aparecem para ajudar. Mas o evangelismo e o discipulado nem sempre acontecem com a mesma explosão de satisfação. Por vezes, essas duas iniciativas significarão rejeição e promoverão conversas estranhas. Existe uma tentação real de nos contentarmos em simplesmente satisfazer as necessidades físicas das pessoas. Mas isso é como se o rabo balançasse o cachorro.

Entretanto o que os necessitados mais precisam é do evangelho de Jesus Cristo (veja o capítulo 1), e a igreja é o meio pelo qual o evangelho é proclamado. Se nós não fizermos, essa proclamação não ocorrerá. Assim, todo trabalho eclesiástico em áreas carentes precisa estar atento para se certificar de que não sai dos trilhos por meio desse trabalho com as necessidades físicas das pessoas.

Executar bem o ministério de misericórdia é difícil e consome tempo

Conforme dissemos, não somos contra os ministérios de misericórdia. Estamos simplesmente dizendo que se formos executá-lo, precisamos fazê-lo de maneira que seja coerente com a missão da igreja. Mas, se fizermos isso, precisamos estar preparados para investir muito tempo e esforço.

Os ministérios de misericórdia precisam ser realizados num contexto de relacionamentos e de prestação de contas. Nenhuma estrutura de prestação de contas funciona perfeitamente; sempre haverá pessoas que burlam o sistema. Não estamos com isso sugerindo que espere para iniciar um ministério de misericórdia até que esteja cem por cento certo de que as pessoas não tirarão vantagem de você. Mas, se deve existir uma única diferença entre o estado e a versão eclesiástica das doações, é que a igreja deve fazer suas doações num contexto de relacionamento com cristãos.

Isso vai variar muito de contexto para contexto e talvez de época para época na vida da sua família. Mas, independentemente disso, esse trabalho significa que os cristãos terão de sacrificar *tempo*, pois os relacionamentos consomem tempo. Parece muito mais fácil simplesmente doar alimentos enlatados e nos sentirmos bem, não? Mas somos chamados também a doar o

nosso tempo. Em minha (Mike) própria vida, isso tem envolvido coisas como dar um jantar semanal junto com estudo bíblico para pessoas sem-teto e jogar futebol com adolescentes latino-americanos.

Quando o Senhor abençoa nossos esforços e vemos o fruto deles, temos de estar preparados para discipular novos convertidos e ajudá-los a se engajarem e a ministrarem plenamente na vida da congregação. Mas, se começamos um ministério de misericórdia sem um plano de ir além do estágio de intervenção de crise, jamais iremos além dos primeiros estágios de discipulado com uma pessoa carente. Sendo assim, as igrejas precisam pensar nas ramificações de longo prazo do seu ministério com os necessitados. Precisamos pensar sobre o que faremos com as pessoas que se convertem através de um ministério de misericórdia. Qual será a estratégia de discipulado? Quem cuidará dessas pessoas? A quem elas prestarão contas? Como daremos continuidade à caminhada delas com o Senhor Jesus? Como lhes prepararemos para o serviço que Deus tem para elas uma vez que agora elas são salvas? Como identificaremos e treinaremos ex-traficantes de drogas, ex-sem-teto ou ex-criminosos sexuais que o Senhor chamou para o ministério de tempo integral?

Na *Niddrie Community Church*, o Espírito Santo de Deus tem trazido muitos à fé a partir de uma comunidade mais ampla. A estrutura da igreja tem uma trajetória clara desde o evangelismo, passando pelo primeiro discipulado até chegar ao trabalho que honra ao Senhor – quer no emprego secular, quer no ministério vocacional. Alguns dos que participam do programa de treinamento já foram sexualmente abusados, abandonados, viciados ou rotulados como doentes mentais; outros vêm de lares estáveis e amorosos. Daqueles que a igreja treina teologicamente, pelo menos dois terços são pessoas com históricos de vício, desabrigo ou abuso[21]. Na realidade, o próprio Mez é um produto de um investimento pesado da igreja local em sua vida *depois* de tê-lo alcançado nas ruas e dele ter gastado um tempo na prisão.

Este é realmente o cerne da questão. Será que nos contentamos em alimentar aquele que tem fome? Isso é bom, mas é menos do que o amor cristão pleno. Será que nos contentamos em compartilhar o evangelho com as pessoas? Isso é muito melhor do que o alimento, mas não é o fim do trabalho. Não, o amor cristão deseja ver na vida das pessoas o mesmo que Deus deseja

ver nelas: uma obediência frutífera e fiel a Cristo. Então, avalie o custo. Se você não tem a disposição de investir tempo para ver o trabalho completo, então é melhor você nem iniciar um ministério de misericórdia.

Conclusão

Existem diferentes tipos de "lugares difíceis", e as igrejas precisam compreender seus lugares difíceis. Num lugar como a Escócia, no qual gerações de pessoas foram criadas e sustentadas com base em doações do governo, encontramos uma forte mentalidade de que têm direito a tais benefícios. Uma igreja naquela região corre o grande risco de potencializar as pessoas em seu pecado de explorar o próximo. Uma igreja pode escolher distribuir peixe, mas também pode escolher fazer o inesperado de apenas entregar a vara de pescar do evangelho, e não o peixe, pelos menos de forma programática. Os presbíteros e membros entregarão o peixe de maneira pessoal e privada, mas isso forçará as entregas a sempre acontecerem no contexto dos relacionamentos. Dessa maneira, quando encontrar versões adolescentes do Mez, você lhe dará um almoço, mas ele terá de comê-lo junto com você! Por outro lado, os imigrantes do norte da Virgínia têm uma forte ética trabalhista, embora com grandes necessidades de volta a seus países de origem, com baixos salários e oportunidades inconsistentes que conspiram para a criação de uma pobreza aguda. Uma igreja num contexto daqueles (como a do Mike) talvez tenha mais oportunidade para demonstrar o amor de Cristo dando tanto a vara de pescar quanto o peixe. Se deseja executar um ministério de misericórdia na igreja, você precisa considerar, com muita oração, o seu contexto, precisa avaliar constantemente o trabalho que tem realizado e estar disposto a ajustá-lo à luz das realidades desse contexto.

Conforme dissemos, nós relutamos em escrever este capítulo. Percebemos que escrever qualquer coisa negativa a respeito dos ministérios de misericórdia significa que provavelmente seremos vistos como Republicanos (o que não somos) e tolos (o que apenas um de nós é). Mas certamente não achamos que nossa mensagem é desprovida de amor e de graça. Somos muito gratos pelas pessoas que servem sacrificialmente às necessidades práticas do pobre, do sem-teto, do mentalmente doente e das pessoas "em risco" nas nossas comunidades mais necessitadas. Essas pessoas devem ser aplaudidas e apoiadas por todos os pastores e cristãos. Nós simplesmente não queremos

ver a igreja se focar em satisfazer necessidades práticas e, por conta disso, se desviar completamente de sua missão graciosa.

18. Para uma defesa completa dessa ideia veja o livro de Kevin DeYoung e Greg Gilbert, *Qual a Missão da Igreja: Entendendo a Justiça Social e a Grande Comissão* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012)

19. Patrick Butler, "Food Banks Are 'a Slow Death of the Soul', *The Guardian*, 25 de setembro de 2013. http://theguardian.com/society/2013/sep/25/food-banks-slow-death-soul/.

20. Ibid.

21. Para uma visão mais ampla de como esse ministério é na prática, visite 20schemes.com.

CONCLUSÃO:
CALCULE O PREÇO...
E A RECOMPENSA

Eu (Mike) quero lhe contar duas histórias. Faz alguns anos, minha esposa e eu estávamos considerando a possibilidade de nos tornarmos pais adotivos. O fato de trabalharmos com crianças de risco em nossa comunidade pesou para que fôssemos um porto seguro para crianças que vivem em circunstâncias terríveis. Alguns dos jovens com quem nos relacionamos por meio da igreja e que tiveram seus próprios filhos, à luz da condição de vida atual deles e da falta de apoio em seus lares, nos obrigaram a contatar frequentemente o Conselho Tutelar pelo bem-estar tanto das mães quanto dos filhos. A paternidade via adoção pareceu uma ótima maneira de nos conectarmos com o campo missionário. Afinal de contas, sempre que o Conselho Tutelar precisasse retirar uma criança da nossa vizinhança de seu lar, poderia deixar a criança conosco. Já tivemos um relacionamento (ou, pelo menos, certo nível de separação relacional) com várias dessas famílias, de forma que o pensamento era que colocar uma criança sob o nosso cuidado seria menos traumático para a família e uma boa oportunidade para engajar as pessoas com o evangelho.

À medida que essa ideia começou a ganhar força, Karen e eu procuramos o conselho de pessoas na igreja. Muitas das respostas foram na linha daquilo que se espera – algo desde um modesto encorajamento (“acho legal a ideia”) até um modesto desencorajamento (“vocês acham que realmente existe

espaço para isso na vida de vocês?”). Mas, no geral, as pessoas nos apoiariam caso escolhêssemos dar continuidade à ideia.

Mas uma das reações realmente chamou a nossa atenção. Em suma, nos foi dito o seguinte: “Por que vocês odeiam tanto seus filhos?”. Uma pessoa falou por horas sobre como era incapaz de conceber seus próprios filhos se sentindo traídos e negligenciados caso ela trouxesse uma criança adotiva para o seu lar. Outra pessoa nos perguntou como éramos capazes de conceber a ideia de trazer impiedade e anormalidade para o frágil ecossistema da nossa família. Uma outra sugeriu que estávamos sacrificando o bem-estar dos nossos cinco filhos no altar das ambições missionárias.

Por conta da minha natureza (caída?), sou alguém contrário à opinião popular. Se você me disser que não consigo ou não devo fazer algo e me der um motivo pífio para o seu raciocínio, então ficarei mil por cento mais empolgado para fazê-lo. Mas minha esposa tem coração e consciência, e é muito mais impactada por esse tipo de crítica. Afinal de contas, havia certa quantidade de verdade naquilo. A adoção de um filho certamente impactaria nossos filhos. O impacto em nosso tempo e em nosso orçamento seria real; e possivelmente teríamos significativos problemas comportamentais. É impossível pensar num cenário em que uma pessoa estranha seria colocada em nossa família bem-ajustada sem que não custasse algo aos nossos filhos.

Sendo assim, como deveríamos tomar uma decisão? Por um lado, tínhamos a visão (indiscutivelmente ultrarromântica) de buscar salvar uma criança em condições complicadíssimas. Por outro, pensávamos na possibilidade (indiscutivelmente assustadora) de que nossos filhos começassem a odiar Deus e, eventualmente, se revoltassem e nos deixassem morrendo em asilos de segunda categoria.

No fim, acabamos nos tornando pais adotivos. Pouco tempo depois, uma adolescente da América Central foi levada para nossa casa. Seu padrasto em sua terra natal lhe havia vendido para alguns homens de um estado vizinho (nos Estados Unidos); ela conseguiu fugir do quarto onde era mantida presa e estava vivendo num abrigo para jovens numa cidade perto da nossa. Ela viveu conosco por seis meses e, sendo bem sincero, foi bastante difícil. Ela não falava inglês, e nós não falávamos nada de espanhol. Ela era uma garota doce, mas tinha um temperamento forte. Nossos filhos eram pequenos naquela época, e ter uma adolescente em casa foi como um choque para o sistema. Lágrimas rolaram.

Mas também foi algo muito bom. Essa jovem ouviu sobre o evangelho vez após vez. Ela viu o evangelho sendo vivido pela nossa família e em nossa igreja. Recebeu cuidado físico e emocional, provavelmente, pela primeira vez na vida. Não havia dúvidas de que ela continuaria nadando contra a maré no futuro visível. Mas também não tenho qualquer dúvida de que Deus nos usou para realizar seus propósitos na vida dela. Saí daquela experiência pensando: "Fico muito feliz por termos decidido adotá-la".

Agora, a outra história. Pouco tempo depois da adolescente deixar a nossa família, o Conselho Tutelar nos ligou novamente. Desta vez, eles precisavam de um lar para um garoto autista de onze anos. Seu lar original era instável, e ele não estava recebendo o cuidado médico e dental de que precisava. Num ambiente de educação e estável, ele poderia crescer bastante e se tornar alguém que funcionaria bem numa sociedade mais ampla. Mas, da forma como era, a negligência e o abuso em casa estavam simplesmente colocando o menino cada vez mais para baixo.

Mais uma vez nós decidimos buscar conselhos. Num almoço mensal para as famílias de presbíteros da igreja, contamos a todos qual era nossa situação. Estamos falando de nossos parceiros ministeriais mais próximos – homens e mulheres em cuja sabedoria confiamos mais do que de outros. E o conselho deles foi unânime: não deveríamos abraçar a oportunidade. Eles apontaram, de maneira amorosa, todas as formas nas quais nossas vidas já tinham sido transformadas até aquele momento. Apontaram para todas as necessidades atuais na igreja, as demandas dos nossos próprios filhos e uma série de outros fatores que surgiram em nossa vida desde a última experiência como pais adotivos. Para eles, estava evidente de que não era uma boa ideia.

Naquela noite, Karen e eu processamos a conversa que tivemos no almoço. O Conselho Tutelar precisava de uma resposta na manhã seguinte e, à medida que oramos e conversamos sobre isso, decidimos aceitar a colocação da criança. Foi estranho ir contra o conselho das pessoas em quem confiávamos, mas sentimos a necessidade de estarmos dispostos a pagar o preço de servir a Cristo e servir às pessoas necessitadas. Karen tem experiência médica significativa e nos sentimos particularmente qualificados para ajudar essa criança indefesa. Como poderíamos negar ajuda a ela? Fomos deitar determinados a ligar na manhã seguinte para o Conselho e a tomar os passos necessários para ter aquela criança conosco na semana seguinte.

Quando acordei, o primeiro pensamento depois do café que brotou na minha mente foi: “No que estamos pensando? Não podemos fazer isso”. De repente, eu estava completamente certo de que se tratava de uma ideia péssima. Nós simplesmente não tínhamos a capacidade para esse tipo de compromisso. O dano colateral em outros lugares e em outras vidas seria significativo. Quando fui falar com a Karen sobre a mudança de ideia, antes que as palavras saíssem da minha boca, ela exclamou: “Não podemos fazer isso”. Subitamente tínhamos certeza de nossa decisão; eu então liguei para o Conselho e recusei a proposta.

Uma semana depois, Karen caiu e quebrou as costas. Ela ficou no hospital por uma semana e depois ficou confinada a uma cama por algum tempo. E, em algum momento de todo o caos de emergência, lembro-me de ter pensado: “Obrigado, Senhor, por não termos uma criança autista adotiva conosco nesse momento”. Se ela estivesse conosco, muito provavelmente teria que passar pelo trauma de se mudar para uma outra casa enquanto Karen se recuperava. Parecia claro para mim que o Senhor havia nos salvado (e à criança) de uma situação terrível.

Assim sendo, como sabemos onde traçar a linha quando se trata de servir pessoas difíceis em lugares difíceis? Considerando que as necessidades são intermináveis e o chamado ao sacrifício é extremo, quando é correto rejeitar uma oportunidade para servir? Como você deve trabalhar para ver o evangelho sendo espalhado entre as pessoas carentes da sua comunidade? Será que você deve sair e procurar por oportunidades em outros lugares? As respostas para esse tipo de pergunta podem não ser fáceis e óbvias, mas eis aqui quatro princípios que podem nos ajudar a tomar decisões.

Princípio 1 — Deus não precisa de você

Uma das coisas que distinguem o verdadeiro Deus do universo dos ídolos das nações é sua autossuficiência. Os ídolos das nações são completamente impotentes (Salmos 115.4–7). Eles precisam ser carregados por aqueles que os criam (Isaías 46.7). Mas há algo na condição humana que prefere um deus como esse. Gostamos de controlar as coisas. Gostamos de achar que Deus precisa de nós ou que ele está em falta conosco de forma que podemos manipulá-lo com nosso comportamento. Mas, falando aos atenienses, o apóstolo Paulo corrigiu essa compreensão equivocada da natureza de Deus:

“O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais” (Atos 17.24,25).

Especialmente para aquele que está pensando no ministério entre os necessitados, o que Paulo fala aqui é de extrema importância. O verdadeiro Deus do universo é independente; ele não precisa de nada, nem do seu nem do meu serviço. Sendo assim, precisamos colocar na nossa mente que, enquanto Deus pode escolher nos usar para realizar seus propósitos, o espalhar do evangelho entre as pessoas carentes jamais depende de nós.

Os lugares difíceis no nosso mundo não precisam que você seja o salvador deles; Deus já proveu o Salvador para eles. Deus não envia seu povo para situações ministeriais por ser incapaz de realizá-lo por conta própria. Ao invés disso, ele escolheu generosamente nos abençoar nos dando a oportunidade de ministrar entre pessoas carentes. Temos o privilégio de participar na obra que Deus está fazendo no mundo.

Se isso não se tornar uma verdade para você, é bem provável que fique fatigado ou se torne amargo caso não veja o fruto imediato do seu trabalho ou quando as pessoas não apreciarem aquilo que você faz por elas. Se colocar o peso da salvação sobre os seus ombros, você descobrirá rapidamente que não dá conta da tarefa. Se acha que o Deus do céu está torcendo na esperança de que você consiga fazer tudo, então o seu fracasso ameaça destruí-lo e seu sucesso aparente o conduzirá ao orgulho.

Princípio 2 — Todo discipulado cristão tem um preço

Jesus disse algumas coisas que têm um som doce e amoroso para o nosso ouvido – coisas como “ame ao teu próximo” e “assim como quereis que os homens vos façam, do mesmo modo lhes fazei vós também”. Essa é uma religião que a maioria das pessoas concorda ser a correta. Podemos caminhar na direção do ministério entre as pessoas carentes com base nesse tipo de ordem. Não é de todo ruim.

Mas Jesus também disse algumas coisas genuinamente radicais, coisas que alienam muitos de nossos ouvintes e retratam algo extremo acerca do que significa segui-lo. Quero exemplificar com três passagens do evangelho de Lucas:

> Dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo? (Lucas 9.23–25)

> Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores. Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. A outro disse Jesus: Segue-me! Ele, porém, respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Mas Jesus insistiu: Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus. (Lucas 9.57)

> Grandes multidões o acompanhavam, e ele, voltando-se, lhes disse: Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. (Lucas 14.25,26).

Poderíamos dizer inúmeras coisas sobre essas passagens, mas para o nosso propósito é importante observarmos a figura mais ampla do que Jesus está dizendo: ser seu discípulo tem um preço alto. Não existe a opção do plano "sem sacrifício" para segui-lo. Se você quer segui-lo, então está entrando para servi-lo, independentemente do preço a ser pago. Se Jesus é Senhor, então ele deve estar no controle de todos os seus planos e decisões. De maneira clara, isso significa que não podemos dizer "não" simplesmente porque o ministério entre as pessoas carentes pode nos custar caro ou ser assustador. Seguir Cristo significa que podemos perder a própria vida, e qualquer um que não está disposto a isso não serve para ser seu discípulo.

Essa verdade tem sido entendida por gerações de missionários que levaram o evangelho para lugares perigosos. Essa verdade os fortalece enquanto enterram seus cônjuges e filhos no campo missionário. Essa verdade os conforta enquanto abrem mão de suas vidas. Essa verdade nos conforta, particularmente, enquanto pensamos no impacto que o trabalho com os necessitados deve ter sobre nossas famílias. Nenhum aspecto da nossa vida está proibido para Jesus. Num certo sentido, nada é "nosso".

Consequentemente, como seria a sua vida e a sua obediência a Cristo se você não tivesse medo do que poderia vir a perder?

Sou capaz de ouvir a objeção: “Mas, como pai, minha prioridade é evangelizar e discipular meus filhos! Me parece que você está dizendo que eu deveria tirar tempo e energia dessa tarefa”. Sim e, bem, sim. Os pais devem, sim, evangelizar e discipular seus filhos. Mas não poderia ser o caso de que o ato mais evangelisticamente eficaz que um pai ou uma mãe poderiam fazer seria mostrar para os filhos que Cristo é o maior tesouro que existe? Talvez parte de ser um bom pai é mostrar ao filho que, embora ele seja muito amado, ele não é o que de melhor existe no mundo; Cristo é. Ao vivermos uma vida sacrificial diante de nossos filhos, mostramos a eles o formato do discipulado cristão. Se jamais sacrificamos ou abraçamos uma situação difícil por medo de que ela possa custar algo aos nossos filhos, lhes mostraremos que, independentemente do que dissermos, eles, e não Cristo, são nossa maior prioridade.

A sabedoria se faz extremamente necessária aqui. Certamente não estou encorajando homens a ficarem longe de sua esposa e de seus filhos durante longas horas – “Mas é por causa do ministério, família!”. Quantos não são esposas e filhos que se revoltaram com a fé por causa de um marido ou de um pai que parecia cuidar mais do ministério do que deles?

Não estou também dizendo que o sacrifício é um fim em si mesmo. O objetivo não é procurar a coisa mais sacrificial do mundo e, então, fazê-la. Não somos todos chamados para fazer nossas malas e levar nossas famílias para pregar ao ar livre em Pyongyang. Há pouca virtude em se abraçar o perigo, ou a dor, ou o sacrifício para si mesmo.

Mas para a maioria de nós esse não é o precipício no qual provavelmente caímos. Como pastor, não sofro com um grupo de membros que tem se sacrificado em demasia. Pelo contrário, muitos de nós somos tentados a fazer de nossos filhos nossos ídolos, colocando o conforto e o desejo deles muito acima dos de Cristo.

Sendo claro, não estou propondo um “equilíbrio” entre trabalho e ministério. Estou lhe convocando a se entregar completamente ao ministério, e a se entregar completamente à sua família, e a permitir que sua esposa e seus filhos vivam as duas coisas *com* você. E isso normalmente significa que você terá de sacrificar algumas das coisas que esse mundo prega que busquemos.

Princípio 3 — Nem todo sacrifício é estratégico

Conforme dissemos, pode ser bem difícil saber o que devemos fazer em situações específicas. Existe uma tentação (tenho de dizer que amo encontrar isso em minha congregação) de levar a ideia de discipulado extremo de Cristo e de procurar segui-lo de formas extremas. E, enquanto isso pode ser uma boa ideia de vez em quando e pode haver inúmeras boas motivações envolvidas nesse impulso, por vezes o cristão não pensa claramente nas maneiras de investir melhor sua vida para proclamar o evangelho.

Vou explicar o que estou querendo dizer com isso. Usaremos o exemplo de dois membros de uma igreja:

- Charles é um nerd da tecnologia. Ele ganha muito dinheiro como desenvolvedor de software, mas é alguém bastante deslocado em situações sociais. Ele é uma pessoa bondosa, mas é tímido e tende a dizer coisas erradas quando fica nervoso.
- Linda é uma vendedora numa loja. Ela dá duro o suficiente para conseguir viver com seus dois filhos, mas é uma evangelista muito frutífera. Ela tem muito jeito para desenvolver relacionamentos com descrentes e levar a conversa para Cristo. Ela parece atrair as pessoas.

Digamos que num domingo na igreja tanto Charles quanto Linda ouvem um grande sermão acerca do preço do discipulado. Ambos estão convencidos de que o Senhor deseja que invistam mais de suas vidas para ver o evangelho espalhado entre o pobre e o necessitado na região onde vivem. Sendo assim, Charles decide largar seu emprego e começar a lecionar numa escola situada numa vizinhança carente que sua igreja está tentando ganhar para Cristo. Linda decide que deve começar a trabalhar em turno dobrado na loja para poder ter um dinheiro extra para dar aos pobres.

O que existe de errado com essa situação? Os dois estão vivendo de maneira radical; ambos responderam ao chamado extremo do discipulado com um ato de obediência. Mas não está claro se Charles e Linda estão agindo com sabedoria. Eles estão se sacrificando, mas não o estão fazendo estrategicamente. Eles não estão levando em consideração a forma como Deus os fez, com que dons Deus lhes presenteou, ou como poderiam usar suas decisões eficazmente para espalhar o evangelho entre os necessitados.

Charles é muito bom em fazer dinheiro. Então, enquanto trabalha para ser um melhor evangelista, ele pode ser melhor posicionado para usar seus dons para ajudar a financiar a proclamação do evangelho e o alívio aos necessitados. Por outro lado, Linda é muito boa em se conectar com as pessoas. Sendo assim, enquanto ela pensa em formas através das quais sua família pode contribuir mais para o avanço do evangelho, o tempo dela não é *mais bem* sacrificado trabalhando mais e recebendo um salário baixo. Pelo contrário, ela pode procurar formas de conseguir usar melhor seu tempo com as pessoas carentes da região em que vive.

É aqui que o envolvimento com a igreja local é importante. Numa igreja, há multiplicidade de dons, de forças, de obrigações e de recursos. Trabalhando juntos, as igrejas podem pensar em como cada um se encaixa melhor na figura maior e como pode usar os dons dados por Deus para ajudar a comunidade a ser alcançada com o evangelho.

Princípio 4 — Sacrifício e serviço são o caminho para a alegria final

Pense no que acontece quando alguém investe dinheiro no mercado de ações. A pessoa pega um recurso que possui (digamos, mil reais) e se sacrifica de tudo que poderia desfrutar em curto prazo (digamos, ir a vários restaurantes, comprar jogos de videogames ou roupas legais). Em vez de "desfrutar" de todos os benefícios que mil reais poderiam comprar agora, ela investe o recurso na esperança de obter um recurso maior no futuro (digamos, mil e quinhentos reais em alguns anos).

De forma semelhante, o cristão é chamado a investir sua vida neste mundo. Temos recursos (tempo, habilidades, dinheiro) que podemos usar para nos dar conforto e prazer agora ou podemos investi-los na causa de Cristo. Agora, pode ser que não valha a pena esperar vários anos para obter um retorno de R$ 500 em investimentos, mas pergunte a si mesmo: será que eu creio valer a pena investir tudo o que tenho na obra de Cristo? Será que ela oferece um bom retorno do meu investimento? A resposta a essa pergunta se encontra na conversa que lemos em Mateus 19:

> Então, lhe falou Pedro: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós? Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos

> de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe ou mulher, ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna. (Mateus 19.27–29)

Pedro abandonou tudo para seguir Cristo. Você é capaz de entender por que ele parecia nervoso, esperando por uma explicação. Então Cristo afirma que Pedro investiu sabiamente. O sacrifício das posses e da família proporcionará um rendimento eterno em seu investimento.

Se pudesse voltar no tempo e comprar ações de empresas como Apple ou Google, você seria louco se não o fizesse. Estamos falando de algo certo; é "impossível perder" com algo assim. Na realidade, você estaria louco se não usasse todos os seus recursos para investir o máximo que pudesse em empresas como essas. Da mesma forma, você deveria investir tudo que tem por causa do nome de Cristo. Estamos falando de um retorno surpreendentemente garantido do seu investimento!

Conclusão

Então, voltando à pergunta feita no começo deste capítulo: considerando que as oportunidades e as necessidades são ilimitadas, como saber o que devemos e o que não devemos fazer? Não existe resposta fácil para isso. Temos de examinar nosso coração e saber qual é a nossa inclinação para o medo, para o egoísmo, para a indiferença. Devemos também nos proteger do orgulho e do desejo de merecer a salvação por meio de nossos atos de serviço. Também devemos ser sábios para considerar nosso serviço à luz do nosso papel no ministério mais amplo da igreja local. Mas, ao final, a pergunta não é se o discipulado custará caro (isso já é certo), mas como podemos investir melhor nossas vidas no reino de Deus? Será que a recompensa vale a nossa vida inteira? Será que o reino de Deus nos lugares difíceis não é uma pérola de valor infinito – pela qual vale a pena vender tudo que se tem?



Sua igreja é saudável? O Ministério *9Marcas* existe para equipar líderes de igreja com uma visão bíblica e com recursos práticos a fim de refletirem a glória de Deus às nações através de igrejas saudáveis.

Para alcançar tal objetivo, focamos em nove marcas que demonstram a saúde de uma igreja, mas que são normalmente ignoradas. Buscamos promover um entendimento bíblico sobre: (1) Pregação Expositiva, (2) Teologia Bíblica, (3) Evangelho, (4) Conversão, (5) Evangelismo, (6) Membresia de Igreja, (7) Disciplina Eclesiástica, (8) Discipulado e (9) Liderança de Igreja.

Visite nossa página www.facebook.com/9Marcas



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso website www.ministeriofiel.com.br